

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEdu
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

SILVIA DIANA DE LIMA SILVA ORIQUE

**EDUCAÇÃO PARA A PAZ: UMA PROPOSTA DE PREVENÇÃO E REDUÇÃO DO
BULLYING EM UMA ESCOLA PÚBLICA**

JAGUARÃO

2021

SILVIA DIANA DE LIMA SILVA ORIQUE

**EDUCAÇÃO PARA A PAZ: UMA PROPOSTA DE PREVENÇÃO E REDUÇÃO DO
BULLYING EM UMA ESCOLA PÚBLICA**

Relatório Crítico-Reflexivo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Curso de Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Federal do Pampa – campus Jaguarão, como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes

JAGUARÃO

2021

SILVIA DIANA DE LIMA SILVA ORIQUE

EDUCAÇÃO PARA A PAZ: UMA PROPOSTA DE PREVENÇÃO E REDUÇÃO DO BULLYING EM UMA ESCOLA PÚBLICA

Relatório Crítico-Reflexivo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em educação.

Area de concentração: Planejamento educacional

Relatório Crítico-Reflexivo defendida e aprovada em 03 de dezembro de 2021.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes

Orientador

PPGEdu - UNIPAMPA

Prof. Dr. João Carlos Pereira de Moraes

PPGEdu - UNIPAMPA

Prof. Nei Alberto Salles Filho

UEPG

Prof. Dr. Renan Antonio da Silva

UECE



Assinado eletronicamente por **LUCIO JORGE HAMMES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 04/12/2021, às 07:26, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **JOAO CARLOS PEREIRA DE MORAES, Coordenador(a) de Curso**, em 04/12/2021, às 07:47, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0678613** e o código CRC **5574E8F5**.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

069e Orique, Silvia Diana de Lima da Silva
Educação para a paz: uma proposta de prevenção e redução do
Bullying em uma escola pública / Silvia Diana de Lima da Silva
Orique.
169 p.
Dissertação (Mestrado)-- Universidade Federal do Pampa,
MESTRADO EM EDUCAÇÃO, 2021.
"Orientação: Lúcio Jorge Hammes".
1. Educação para a paz. 2. Escola. 3. Bullying. 4.
Violência. I. Título.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu marido Cleiton,
meu grande incentivador e à minha filha
Waleska, minha pequena flor.

AGRADECIMENTO

Agradeço ao meu esposo Cleiton, por não medir esforços para que eu alcançasse meus objetivos, pelo companheirismo, pelo diálogo, por toda a caminhada sempre com muito amor e respeito;

À minha filha Waleska (my little flower), por ser carinhosa e compreensiva, colaborando sempre que precisei me dedicar aos estudos;

À minha família (pais, irmãos, sobrinhos e sobrinhas, cunhado e cunhadas, sogra), pelo apoio em todos os momentos, por acreditarem sempre em mim e pela união mesmo com a distância devido a pandemia;

Aos meus pais Luiz Fernando e Sirley, pelos valores transmitidos, por ressaltarem sempre a importância da educação. Agradecendo sempre minha mãe (My Queen), pela cumplicidade, pelo colo, pelo apoio incondicional e por ser uma leitora assídua dos meus trabalhos ao longo da minha vida acadêmica;

À minha irmã Cristiane por torcer por mim, comemorando junto a cada superação e pela ajuda, principalmente em relação às referências;

À minha tia Lúcia pelas conversas, pelas risadas, por todo o incentivo;

Ao meu orientador professor Doutor Lúcio Jorge Hammes pelo crédito, pela paciência, pelo apoio em todas as fases do mestrado e contribuição no curso de extensão/intervenção;

Aos palestrantes do curso de extensão, Prof. Dr. Nei Alberto Salles Filho, Jovane de Lemos Antunes, Nazine de Moura Bittencourt Ribeiro e Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes, os quais contribuíram muito durante a intervenção;

Aos professores Doutores Renan Antônio da Silva, Nei Alberto Salles Filho e João Carlos Pereira Moraes por aceitarem o convite para a banca, contribuindo para o meu aprendizado;

A todos os professores do Mestrado Profissional em Educação da Unipampa, os quais colaboraram nesta caminhada;

Aos colegas do mestrado, pela oportunidade de estar junto, pelas trocas, pela torcida;

À diretora da Escola Estadual de Ensino Médio Prof^a Aglae Kehl, Luciléia Arruda e a todos os profissionais pela receptividade, pelo carinho e contribuição durante a pesquisa;

Às minhas amigas, (Carla, Lia, Claudia, Danielle, Luciane, Hadiha, Kátia, Corina, Rozane) pelo carinho, amizade e pelos momentos de descontração;

À Krizia Ramires, por me incluir nas rodas de conversa e cursos, importante para meu aprendizado, assim como toda a confiança que deposita em mim;

À Eunice Oliveira, pela atenção dispensada e pela colaboração com as referências;

À Suellen Medeiros, a qual tornou-se uma amiga durante o mestrado. Obrigada pelas trocas, pelo incentivo, pela parceria nos trabalhos e nos estudos futuros. Repetindo suas palavras: "*amizade que começa na seleção de mestrado na concorrência de vaga para o mesmo orientador, não acaba*";

À Universidade pelo suporte disponibilizado em meio a pandemia;

A todos que me apoiaram e direta ou indiretamente contribuíram para a efetivação desta pesquisa.

“Precisamos contribuir para criar a escola que é aventura, que marcha, que não tem medo do risco, que recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, se adivinha, a escola que apaixonadamente diz sim à VIDA”.

Paulo Freire

RESUMO

Este Relatório Crítico-Reflexivo tem por objetivo analisar a elaboração de estratégias de enfrentamento do *bullying*, inserindo a Educação para a Paz em uma Escola Pública do município de Guaíba/RS. Como intervenção foi realizado um curso de extensão em formato remoto através de círculos de aprendizagem baseados nos círculos de cultura de Paulo Freire. Nos encontros foram trabalhados os conceitos de *bullying*, não violência/violência e cultura de paz, além do tema Educação para a Paz. Houve a participação de quatro palestrantes, os quais trabalharam questões sobre *bullying*, contribuição dos direitos humanos para a cultura de paz e sobre educação para a paz. Tratou-se de uma pesquisa intervencionista de natureza qualitativa. Os instrumentos adotados durante a pesquisa foram Entrevista diagnóstica, Diário de Campo, Pesquisa Bibliográfica, além dos círculos de aprendizagens em que através do diálogo entre os participantes debateu-se os temas disponibilizados havendo uma troca de saberes, de vivências. Os encontros também foram gravados e fotografados. Vídeos e slides foram ferramentas muito usadas como suporte. O referencial teórico foi vasto, mas alguns autores aparecem na pesquisa com mais frequência: Jares (2002), Freire (1987, 1992, 2011), Hammes e Selau (2009), Salles Filho (2009, 2013, 2016, 2018), Cardoso (2012), Silva (2010), Nascimento (2009), Minayo (2006), Lopes Neto (2005), Noletto e Diskin (2010). Para tratamento de dados foi utilizado a Análise de Conteúdo baseada em Bardin (1977), tendo três categorias: Bullying escolar: Uma violência silenciosa; Violência: Desrespeito e banalização da vida; Educar para a Paz. Durante os encontros foram discutidas ainda propostas de ações para enfrentamento do *bullying* na escola, inserindo a educação para a paz como forma de conscientização, a fim de construir uma cultura de paz

Palavras – chave: Educação para a paz, Escola, bullying, violência.

RESUMEN

Este Informe Crítico y Reflexivo tiene como objetivo analizar el desarrollo de estrategias para enfrentar el acoso, insertando la educación para la paz en una Escuela Pública de la ciudad de Guaíba/RS. Como intervención, se realizó un curso de extensión en formato remoto a través de círculos de aprendizaje basados en los círculos culturales de Paulo Freire. Los encuentros abordaron los conceptos de acoso, no violencia/violencia y cultura de paz, además del tema Educación para la Paz. Participaron cuatro visitantes que trabajaron en temas de acoso, la contribución de los derechos humanos a la cultura de paz y la educación para la paz. Fue una investigación intervencionista de carácter cualitativo. Los instrumentos adoptados durante la investigación fueron Entrevista Diagnóstica, Diario de Campo, Investigación Bibliográfica, además de círculos de aprendizaje en los que se discutieron los temas disponibles a través del diálogo entre los participantes, con intercambio de conocimientos y experiencias. Las reuniones también fueron grabadas y fotografiadas. Los videos y las diapositivas se utilizaron ampliamente como herramientas de apoyo. (2006), Lopes Neto (2005), Noletto e Diskin (2010). El marco teórico era amplio, pero algunos autores aparecen en la investigación con más frecuencia: Jares (2002), Freire (1987,1992, 2011), Hammes e Selau (2009), Salles Filho (2009, 2013, 2016, 2018), Cardoso (2012), Silva (2010), Nascimento (2009), Minayo Para el procesamiento de datos se utilizó el Análisis de Contenido basado en Bardin (1977), por tener tres categorías Acoso escolar: una violencia silenciosa; Violencia: falta de respeto y banalización de la vida; educar para la paz. Durante las reuniones también se discutieron propuestas de acciones para combatir el acoso escolar en la escuela, incluida la educación para la paz como forma de conciencia, con el fin de construir una cultura de paz.

Palabra-clave: Educación para la paz, Escuela, acoso, violencia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Caso Amanda Todd.....	25
Figura 2 - A história de Daniel Briggs.....	27
Figura 3 - Postagens após suicídio de Dielly Santos.....	28
Figura 4 - Vítimas fatais de Columbine.....	33
Figura 5 - Estátuas de bronze em homenagem às vítimas de Realengo.....	35
Figura 6 - Campanha antibullying da Secretaria Municipal de Educação de Goianésia.....	36
Figura 7 - Campanha antibullying do Município de Palmeirinha/PE.....	37
Figura 8 - Campanha antibullying Secretaria Estadual de Educação São Paulo.....	37
Figura 9 - Campanha antibullying Centro Universitário Maurício de Nassau Campus Ponta Verde/Maceió.....	37
Figura 10 - Campanha antibullying em Cuiabá.....	38
Figura 11 - Não Violência.....	48
Figura 12 - Paulo Freire recebe o Prêmio da UNESCO de Educação para a Paz em 1986.....	66
Figura 13 - Mapa do Município.....	67
Figura 14 - Casa Gomes Jardim.....	68
Figura 15 - Pier: Ponto Turístico de Guaíba	68
Figura 16 - Matadouro.....	69
Figura 17 - Localização da Escola.....	70
Figura 18 - A Escola.....	71
Figura 19 - Cinco Pedagogias Integradas da Paz (Slide).....	99
Figura 20 - Guernica: Pintura de Pablo Picasso (Slide).....	103
Figura 21 - Matanza en Corea: Pintura de Pablo Picasso (Slide).....	103

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tipos de vítima do <i>bullying</i>	23
Quadro2 - Consequências do <i>bullying</i>	24
Quadro 3 - Manchetes de violência.....	45
Quadro 4 - Tipologias de violência de acordo com a OMS.....	47
Quadro 5 - Frases Emblemáticas.....	55
Quadro 6 - Participantes da Pesquisa.....	75
Quadro 7 - Descrição da Aplicação dos Instrumentos.....	81
Quadro 8 - Roteiro do Curso.....	83
Quadro 9 - Contribuições no chat.....	93
Quadro 10 - Contribuições no chat sobre a apresentação.....	100
Quadro 11 - Respostas da atividade no chat.....	101
Quadro 12 - Participação no chat sobre violência.....	105

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE - Atendimento Educacional Especializado
BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento
CF - Constituição Federal do Brasil
CNJ - Conselho Nacional de Justiça
CIPAVE - Comissão Interna de Prevenção a Acidentes e violência Escolar
CTG - Centro de Tradição Gaúcha
ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA - Educação de Jovens e Adultos
EUA - Estados Unidos da América
FASE- Fundação de Atendimento Sócio - Educativo do Rio Grande do Sul
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MS - Mato Grosso do Sul
MST - Movimento dos Trabalhadores sem Terra
NEV - Núcleo de Estudos da Violência
OAB - Ordem dos Advogados do Brasil
OMS - Organização Mundial de Saúde
ONGs - Organizações Não Governamentais
ONU - Organização das Nações Unidas
PA - Pará
PUC - Pontifícia Universidade Católica
RS - Rio Grande do Sul
SEDUC - Secretaria da Educação
SMS - (Short Message Service) - Serviço de Mensagens Curtas.
SP - São Paulo
TAG - Transtorno de Ansiedade Generalizada
TEPT - Transtorno de Estresse Pós-Traumático
TJ - Tribunal de Justiça
TOC - Transtorno Obsessivo-compulsivo
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UNIPAMPA - Universidade Federal do Pampa
USP -Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

01. INTRODUÇÃO	16
2. CONCEITOS CENTRAIS DA PESQUISA	20
2.1 <i>Bullying</i>	20
2.1.1 Casos trágicos relacionados ao bullying.....	25
2.1.2 Casos trágicos relacionados ao bullying no Brasil.....	28
2.1.3 Legislação.....	39
2.2 Violência e não violência.....	40
2.3 Cultura de paz	56
3. EDUCAÇÃO PARA A PAZ.....	61
4. CONTEXTO DA PESQUISA.....	66
4.1 O Município.....	66
4.2 A Escola.....	69
5. CAMINHO METODOLÓGICO	74
5.1 Sujeitos da Pesquisa	74
5.2 Aspectos metodológicos da pesquisa.....	75
5.3 Instrumentos e avaliação da intervenção	77
5.3.1 Pesquisa Bibliográfica.....	78
5.3.2 Entrevista.....	78
5.3.3 Diário de Campo.....	79
5.3.4 Circulo de Aprendizagem	80
6. DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS E ANÁLISE DA PESQUISA.....	81
6.1 Descrição dos encontros ocorridos no Curso de Extensão	81
6.1.1 Primeiro Encontro.....	84
6.1.2 Segundo Encontro.....	90
6.1.3 Terceiro Encontro	95
6.1.4 Quarto encontro.....	99
6.1.5 Quinto Encontro.....	102
6.1.6 Sexto Encontro.....	107
7. SOBRE OS DADOS DA PESQUISA	109
7.1 Bullying escolar: Uma violência silenciosa	111
7.2 Violência: Desrespeito e banalização da vida	115

7.3 Educar para paz	117
7.4 Proposta de Ações para trabalhar a Educação para Paz na Escola.....	119
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS	130
APÊNDICES	146
ANEXOS	149

01.INTRODUÇÃO

O século XXI, que pode ser identificado como o século da era digital, da inovação e da tecnologia. Porém, também mostrou um lado sinistro: "Tudo posso nas redes sociais". Mostra as ideologias descompassadas com um ódio reinante, verdade absoluta e inquestionável, sem compromisso com a comprovação. Em se tratando de Brasil, tem-se constatado retrocessos dos direitos sociais e culturais, em que as ideias retrógradas, de mentes insanas, incutem conceitos medievais em mentes alienadas ou desinformadas. O preconceito impera em relação à orientação sexual, etnia e gênero. Para Batista e Bandeira (2002), o preconceito se contrapõe às qualidades de caráter, ou seja, lealdade, compromisso, honestidade, propósitos que afirmam valores "atemporais" e regras éticas, constitui-se em um mecanismo eficiente e atuante, cuja lógica pode atuar em todas as esferas da vida.

Em um momento em que o mundo parou, devido a pandemia ocasionada pelo vírus COVID - 19, ficou cada vez mais explícita a falta de iniciativa dos órgãos públicos em saúde e educação no Brasil. A saúde entrou em colapso e a educação revelou seu lado mais cruel, excluindo muitas pessoas. Portanto, para trabalhar os valores mencionados por Batista e Bandeira (2002) é preciso o investimento em educação, tão massacrada e desvalorizada no Brasil. A educação, neste processo, ocupa um importante papel, pois é através dela que uma sociedade alcança um padrão mais elevado de desenvolvimento humano e pode contribuir para a superação de preconceitos que nos separam uns dos outros.

É através da educação que se estabelecem relações baseadas na cooperação e na participação, se aprende e se compreende o mundo em que vivemos, se desenvolve as habilidades e as capacidades necessárias para nos comunicarmos, se fomenta o respeito pelos direitos humanos e se ensina e aprende as estratégias para resolver os conflitos de maneira pacífica. (NODARI; CESCÓN, 2010, p.05).

No início do mestrado, não estava muito claro a temática a ser estudada, apesar de haver uma motivação pessoal por parte da pesquisadora em relação ao *bullying*, por ter presenciado acontecimentos deste tipo de violência na escola da filha, em que meninas praticaram *bullying* com colegas, criando grupos de "brincadeiras" em que uma criança liderava ações de violência e agressões

(exclusão), promovendo o ódio e vingança com três grupos atentando contra colegas: o primeiro grupo falava em ódio a determinada colega; o segundo, de vingança a outra e o terceiro se mostrou mais "eficaz", causando a exclusão de outra por sua cor. Destaca-se que este é um grupo com a idade das crianças de sete anos.

Ao levar o caso a orientação pedagógica ficamos sabendo de outros casos entre adolescentes e a informação de haver *bullying* entre crianças contribuiu para a escola ficar em estado de alerta. Assim, o que acontecia com os alunos maiores, poderia ser evitado se fossem tomadas providências cedo. A questão era ainda mais tensa já que a escola desconhecia tais fenômenos, os quais aconteciam em grande parte no recreio ou na entrada e saída.

Esta situação de incômodo que a própria filha transmite ao perceber que grupos, aparentemente inofensivos levam a questionar sobre o Porquê da colega "X", não poder brincar junto. Constatado o problema, a escola foi alertada e as providências foram tomadas. Porém, fica a consequência. E neste caso, a criança excluída deixou a escola e a família retornou para a cidade natal. Enfim, após discussões com orientador e uma breve pesquisa em uma escola da cidade de Jaguarão - RS, em que havia uma turma com sérios problemas relacionados a esta violência, além da situação pessoal da pesquisadora, ficou acordado trabalhar o *bullying*, em uma escola municipal. Porém, a pandemia se instaurou e a comunicação presencial ficou inviável. Com a mudança para o município de Guaíba, RS, foi escolhida uma escola estadual de Guaíba - RS.

Apesar da receptividade por parte da nova escola, o andamento de todo processo levou um tempo maior do que o esperado, A mudança da escola, exigiu um novo diagnóstico e o projeto foi alterado. Num primeiro momento seria realizado com alunos presencialmente, necessitando voltar-se aos profissionais da escola, devido à dificuldade de acesso à internet por parte dos estudantes. Após o diagnóstico feito com a direção escolar, foram organizadas as estratégias da intervenção para a construção da cultura de paz na escola para a redução do *bullying*.

Trabalhar os valores relativos à educação para paz seria o caminho para estabelecer uma cultura de paz na escola. O aumento de casos de *bullying* no âmbito escolar, a falta de informação de uma forma geral e a dificuldade de identificação das situações desta forma de violência, justificam ações que possam

contribuir para minimizá-la. Debater as situações violentas na escola proporcionará uma reflexão acerca da gravidade destas e das ações possíveis a serem tomadas.

Portanto, optou-se por intervir através de um Projeto de Extensão que veio ao encontro do interesse dos profissionais que necessitam fazer uma capacitação anual. A extensão se constituiu em um curso de extensão em formato remoto via google Meet (vídeo conferência), viabilizando a formação, sem aglomerações, seguindo as orientações da Universidade neste tempo de pandemia, pois o momento inspirava cuidados especiais.

Desse modo, foi criado um grupo no WhatsApp e a diretora incluiu todos que participariam. Através do grupo eram compartilhadas as informações pertinentes ao curso, incluindo o convite de chamamento, postado um dia antes de cada encontro. O papel da diretora durante a pesquisa foi fundamental, colocando-se à disposição para auxiliar e todos os participantes mostraram-se receptivos. Estabeleceu-se um formato de diálogo, de apoio mútuo, baseados nos círculos de cultura de Paulo Freire, viabilizando com isso, a troca de saberes.

Alguns autores foram referência básica no andamento do processo formativo durante o curso e na busca de uma promoção da educação para a paz, tais como Jares (2002), Freire (1987,1992, 2011), Hammes e Selau (2009), Salles Filho (2009, 2013, 2016, 2018), Cardoso (2012), além dos conceitos de bullying, cultura de paz, violência/ Não violência, Silva (2010), Nascimento (2009), Minayo (2006), Lopes Neto (2005), Noletto e Diskin(2010)

O objetivo da pesquisa era analisar a elaboração de estratégias de enfrentamento do bullying, inserindo a educação para paz em uma escola pública do município de Guaíba/RS. Em relação aos objetivos específicos buscou-se a) elucidar os conceitos relacionados ao *bullying*, violência, não violência e cultura de paz; b) analisar as situações de *bullying* no ambiente escolar e c) propor ações para enfrentar esta violência, através da Educação para a paz.

Nesta perspectiva, inserir a cultura de paz nas escolas é importante, mas isso não acontece da noite para o dia. Há um longo caminho a ser percorrido. No primeiro momento se faz necessário educar para a paz, iniciar um processo de apreensão de valores norteadores da paz, trabalhando tolerância, empatia, respeito às diversidades e ao meio ambiente, além de buscar alternativas para que as famílias participem mais das atividades escolares, algo fundamental para que se efetivem as ações.

O trabalho se dividiu em tópicos, os quais se subdividiram. O primeiro trabalha os conceitos centrais da pesquisa *bullying*, cultura de paz, violência e não violência, trazendo imagens e notícias trágicas, tanto de violência como de *bullying* e a contribuição de ativistas voltadas a não violência. O segundo trata educação para a paz, tendo no terceiro o contexto da pesquisa, em que traz questões sobre o município, como educação e pontos turísticos e após a escola, seu histórico, sua estrutura e a questão de *bullying*.

O quarto tópico fala do caminho metodológico, momento em que são descritos os instrumentos utilizados e o aspecto da pesquisa e identificados em um quadro os sujeitos. No tópico seguinte a descrição dos encontros, com a transcrição das falas dos participantes. O sexto tópico trabalha os dados da pesquisa, a qual contou com análise de conteúdo, sendo criadas três categorias, trazendo em seguida as propostas de ações para serem executadas na escola, oriundas dos encontros. Por fim, as considerações finais, referências, apêndices e anexos.

2. CONCEITOS CENTRAIS DA PESQUISA

Para o desenvolvimento desta pesquisa há conceitos que necessitam ser identificados para que possam ser usados adequadamente. De acordo com Lakatos & Marconi (2003), a ciência lida com conceitos, ou seja, termos referências que sintetizam as coisas e os fenômenos perceptíveis na natureza, do mundo psíquico do homem ou da sociedade, de forma direta ou indireta, a fim de esclarecer o fato ou fenômeno que se está investigando e ter possibilidade de comunicá-lo.

2.1 *Bullying*

Os estudos relacionados ao *bullying* são relativamente novos no Brasil. Ainda há muita falta de informação, inclusive, dentro da escola onde este tipo de violência mais ocorre. O *bullying* se diferencia de outros tipos de violência que acontece no âmbito escolar, não devendo ser confundido com indisciplina:

O termo indisciplina quase sempre é empregado para designar todo e qualquer comportamento que seja contrário às regras, às normas e às leis estabelecidas por uma organização. No caso da escola, significa que todas as vezes em que os alunos desrespeitarem alguma norma desta instituição serão vistos como indisciplinados... (SILVA, 2010 P. 21).

O *bullying* vem sendo estudado, em outros países há décadas. O pesquisador sueco-norueguês Dan Olweus (1978 a 1993), fez estudos na Universidade de Bergen-Noruega (OLWEUS, 1978) fazendo observações em vários alunos para avaliar os tipos de violência na escola. Nesse mesmo período o governo da Noruega, lançou uma campanha de combate ao *bullying*, após o suicídio de três estudantes entre dez e quatorze anos, tendo suas mortes vinculadas aos maus tratos na escola.

A palavra *bullying* vem do inglês “bully”, não tendo uma tradução exata na língua portuguesa, mas significa “valentia”. Quem pratica *bullying* persegue e hostiliza deliberadamente, agride suas vítimas com calúnias, apelidos pejorativos, difamações, humilhações, exclusão.

A palavra *bullying* é específica para determinar um fenômeno bem peculiar, com características bem definidas, não é um conflito normal ou briga entre

estudantes, mas ameaças com violência física, verbal e psicológica que causam grandes sofrimentos. (PEREIRA, 2009, P. 41)

O dicionário de inglês (HOLLAENDER; VARELLA, 2014), traduz a palavra por tirano, brigão, valentão, alguém que maltrata, ameaça e intimida, tem como grafia “bully”. No dicionário de língua portuguesa (HOUAISS, 2015), *bullying* é definido como comportamento insistente de quem procura intimidar, por meio de violência física ou psicológica, alguém incapaz de se defender, está geralmente presente em escolas.

Fante (2018), define o *bullying* como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais alunos contra outros, causando dor, angústia e sofrimento. É um tipo de violência, onde o "valentão" oprime suas vítimas pelos motivos mais banais e, muitas vezes, passa despercebida pelos profissionais de educação. Apesar de ser uma violência que sempre houve na escola, há de se considerar como algo novo, já que estudos decorrem de apenas algumas décadas.

Para Silva (2010) a expressão *bullying* corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado pelo agressor contra uma ou mais pessoas que se encontram impossibilitadas de se defender. Seja por uma questão circunstancial ou por uma desigualdade subjetiva de poder. De acordo com Pereira (2009) o *bullying* se manifesta por meio de insultos, apelidos cruéis, acusações injustas, intimidações, subtração de pertences, humilhações, exclusão.

Segundo Silva (2010), estudos europeus sobre brincadeiras estudantis fizeram a distinção entre as brincadeiras saudáveis e naturais, em que os estudantes tiram "sarro", colocam apelidos, "zoam" os demais e a si mesmos, riem e se divertem, daquelas com episódios de crueldade e que extrapolam os limites de respeito pelo outro.

(...) é necessário entendermos que brincadeiras normais e sadias são aquelas nas quais todos os participantes se divertem. Quando apenas alguns se divertem à custa de outros que sofrem, isso ganha outra conotação, bem diversa de um simples divertimento. (SILVA, 2010, p. 13)

Portanto, as brincadeiras com características perversas que causam sofrimento, precisam da atenção dos educadores. A ausência de informações sobre

a violência, aliada ao desconhecimento de suas consequências e a falta de identificação precoce, acabam por contribuir para o aumento deste fenômeno que de acordo com Silva (2010), pode ser considerado um problema de saúde pública. Estudar esta forma de violência, a fim de buscar alternativas para enfrentá-la se faz necessário.

O *bullying* pode ocorrer no trabalho, na família, no lazer. Mas é na escola onde se revela mais grave. Não é uma violência fácil de detectar, muitas vezes é vista como as "típicas brincadeiras": aparentemente inocentes que em primeiro momento podem ser entendidas como "normais da idade". Mas podem ser cruéis e causar sérios problemas.

Manzini (2013) traz a questão do conflito e afirma que é fundamental que um adulto mediador ajude às crianças a gerir conflitos e a se colocarem no lugar do outro, para promoverem a empatia, estimulando o diálogo.

O conflito é transformado, pois, em bom conflito e as partes em oposição se enriquecem mutuamente com a construção de novas formas de pensamento e de organização do contexto e das emoções. Por exemplo, duas crianças de nove anos que se apelidam mutuamente de forma pejorativa e estão constantemente interagindo de forma agressiva, caso tenham a oportunidade de conversarem entre si, com a mediação de um colega ou adulto, podem entender porque cada um está magoado, passando a ser capazes de expor seus sentimentos sobre a situação e de construir novas estratégias para lidar com suas diferenças. Como resultado de tais conversas e de novas interações, poderão chegar até a construir uma relação de amizade (MANZINI, 2013, p. 28)

Manzini (2013), ainda, destaca que *bullying*, por sua vez, é considerado um mau conflito, visto que as crianças em interação permanecem se agredindo, se humilhando sem a devida reflexão sobre o efeito negativo de tais comportamentos. Quando o *bullying* é constatado, requer-se a intervenção de um mediador, a fim de controlar a situação e impedir esta forma de violência.

As vítimas de *bullying* sofrem com as várias formas de agressão verbal, física, psicológica, material, virtual e sexual. Este tipo de violência tem se tornado corriqueiro nas instituições de ensino e não pode ser considerado como "normal". Precisa ser discutido, estudado e tratado, interpondo ações de prevenção e resolução dos conflitos já existentes.

O bullying se manifesta através de insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, tomar pertences, meter medo, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e

infernizam a vida de outros alunos, levando-os à exclusão, além de danos físicos, materiais e morais. (PEREIRA, 2009, p.29)

Como em uma tragédia, o cenário é importante e necessita ser conhecido para que possa ser transformado. Os papéis devem ser conhecidos para que possam ser chamados para à consciência da situação. Em relação aos personagens do *bullying*, entram em cena pessoas que têm papéis que tornam esta forma de violência com características. Os personagens se dividem em: espectadores, vítimas e agressores.

Identificar os alunos que são vítimas, agressores ou espectadores é de suma importância para que as escolas e as famílias dos envolvidos possam elaborar estratégias e traçar ações efetivas contra o *bullying*. Cada personagem dessa trama apresenta um comportamento típico, tanto na escola como em seus lares. (SILVIA, 2010, p. 47/48)

O espectador é aquele que participa do *bullying*, pois é uma testemunha dos acontecimentos, porém, normalmente não saem em defesa. Apenas assistem! E ,em alguns casos, incentivam as agressões. Para Silva (2010), há os espectadores passivos, nada fazem por medo de serem os próximos e os ativos que não participam realmente da violência, mas a apoiam com risadas e palavras de incentivo. Há ainda aqueles que se mantêm neutros por diversos motivos, ficando inertes aos ataques que presenciam. Silva (2010) ressalta que a omissão alimenta a impunidade e contribui para o aumento das agressões por parte de quem a pratica, colaborando com os atos perversos de *bullying*.

Quanto as vítimas normalmente são caladas, pouco socializam, são mais reservadas e não têm condições de reagir, acabam por se tornar mais frágeis diante da agressividade de colegas. As agressões não têm uma motivação evidente, são banais e injustificadas. Alguns estudos classificam as vítimas em três tipos, como relata Fante (2018).

Quadro 1 - Tipos de vítimas do bullying	
Vítima típica	A que não reage, se isola, é mais frágil fisicamente, tem baixa autoestima, insegurança, tem medo que lhe causem danos, podem ter ansiedade e aspecto depressivo
Vítima Provocadora	Atrai reações agressivas com as quais não consegue lidar, podendo ser dispersa, hiperativa e ofensora.
Vítima agressora	Reproduz maus tratos sofridos, buscando agredir aqueles mais fracos, com isso há uma expansão do <i>bullying</i> .

Fonte: Organização da Pesquisadora

As vítimas de *bullying*, dificilmente, contam o que lhes acontece, pois têm medo de uma retaliação por parte de seus agressores. Para Silva (2010), uma marca, a aparência física, o uso de óculo, alguma deficiência, algo que torne a pessoa diferente não se encaixando no grupo, juntamente a isso uma aparente submissão, insegurança, sensibilidade, dificuldade de se expressar, timidez, podem desencadear o *bullying*.

Já os agressores podem ser tanto do sexo masculino quanto feminino, agem através da força física e assédio psicológico, sozinhos ou em grupo, não aceitam ser contrariados e não reagem bem às normas. São impulsivos e necessitam dominar os outros, exercem sua liderança sobre colegas mais inseguros que os acompanham. A empatia não é algo que faça parte do cotidiano de agressores, porém deveria ser trabalhada, a fim de praticar a tolerância e o respeito.

De acordo com Lopes Neto (2005), *bullying* é classificado como direto, ou seja, quando as vítimas são atacadas diretamente, sofrendo agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal estar aos alvos, assim como apelidos. Este tipo de violência é mais frequente entre meninos. Já o *bullying* indireto compreende atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos, sendo mais adotados pelas meninas.

As vítimas de *bullying* podem sofrer com as inúmeras consequências, dentre elas: baixa autoestima, automutilação, dificuldade de relacionamento, evasão escolar. As vivenciadas na infância ou adolescência podem se refletir na vida adulta, a pessoa passa a rejeitar a si mesma, além de transtornos mentais como depressão, fobias, ansiedade, síndrome do pânico, medo da dor da rejeição. Silva (2010), ainda enumera como consequências:

Quadro 2 - Consequências do bullying	
Transtorno de estresse pós-traumático (TEPT)	É um trauma que algumas pessoas passam em decorrência de acidentes, sequestros em que há perigo iminente de morte. Segundo a autora há um número crescente de TEPT em adolescentes envolvidos em bullying, (que sofreram ou presenciaram violência extrema)
Anorexia e Bulimia	Transtorno alimentar que causa sérios problemas de saúde levando, inclusive a morte. Tanto a bulimia quanto a anorexia podem ser desencadeadas pelo bullying, já que há os padrões de uma autoimagem corporal influenciada pela sociedade em que está inserida, principalmente, em adolescentes, pois estão em mudanças fisiológicas

Fobia Escolar	Intenso medo de frequentar a escola. Não apenas o bullying pode causar esta fobia, mas é um dos motivos que muitos alunos sofrem cada vez que precisam frequentar o ambiente escolar
Transtorno do Pânico	Ansiedade, taquicardia, medo infundado, medo de sentir medo. Também pode ser ocasionado pelo bullying
Depressão	A depressão é outra consequência do bullying, causando isolamento, inclusive no âmbito familiar, baixo desempenho escolar e irritabilidade

Fonte: Organização da Pesquisadora

Ainda segundo Silva (2010), há casos de suicídios e homicídios, porém são menos frequentes e ocorrem quando não conseguem lidar com a violência sofrida e tomam atitudes extremas. Há de se mencionar ainda o chamado cyberbullying, em que o agressor envia e-mails, adultera fotos e dados pessoais, divulga vídeos ofensivos, insulta, incita a violência, causa constrangimento, tudo de forma anônima, em redes sociais ou salas de bate papo, algo que se espalhará em tempo recorde, causando muitos problemas às vítimas.

É algo que se diferencia do bullying propriamente dito pelo fato de sair dos muros da escola e tomar um alcance gigantesco, tendo inclusive, uma maior dificuldade na identificação dos praticantes deste tipo de violência. Os casos de suicídios ou homicídios seguidos de suicídios são situações extremas e só percebidas quando algo desta magnitude acontece. O *bullying* pode não ser o que desencadeia, por exemplo, o ataque às escolas, mas ele contribui para que aconteça.

2.1.1 Casos trágicos relacionados ao bullying



Fonte: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/download/5436/4549>

Amanda Todd tinha doze anos quando os episódios preconceituosos iniciaram, ela utilizava diariamente sites de relacionamento e salas de bate papo para conhecer e se relacionar com novas pessoas. Em uma dessas ocasiões conheceu um rapaz, e após algumas conversas, Amanda foi seduzida por elogios e induzida a mostrar os seios por meio da webcam, porém toda a conversa estava sendo gravada em vídeo. Após um ano do ocorrido, a mesma pessoa lhe propôs realizar atos que destruiriam a sua imagem, Amanda se negou, mas o agressor sabia seu endereço, quem eram seus amigos, aonde estudava, os lugares que frequentava, entre outros.

O agressor utilizou a foto de seus seios em página do facebook, além de informações constrangedoras do ocorrido, causando atitudes preconceituosas e agressivas por parte de seus amigos. Amanda foi humilhada, agredida fisicamente, perseguida em suas redes sociais. Sendo assim, na história de Amanda não houve apenas um agressor. Desistindo de viver, tentou suicídio pela primeira vez ingerindo alvejante, após sair do hospital, vê em suas redes sociais frases como: “espero que ela morra”, “ela devia tentar outro tipo de veneno” e “espero que ela morra dessa vez”. Em 10 de outubro de 2012, Amanda é encontrada enforcada.

A mãe da adolescente segue em uma luta constante desde a morte de sua filha, a fim de aumentar a conscientização sobre problemas de saúde mental e depressão entre os adolescentes. (CBC News, 2020). A mãe de Amanda Todd, oito anos após a morte da filha, disse em entrevista: "Nunca pensei que estaria nesta posição em que, oito anos depois, seria capaz de ter uma voz e Amanda ainda teria uma voz".

Um filme chamado "*Darkcloud*"¹ com tradução de "Nuvem escura: O alto custo do cyberbullying", foi lançado exatos oito anos depois do suicídio de Amanda, trata da crescente epidemia no meio digital que afeta os jovens. O filme é contado pela visão da mãe da adolescente. O caso de Amanda gerou uma grande repercussão, além do filme, vários documentários foram feitos, mostrando a gravidade do *bullying* e *cyberbullying*. Algumas semanas após a morte de Amanda sua história já era internacionalmente conhecida e ela ganhou o rótulo de “A Garota que Despertou o Mundo”.

¹<https://www.amandatoddlegacy.org/dark-cloud-documentary.html>

A mãe de Amanda fundou o *Amanda's legacy*, uma sociedade sem fins lucrativos que tem foco na prevenção e conscientização do *bullying* e *cyberbullying*, segurança online e exploração/sextorção². A morte de Amanda coincidiu com o Dia Mundial da Saúde Mental, comemorado desde 10 de outubro de 1992, porém, a partir de 2013, a mãe de Amanda juntamente com outras pessoas, fazem a chamada "Campanha *Light Up Purple*"(CBC NEWS, 2020), momento em que marcos mundiais e prédios públicos são iluminados com a cor favorita de sua filha falecida, a cor "roxa" para iniciar conversas sobre doenças mentais.

Figura 2: A história de Daniel Briggs



Fonte: <http://www.cummingsfuneral.com/memorials/item/167-daniel-j-briggs.html>

Em 2014, Nova York, Daniel Brigg (Geledés, 2015) de dezesseis anos, se suicida. Sua mãe faz um comovente relato de como o *bullying* matou o filho. Na explanação diz que o filho era amável que cuidava do vizinho com câncer e gostava de caçar. Segundo ela o filho sofreu durante nove anos, começou com palavras, progredindo para pessoas lhe jogando lixo. Era perseguido, ridicularizado pelas músicas que ouvia, levava socos no estômago, era chamado de nomes horríveis e obrigado a lamber a janela do ônibus.

²https://www-amandatoddlegacy-org.translate.goog/who-we-are1.html?_xtr_sl=en&_xtr_tl=pt&_xtr_hl=pt-PT&_xtr_pto=ajax,se,elem,sc

De acordo com o depoimento da mãe (MORETTO, 2021), uma mensagem de SMS fez com que Daniel tivesse a coragem de tirar a própria vida. A mensagem em questão dizia: "Porque você não pega uma das suas preciosas armas e faz um favor para o mundo e se mata?" Daniel respondeu: "Você não precisa mais se preocupar comigo, eu vou para casa e vou me matar". E o garoto disse: "Vai logo ou cala a boca".

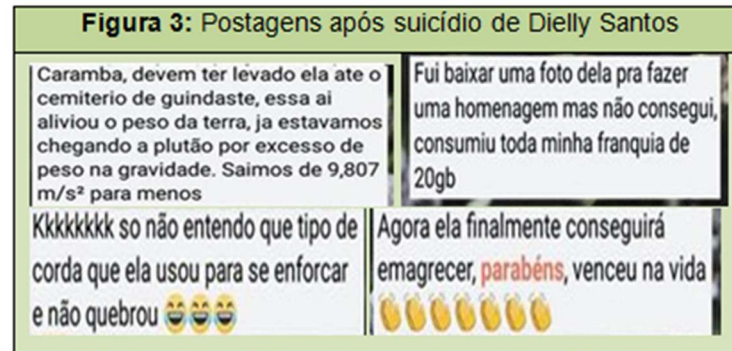
O adolescente chegou a falar para algumas pessoas na escola que iria se matar, não sendo levado a sério, ao descer do ônibus se despede do motorista dizendo que iria para casa se matar, em que o motorista, não acreditando, somente diz "até amanhã", em resposta Daniel diz: "você não me verá amanhã". Sozinho em casa, pega a espingarda e dá um tiro na cabeça, sendo encontrado pela família já sem vida.

A mãe deixa um alerta "Quando alguém te disser que vai se matar, faça alguma coisa, conte para alguém. Leve a sério." E finaliza dizendo: Quando souber que alguém sofre *bullying*, não fique parado. Você é tão culpado quanto a pessoa que comete o *bullying* quando você não faz nada"

2.1.2 Casos trágicos relacionados ao bullying no Brasil

No Brasil não é diferente quando se trata de atitudes extremas vinculados ao *bullying*. A seguir alguns casos de suicídios e homicídios atribuídos a este tipo de violência:

Caso 1-2018(Belém - PA) uma adolescente de dezessete anos cometeu suicídio (OTTO, 2018). De acordo com a família, ela sofria com os comentários maldosos sobre seu peso, ouvia risadas e deboches quando passava. Tentava a todo custo emagrecer, sem sucesso, chegando ao ponto de não mais aguentar a pressão. Foi encontrada pela tia enforcada no banheiro, logo após chegar da escola. Mesmo após o suicídio, os *posts* com comentários maldosos seguiram na internet.



Fonte: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/o-suicidio-da-adolescente-dielly-santos-e-o-falso-body-positivity/>

A adolescente sofreu o preconceito chamado "gordofobia", discriminação com relação às pessoas gordas, isso gerou *bullying* e *cyberbullying* culminando em ato extremo "suicídio". Dados indicam que esta é uma prática constante no mundo (SANTOS, 2020). Uma média de 19 a 42% dos adultos sofrem com a discriminação, sendo as taxas mais altas entre as mulheres. Já as crianças estão propensas ao *bullying*, sofrendo isolamento social, desenvolvendo transtornos como depressão e ansiedade.

De acordo com estudos (LOUREIRO, 2017) apesar dos esforços de conscientização, as atitudes preconceituosas explícitas contra gordos aumentaram consideravelmente entre 2001 e 2010. frases preconceituosa como: "você tem o rosto tão bonito, por que não emagrece?", ou "nossa, eu que sou mais magra que você não tenho coragem de usar biquíni" ou ainda "seu marido é tão magro e você é tão gorda, dá certo?"

Amparado pelos feminismos e por outras lutas por reconhecimento, ativistas vem criticando a patologização dos corpos gordos e das estruturas de poder que a sustentam e usam os meios digitais para desnaturalizar a negatividade em torno da pessoa gorda, reivindicando a sua inserção igualitária nos espaços sociais. As vozes de contestação ganham amplitude nas redes sociais como o YouTube, Facebook e Instagram, além de outros espaços de visibilidade, veiculando conteúdos que abordam novos valores sobre a beleza corporal e demandam os direitos das pessoas gordas (PENAS; GERMANO, 2021, P. 04)

Segundo Lima (2020), a gordofobia desumaniza e torna público o corpo gordo, o preconceito vem disfarçado de preocupação com a saúde, "as pessoas precisam entender e separar o corpo saudável do corpo magro, eles não são sinônimos". Lima (2020), salienta que todos os tipos de corpos podem ser doentes ou saudáveis. Penas e Germano (2021), ressaltam que a partir da construção de um corpo magro, tido como "normal", em uma sociedade em que os valores são

estabelecidos através do apelo imagético, na aparência e na performance, alguns corpos não são concebíveis, são no máximo suportados.

Caso 2 -2017 (Cachoeirinha - RS) na Escola Estadual Luiz de Camões, uma briga entre duas adolescentes causou a morte de uma delas (ALVES, 2017). No intervalo para troca de professores, as duas meninas de doze e quatorze anos se desentenderam e se agrediram fisicamente. Marta de quatorze anos passou mal e veio a óbito, "*causa mortis*" asfixia mecânica por esganadura. Segundo colegas, havia dois grupos em aula e elas estavam em lados opostos, tendo o *bullying* como pano de fundo.

A agressora e suspeita da morte da colega desapareceu logo que a justiça determinou sua internação. Mais de um ano após o acontecimento, a adolescente se apresentou e foi encaminhada à Fundação de Atendimento Sócio-Educativo (FASE). Os pais da vítima processaram o Estado do Rio Grande do Sul, o qual alega "fatalidade", após ter sido condenado a pagar uma indenização à família. Além da indenização deverá pagar uma pensão equivalente a dois terços do salário mínimo, vigente a partir da data do óbito, até a data em que a estudante completaria vinte e cinco anos de idade.

Caso 3 -2010 (Porto Alegre - RS), o adolescente Matheus Dalvit de quinze anos foi morto por outro adolescente de quatorze anos, devido a desentendimento por *bullying* na escola (SPIGLIATTI, 2010). Matheus ao descer do ônibus levou um tiro. A mãe de Matheus disse que ele sofria *bullying* na escola e que a direção estava ciente. O atirador se entregou e disse não estudar na mesma escola do adolescente, mas ser amigo dos agressores. Matheus era constantemente humilhado, mas resolveu se defender das agressões, seria este o motivo do assassinato segundo o adolescente.

O atirador disse em seu depoimento que ao descer do ônibus, Matheus o teria agredido com um guarda-chuva, neste momento ele teria sacado um revólver calibre 38 e atirado no peito do jovem. Testemunhas afirmam que a vítima desceu do coletivo, foi chamada e recebeu o tiro, sem ter havido qualquer discussão. O delegado responsável pelo caso confirmou que o assassinato teria como motivação as situações de *bullying* ocorridas no ambiente escolar.

Caso 4 - 2013 (Veranópolis - RS) na serra gaúcha uma adolescente de dezesseis anos cometeu suicídio (ILHA, 2013), após saber por uma amiga que fotos suas tinham sido expostas nas redes sociais. As imagens em que aparecia com os seios à mostra foram divulgadas pelo ex-namorado. Segundo a polícia, foram investigadas outras pessoas que compartilharam as fotos, sendo enquadrados no art. 241 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)

Oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, distribuir, publicar ou divulgar por qualquer meio, inclusive por meio de sistema de informática ou telemático, fotografia, vídeo ou outro registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente: Pena – reclusão, de 3 (três) a 6 (seis) anos, e multa (ECA, Art. 241)

Alguns ataques à escolas brasileiras foram imputados ao *bullying* e levaram o caos ao ambiente escolar:

a) Taiúva, 2003

Na Escola Estadual Coronel Benedito Ortiz, na cidade de Taiúva, interior de São Paulo (CASTILHOS, 2011). Houve um ataque a tiros, cometido por um ex-aluno de dezoito anos, o qual abriu fogo contra alunos e funcionários e se suicidou em seguida. Houve feridos e um estudante ficou paraplégico, a única morte foi a do atirador. As investigações apontaram que a motivação foi o *bullying*.

b) Goiânia, 2017

Ocorreu na Escola Particular Goyases, em Goiânia (LOURENÇO, 2020), um aluno disparou contra colegas, matando dois e deixando quatro feridos. O estudante disse sofrer *bullying* e que teria planejado por dois meses a ação, baseando-se nos ataques de Columbine, nos Estados Unidos em 1999 e em Realengo, no Rio de Janeiro em 2011. Para o delegado Luiz Gonzaga (EXAME, 2011), o adolescente relatou que a intenção seria matar apenas o colega que praticava o *bullying*, porém, após atingir este, sentiu a necessidade de matar outros.

O delegado responsável pela investigação, relata ainda que de acordo com os professores e a coordenação da escola, o aluno tinha boas notas, era um bom aluno, não demonstrando em momento algum que cometeria um crime tão grave. O atirador relatou ter um bom relacionamento com os pais. Portanto, o caso foi caracterizado como *bullying* apenas pelo depoimento do atirador. (EXAME, 2011).

c) Medianeira, 2018

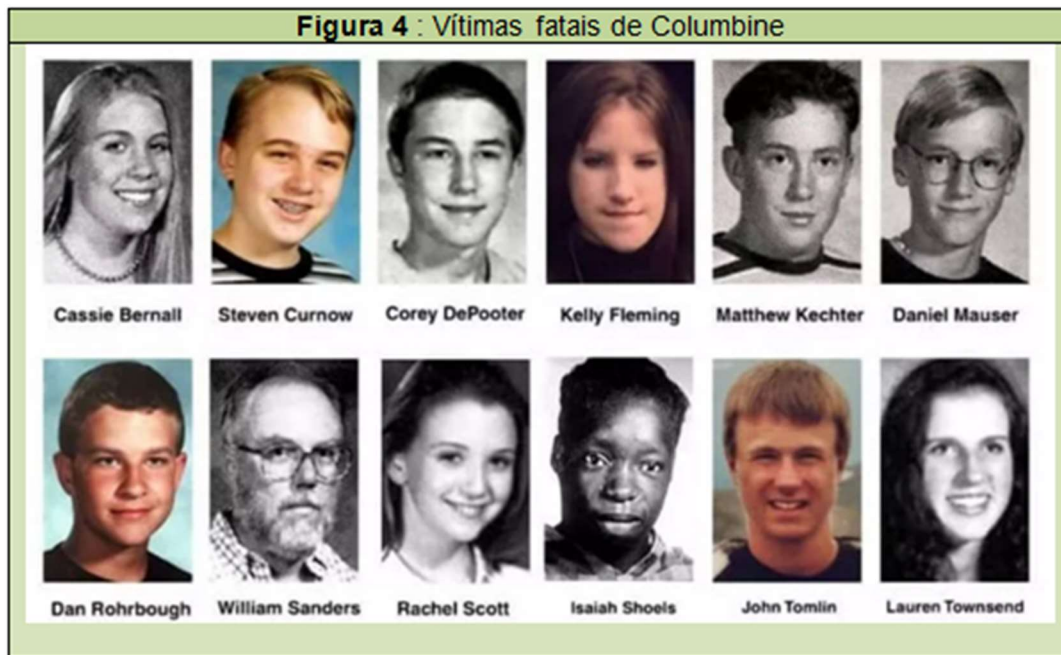
Na cidade de Medianeira, Oeste do Paraná, (Wurmeister & Kobus, 2018), um adolescente de quinze anos abriu fogo contra colegas de classe no Colégio Estadual João Manoel Mondrone. Dois estudantes ficaram feridos, mas não houve mortos, o atirador contou com a ajuda de outro estudante da mesma idade, à polícia relatou que sofria *bullying* na escola e planejou o ataque por dois meses. Os policiais militares relataram que quando chegaram à escola, os adolescentes que tinham se escondido em uma sala no segundo andar, jogaram explosivos nos agentes.

Os policiais invadiram a sala e os renderam. O estudante disse que tinha pelo menos nove alvos e estava decidido a praticar o ataque. Com os adolescentes foi encontrado um revólver calibre 22, munição e uma faca. Havia também recortes com notícias de ataques em escolas dos Estados Unidos e do Brasil. Vídeos de violência foram encontrados no celular de um deles.

d) Massacre de Suzano, 2019

Ocorrido em 2019, na Escola Estadual Professor Raul Brasil no município de Suzano, São Paulo (SUDRÉ, 2020). Na manhã do dia 13 de março, dois ex-alunos da escola de dezessete e vinte e cinco anos entraram pelo portão principal encapuzados e começaram a atirar, mataram cinco estudantes e duas funcionárias. Antes de entrarem na escola, a dupla matou o tio de um dos atiradores. Após o massacre, um deles matou o comparsa e em seguida cometeu suicídio, totalizando dez mortos, além de onze feridos. Uma das motivações seria o *bullying*.

Vários massacres aconteceram e acontecem em escolas pelo mundo. Nos Estados Unidos em 1999 ocorreu o ataque em Columbine High School, no Colorado (FERRARI, 2020). Dois estudantes Eric Harris e Dylan Klebold, planejaram o ataque por cerca de um ano, praticaram tiros, aperfeiçoaram a produção de bombas caseiras. Ambos mantinham diários, mas com motivos distintos. Eric registrava episódios de raiva, citando muitas vezes a palavra "ódio e vingança" referindo-se aos colegas de sala, tendo o desenho da suástica entre as páginas. Já no diário de Dylan havia desenhos de corações, mostrando um lado depressivo e solitário. Após o ataque cometeram suicídio.



Fonte: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/>

O Serviço Secreto dos Estados Unidos e o Departamento de Educação americano (VEJA, 2009) logo começaram a estudar os atiradores em escolas. Em 2002, os pesquisadores apresentaram seus primeiros resultados: "os atiradores em escolas, não apresentavam um perfil definido, mas a maioria deles era depressivo e se sentia perseguido". Os dois estudantes economizaram dinheiro, criaram um arsenal e começaram a fabricar bombas caseiras. Após as investigações descobriu-se que o plano era matar o máximo de pessoas e como as bombas falharam, muitos conseguiram sobreviver. Os estudantes não eram impopulares e alvo de *bullying*, os relatos eram falsos, "um fato inequívoco é que o massacre de Columbine foi responsável por apresentar ao mundo este termo, o *Bullying*" (MARRAN, 2017).

De acordo com o psiquiatra americano Timothy Brewerton (*Apud* DANTA, 2011), o qual tratou de estudantes sobreviventes do massacre de Columbine, um estudo realizado pelo serviço secreto americano cujo resultado apontou que nos 66 ataques em escolas que ocorreram no mundo, de 1966 até 2011, 87% dos atiradores sofriam *bullying* e foram movidos pelo desejo de vingança.

Para Brewerton (*Apud* DANTA, 2011) *bullying* pode ser considerado a chave para entender o problema e um enorme fator de risco, mas há de se atentar para outras características relevantes, tendências suicidas, problemas mentais e acessos de ira. Não acredita em um estereótipo ou perfil para um assassino potencial nas escolas. Ressalta que deve haver o controle ao acesso à armas de parentes (algo

mais comum nos Estados Unidos), além disso os pais devem ficar atentos a alguns comportamentos, como maus-tratos contra animais, alternância de estados. (DANTA, 2011)

O massacre em Columbine em 1999 foi no primeiro momento atribuído ao *bullying* sofrido pelos atiradores, algo que foi refutado tempos depois. Apesar de ter havido ao longo dos anos ataques movidos pelo *bullying* à Universidades e escolas Norte americanas, Columbine foi aqui mencionada por mostrar de certa forma, a prática de caso extremo relacionado ao *bullying*, mesmo que erroneamente, inspirando outros ataques, inclusive à escolas brasileiras. No Brasil, o massacre de Realengo, ocorrido em uma escola pública no Rio de Janeiro, foi equivalente à Columbine, já que ataques posteriores tiveram estes dois como inspiração.

O massacre de Realengo, ocorreu no dia 07 de abril de 2011, na escola municipal Tasso da Silveira, localizada no bairro de Realengo, Rio de Janeiro (CASTRO, 2020). Um ex-aluno, Wellington de Oliveira de vinte e três anos, invadiu a escola, entrou em uma sala de aula e disparou contra todas as crianças que ali estavam, resultando na morte de doze delas e deixando mais de treze feridas, tendo uma das sobreviventes ficado paraplégica. Após ser atingido por um policial, cometeu suicídio. Em depoimento, a irmã adotiva do atirador e um amigo disseram que ele sofria *bullying*. Em um vídeo dois dias antes do ataque, o autor do massacre explica como o planejou.

Assim como Columbine, a chacina ocorrida em Realengo influenciou outros ataques. Sobreviventes de Columbine escreveram mensagens para alunos brasileiros da Escola Tasso da Silveira, se solidarizando. A UNESCO manifestou imediato repúdio ao ataque, por meio de nota pela Internet: "A UNESCO repudia os ataques à escola do Rio e se solidariza com as famílias. A escola deve ser um lugar para reconstruir a paz e a cultura". (UNESCO, 2011)

No dia do massacre o atirador entrou na escola se passando por palestrante. Devido as comemorações dos quarenta anos da Tasso da Silveira, ex-alunos estavam sendo recebidos para contarem sua vida fora do ambiente escolar. O atirador entrou pediu cópia do seu histórico, deu um beijo na testa de uma antiga professora e foi para o segundo andar, quando começou a atirar. Das doze crianças mortas, dez eram meninas. A mãe de uma das meninas mortas fundou a associação "Os Anjos de Realengo", que reúne familiares das vítimas da tragédia. Também lançou um livro, Meu Anjo Luiza (2016), e passou a dar palestras sobre prevenção

de violência nas escolas para pais e alunos. Em 2015, um memorial com esculturas em bronze de onze das doze crianças mortas foi inaugurado ao lado da Escola Tasso da Silveira, a família de uma das vítimas não autorizou sua exposição. (BERNARDO, 2021).

De acordo com Vilella (2011), se caso Wellington de Oliveira tivesse sido avaliado na infância e recebido tratamento adequado, a tragédia na Escola Tasso da Silveira, em Realengo, poderia ter sido evitada.



Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56657419>

Surgiram alguns projetos (livros, documentário), sobre o massacre de Realengo. Os projetos em questão tratam de um livro intitulado "O pior dia de todos" (KOPSCH, 2019). O livro trata de duas sobreviventes transformadas em personagens, tendo seus nomes alterados. Nas palavras da autora do livro o acesso à armas, culto à violência, misoginia e cultura do feminicídio, são elementos que tornaram possível o Massacre de Realengo, "mesmo doloroso, não podemos esquecer-lo" (KOPSCH, 2019)

Fernandes (2021), escreveu o livro " O Massacre de Realengo: A Tragédia que Abalou o Brasil" e afirma que o que acontece dentro de uma escola pública não é responsabilidade apenas de professores, coordenadores e diretores. Mas, de um Estado que não se compromete e não oferece os instrumentos necessários para que os profissionais auxiliem os alunos na construção da cidadania. Bianca Lenti, cineasta, aguarda a liberação de recursos para a série documental "As Meninas de Realengo", com previsão de estreia para 2022 (BERNARDO, 2021).

Ao pesquisar sobre a tragédia, a cineasta Bianca Lenti ficou surpreendida ao saber que o assassino mirava na cabeça das meninas (VILLELA, 2011). Para ela Wellington era um dos primeiros exemplos de "incels"³ ("celibatários involuntários") conhecidos no Brasil. O termo faz alusão aos jovens que têm dificuldade de socialização com o sexo oposto e direcionam às mulheres discursos violentos de ódio. Um aluno de treze anos que sobreviveu ao massacre, disse ter conversado com o atirador. "Só pedi a Deus para ele não me matar. E ele falou para eu ficar tranquilo que eu não ia morrer, concluiu dizendo: "Ele matava as meninas com tiros na cabeça. Nas meninas, ele atirava para matar. Nos meninos, os tiros eram só para machucar, nos braços ou nas pernas" (COSTA, 2011).

Outras chacinas anteriores e posteriores a Realengo fizeram parte de um cenário doloroso e sangrento no País, aparecendo em vários casos o termo *bullying* como justificativa para tamanha violência. Após a grande repercussão de Realengo, providências deveriam ter sido tomadas para uma maior segurança nas escolas. As ações para evitar o bullying e a violência escolar seguem muito incipientes. (FAJARDO, 2011).

Pelo país têm sido organizadas campanhas antibullying, nas escolas, Organizações Não Governamentais (ONGs), Secretarias de Educação, Câmaras de Vereadores, Centros Universitários. Várias instituições criaram slogans com o intuito de prevenir a violência:



Fonte: <http://www.opiniaonet.com.br/hidden-item/4339-informe-publico>

³O termo "incel" é um diminutivo da expressão "involuntary celibates", ou celibatários involuntários. Não são um grupo organizado, mas se reúnem em fóruns de discussões na internet, onde falam sobre sua solidão, sua insegurança ou sobre a frustração por não conseguirem se relacionar. Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43916758>



Fonte: <http://escola-reginapacis.blogspot.com/2017/04/campanha-contra-o-bullying.html>

Figura 8: Campanha antibullying Secretaria Estadual Educação de São Paulo



Fonte: <https://veja.abril.com.br/educacao/sp-governo-lanca-kit-antibullying-para-escolas>

Figura 9: Campanha antibullying do Centro Universitário Maurício de Nassau Campus/Ponta Verde, Maceió



Fonte: <https://www.uninassau.edu.br/noticias/estudantes-da-uninassau-lancam-campanha-contra-bullying>



Fonte: <https://www.muvucapopular.com.br/cuiaba/cuiaba-lanca-campanha-contra-bullying/27668>

Arendt (1969) *Apud* Silva (2016) afirma que o maior inimigo da violência é o desprezo e, a maneira mais segura de destruí-la é a chacota. Silva (2016) destaca que não é tarefa fácil para a realidade de crianças envolvidas em conflitos como o do *bullying* enfrentar ataques cruéis e sem procedência e serem indiferentes com as atitudes dos seus agressores. Santos et.al (2013), salienta que o sentimento negativo despertado pelas diferentes formas de *bullying* podem desenvolver um verdadeiro sentimento de vingança, em alguns casos, passam de vítimas a agressores, talvez por questão de sobrevivência emocional a vítima reage à agressão, tornando-se também um agressor.

Para Antunes e Zuin (2008), as pesquisas sobre as ocorrências da forma de violência *bullying*, possui aspectos culturais, sociais, políticos, econômicos e individuais, os quais precisam ser analisados, interpretados e não somente mencionados.

O *bullying*, tal como conceituado, não é, de maneira alguma, uma simples manifestação da violência sem qualquer fator determinante. Na verdade, o *bullying* se aproxima do conceito de preconceito, principalmente quando se reflete sobre os fatores sociais que determinam os grupos-alvo, e sobre os indicativos da função psíquica para aqueles considerados como agressores. (ANTUNES, ZUIN, 2008, p.36).

Para Antunes e Zuin(2008), a educação é um caminho para a superação das atitudes violentas e que pensar o problema da violência irracional no ambiente escolar, o qual é um dos responsáveis pela socialização das crianças, além de ser o segundo ambiente de convívio depois do familiar, é uma questão de suma importância e urgência.

2.1.3 Legislação

Algumas medidas foram tomadas para a prevenção da violência como a Lei 13.185 de 06 de novembro de 2015 que institui o Programa de combate a *bullying* (BRASIL, 2015). A referida Lei traz em seu artigo 2º e incisos, a caracterização do *bullying* como um a intimidação sistemática, ou seja, quando há violência física ou psicológica em forma de intimidação, humilhação ou discriminação, além de ataques físicos, insultos pessoais, apelidos pejorativos, ameaças por quaisquer meios, expressões preconceituosas, isolamento social consciente e premeditado.

Ficou instituído, por meio da Lei nº 13.277 de 2016, o dia 7 de abril, como o Dia Nacional de Combate ao *Bullying* e à Violência nas Escolas (BRASIL, 2016). A data foi escolhida como referência ao Massacre de Realengo⁴ em 2011 no Rio de Janeiro. A proposta é que se busque desenvolver ações de prevenção que incluam, informação sobre o tema por parte da comunidade escolar, assim como devem ser instituídas políticas públicas que priorizem a redução e prevenção do *bullying* em todas as escolas.

A lei 13.663, de 14 de maio de 2018, altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e inclui em seu inciso IX medidas de conscientização, prevenção e de combate a todos os tipos de violência, inclusive o *bullying*, além de promover a cultura de paz entre os compromissos das instituições de ensino (BRASIL, 2018). Para Pereira (2009), não há uma receita pronta para o combate ao *bullying*, já que cada escola possui uma realidade diferente, sendo preciso avaliar a frequência, local onde ocorre a violência e quem são os envolvidos. Fante (2018), também sustenta a importância de se conhecer a realidade da escola, assim como o compromisso e envolvimento da instituição, familiares e comunidade para alcançar os resultados positivos no combate à violência.

⁴Chacina ocorrida em 07 de abril de 2011. Por volta das 8h30min, na Escola Municipal Tasso da Silveira, localizada no bairro de Realengo, no Rio de Janeiro. Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos, invadiu a escola armado com dois revólveres e começou a disparar contra os alunos, matando doze deles, com idade entre 13 e 15 anos, e deixou mais de vinte e dois feridos. O atirador foi interceptado por policiais, mas cometeu suicídio antes de ser detido. Segundo a irmã era reservado e pesquisava muito sobre atentados. Deixou uma carta um tanto confusa, mas que sugeria ter sofrido *bullying* na referida escola. https://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_de_Realengo

Lopes Neto (2005), enfatiza que a escola deve ser o local para se fazer amigos, socializar, estudar, brincar, conversar, não deve ser um espaço de violência entre crianças e adolescentes. Salienta ainda que a maioria de casos de *bullying* ocorre longe da visão dos adultos e as vítimas têm dificuldade ou receio em falar das agressões, tornando-se difícil para pais e professores perceberem tal violência.

2.2 Violência e não violência

"A não violência é a maior arma à disposição dos homens. É mais forte que a arma mais forte da destruição imaginada pela ingenuidade do homem. A força não vem da capacidade física, vem da força de vontade indomável. Satisfação vem do esforço, e não do feito". (Mahatma Gandhi)

Sposito (1998) em uma de suas definições diz que a violência é todo ato que implica na ruptura de um nexos social pelo uso da força. Impedindo a comunicação, o diálogo, negando a possibilidade de relação social.

A origem do termo violência, do latim, violentia, expressa o ato de violar outrem ou de se violar. Além disso, o termo parece indicar algo fora do estado natural, algo ligado à força, ao ímpeto, ao comportamento deliberado que produz danos físicos tais como: ferimentos, tortura, morte ou danos psíquicos, que produz humilhações, ameaças, ofensas. Dito de modo mais filosófico, a prática da violência expressa atos contrários à liberdade e à vontade de alguém e reside nisso sua dimensão moral e ética (PAVIANI, 2016, P. 08)

Minayo (2006) ressalta que o Brasil sempre teve uma história de violência articulada à sua forma de colonização e de desenvolvimento, apesar da ideia de que "somos um país pacífico". Portanto, não é possível definir a violência como algo fixo e simples, pois assim iria reduzi-la, não compreendendo bem sua evolução e especificidade histórica.

Tal compreensão acompanha o progresso do espírito democrático. Pois é a partir do momento em que cada pessoa se considera e é considerada 'cidadã' que a sociedade reconhece seu direito à liberdade e à felicidade e que a violência passa a ser um fenômeno relacionado ao emprego ilegítimo da força física, moral ou política, contra a vontade do outro (MINAYO, 2006, p.17)

Galtung (1969) *Apud* Barroso (2019) trata da violência estrutural e diz que talvez não haja nenhuma pessoa que diretamente cause danos a outra na estrutura. Salienta que a violência é embutida na estrutura e aparecendo como desigualdade

de poder e conseqüentemente como chances desiguais de vida. A seguir alguns casos de violência:

a) Porto Alegre - RS, 2016



Fonte: GZH

médica.

Uma médica de trinta e dois anos, foi baleada durante um assalto e não resistiu aos ferimentos (AIRES, 2016), estava parada no semáforo, acompanhada da irmã quando dois homens armados se aproximaram e tentaram abrir a porta do carro, sem sucesso, então abriram fogo atingindo a vítima que morreu no hospital, os assaltantes conseguiram fugir com o carro da

b) Porto Alegre - RS, 2016



Fonte: JornalRecord, R7

do Sul. O então governador José Ivo Sartori reuniu-se, em Brasília, com o presidente da República e o Ministro da Justiça solicitando o apoio da Força Nacional de Segurança, além de criar um gabinete de crise no Estado.

Uma mulher foi morta por assaltantes na frente da escola onde foi buscar o filho (LEDUR, 2016), ela estava acompanhada da filha de dezessete anos, os assaltantes queriam o celular da vítima que mesmo sem reagir levou um tiro na cabeça, morrendo no local. Após sucessivos atos de violência, este crime foi a "gota d'água" para sacudir a política de Segurança Pública do Rio Grande

c) Porto Alegre - RS, 2020

Três pessoas de uma mesma família foram assassinadas, após uma briga de trânsito (SCHAFFNER, 2020). O casal morreu no local, o filho foi levado ao hospital, mas não resistiu. A nora do casal e o filho mais novo que ficaram dentro do carro no momento do desentendimento, não foram atingidos. O motivo foi banal, o carro da

vítima bateu de leve em outro carro, mesmo a vítima se prontificando a pagar o conserto, o assassino sacou a arma e começou a atirar, sendo a maioria dos tiros na cabeça.



Fonte: *Jornal Correio*

d) Rio de Janeiro - RJ, 2020

Uma juíza de quarenta e cinco anos, foi morta a facadas pelo ex-marido (LEMOS, 2020). O caso ocorreu na véspera de Natal por volta de 18 horas, as três filhas pequenas do casal presenciaram o crime. Em um vídeo que circulou nas redes sociais, foi possível escutar os gritos das crianças, pedindo ao pai que parasse de esfaquear a mãe. Ele foi preso em flagrante.



Fonte: *Extra On line*

e) Dourados - MS, 2021

Duas pessoas foram presas acusadas de homicídio qualificado, feminicídio e estupro de vulnerável pelo assassinato e estupro de uma menina indígena Guarani

Kaiowá, de onze anos (COSTA; LORRAN, 2021), um dos integrantes do estupro coletivo e assassinato seria o tio da vítima, o qual foi encontrado morto, na prisão. Havia ainda três adolescentes envolvidos, os quais foram apreendidos pelo ato.



Fonte: G1 - Globo

f) Imbé - RS, 2021

Uma mulher de vinte e seis anos foi presa em flagrante, suspeita de matar o filho de sete anos e jogar o corpo em um rio em Imbé, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul.



Fonte: GZH

(PEREIRA; CAMPOS, 2021). De acordo com a polícia, o menino vivia sob intensa tortura física e psicológica. Ainda de acordo com a polícia, a mãe e a companheira teriam ido à delegacia registrar o desaparecimento da criança,

alegando que o filho havia desaparecido há dois dias e que ainda não havia procurado a polícia porque pesquisou no Google e viu que teria que aguardar 48h. Porém, apresentou várias contradições levando a desconfiança por parte da polícia. Acabou confessando o crime dizendo que havia administrado medicamentos ao filho e ocultado o corpo, colocando-o em uma mala e jogando-o no rio, mesmo sem ter certeza de que estava morto. Segundo o delegado responsável pelo caso, a preocupação da mulher era com a companheira e não com o filho por quem, ficou claro, não nutria nenhum sentimento.

g) Redentora - RS, 2021



Fonte: Brasil de Fato

Foi encontrado em uma lavoura próxima a um matagal, o corpo de uma adolescente indígena Kaingang de quatorze anos, a qual estava nua, e com as partes do corpo da cintura para baixo arrancadas e dilaceradas, com pedaços ao lado dela. A Polícia Civil da região está investigando o caso e não descartou nenhuma hipótese, incluindo a

possível ocorrência de violência sexual, seguida de morte e mutilação do corpo. Segundo relatos há outros casos de ataques contra mulheres indígenas que estariam acontecendo na região. (WEISSHEIMER, 2021).

h) São João do Triunfo - PR, 2021



Fonte: Agora 1 info

Assassinato de professor de vinte e cinco anos. (LIEDMANN, 2021). Pessoas próximas acreditam ser um crime de ódio, já que o jovem professor era homossexual. O corpo do professor foi encontrado em seu carro carbonizado e

com ferimento de arma de fogo. Esta morte ganhou notoriedade nacional após publicações do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), de qual fazia parte e de blogs de movimentos LGBTQIA+. Artistas e políticos também se manifestaram sobre o assassinato.

A violência é crescente em todos os sentidos, as manchetes da violência cotidiana e da banalização da vida estampam as capas de jornais e revistas. Violência contra mulheres, no futebol, contra povos indígenas, LGBTFOBIA, além de racismo, homicídios:



Fonte: https://www.google.com/search?q=manchetes+de+violencia+no+brasil&rlz=1C1CHBD_pt-PTBR917BR917&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=2ahUKEwjyKsKKrObyAhX3IJUCHYR1D8oQ_AUoAXoECAEQAw&biw=1366&bih=657w&bih=1366&bih=657

A maior parte das dificuldades para conceituar a violência vem do fato de ela ser um fenômeno da ordem do vivido, cujas manifestações provocam ou são provocadas por uma forte carga emocional de quem a comete, de quem a sofre e de quem a presencia. Por isso, para entender sua dinâmica na realidade brasileira vale a pena fazer uma pausa para compreender a visão que a sociedade projeta sobre o tema, seja por meio da filosofia popular, seja ponto de vista erudito. Os eventos violentos sempre passaram e passam pelo julgamento moral da sociedade (MINAYO, 2006, p.14)

Na ótica de Minayo (2006), há os que lucram com a violência. São aqueles que comercializam armas e drogas, além de empresas que prestam serviços de segurança e dispositivos colocados em condomínios e casas. Salaria que nos últimos anos, houve aumento de homicídios por arma de fogo e que este tipo de "tecnologia maligna", movimenta um dos maiores e mais lucrativos mercados da economia global. "O comércio de armas de fogo é o segundo mercado mais lucrativo do mundo, depois do petróleo".

De acordo com Machado e Idoeta (2021), o Brasil teria praticamente dobrado o número de armas registradas em posse de cidadãos em apenas um ano, ao mesmo tempo em que as mortes violentas cresceram, a despeito do maior isolamento social durante a pandemia. Também mais do que dobrou a autorização

de importações de armas de fogo de "cano longo", categoria que inclui, carabinas, espingardas e fuzis. Aumentou os registros de colecionadores, atiradores desportivos e caçadores. Especialistas em segurança pública apontam que a facilitação no acesso a armas favorece a violência, já o governo argumenta que as medidas adotadas visam a desburocratização, a clareza das normas e "adequar o número de armas, munições e recargas ao quantitativo necessário ao exercício dos direitos individuais". (MACHADO; IDOETA, 2021)

De acordo com o relatório mundial sobre violência e saúde da Organização Mundial da Saúde, realizada em Genebra em 2002, não há um único fator que possa explicar o motivo de algumas pessoas serem violentas e outras não. O relatório salienta que a violência resulta da interação de fatores individuais, de relacionamento, sociais, culturais e ambientais. Sendo assim, ao compreender como tais fatores estão relacionados à violência é um dos passos importantes na abordagem de saúde pública a fim de evitar a violência.

O relatório Institucional do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), traz as questões atuais e riscos conjunturais futuros. Apontando a primeira questão relacionada à política permissiva em relação às armas de fogo e à munição patrocinada pelo Governo Federal a partir de 2019 (IPEA, 2021). Ao facilitar o acesso a tais armas, a nova regulação pode favorecer a ocorrência de crimes interpessoais e passionais. A segunda questão diz respeito à violência no campo, segundo estudos houve um aumento em 2019, sendo as principais vítimas indígenas, sem-terra, assentados e lideranças agrárias.

O terceiro ponto trata do uso da violência por policiais, conjugada à ausência de mecanismos institucionais de controle quanto aos padrões institucionais do uso da força, o que propicia não apenas a vitimização de civis, mas também de policiais. Um quarto ponto de atenção diz respeito ao risco de politização das organizações da segurança pública, em particular das polícias militares, o que coloca em risco não apenas a paz social, mas a própria democracia. Os desdobramentos da política armamentista em curso no Brasil criam riscos de majorar os números de homicídios a médio e longo prazos. À luz das evidências científicas, essa política deve ser reavaliada o quanto antes, não apenas para que assim sejam reduzidos os danos trazidos na atualidade a toda a sociedade, bem como os riscos futuros contra a vida e a segurança dos brasileiros. (IPEA, 2021)

Desde meados da década de 1970, vem-se exacerbando, no Brasil, o sentimento de medo e insegurança. Não parece infundado esse sentimento. As estatísticas oficiais de criminalidade indicam, a partir dessa década, a aceleração do crescimento de todas as modalidades delituosas. Crescem mais rápido os crimes que envolvem a prática de violência, como os homicídios, os roubos, os seqüestros, os estupros. Esse crescimento veio acompanhado de mudanças substantivas nos padrões de criminalidade individual bem como no perfil das pessoas envolvidas com a delinquência. (ADORNO, 2002, p.01)

Coelho; Silva; Lindner (2014), destacam que a Organização Mundial de Saúde (OMS), propõe tipologias de violência divididas em três categorias:

Quadro 4: Tipologias de violência de acordo com a OMS	
Violência coletiva	atos violentos que acontecem nos âmbitos macrossociais, políticos e econômicos caracterizados pela dominação de grupos e do Estado. Estão presente nesta categoria os crimes cometidos por grupos organizados, atos terroristas, crimes de multidões, guerras e processos de aniquilamento de determinados povos e nações.
Violência autoinfligida	subdividida em comportamentos suicidas e os autoabusos. Sendo no primeiro caso o suicídio, a ideação suicida e as tentativas de suicídio. O conceito de autoabuso referem-se às agressões a si próprio e as automutilações
Violência interpessoal	dividida em violência comunitária e violência familiar. Na primeira incluem-se a violência juvenil, os atos aleatórios de violência, o estupro e o ataque sexual por estranhos, bem como a violência em grupos institucionais, como escolas, locais de trabalho, prisões e asilos. A violência familiar é aquela infligida pelo parceiro íntimo, assim como o abuso infantil e contra os idosos.

Fonte: Organização da Pesquisadora

Minayo (2006), ainda inclui neste rol a *violência estrutural*, inserida nos processos sociais, políticos e econômicos que acabam por reproduzir fome, miséria e desigualdade social, ocorrendo, num primeiro momento, sem a consciência explícita dos sujeitos.

A violência, nos últimos anos, tem crescido no mundo todo. Da falta de respeito a crimes hediondos, a violência tem sido alarmante. Até mesmo na escola, lugar de construção de saberes, ela está presente. São inúmeros os casos: depredações e vandalismos, assassinatos, falta de respeito, indisciplinas e incivildades, estas também conhecidas como *bullying*. (PEREIRA, 2009, p. 9).

Fante (2018), afirma que a violência é um comportamento apreendido na interação social, portanto é possível ensinar comportamentos não violentos,

orientando para que os conflitos interpessoais sejam solucionados por meios pacíficos, se a violência pode ser desaprendida, a tolerância e solidariedade podem ser ensinadas. Ressalta que ensinar a criança desde a mais tenra idade a desenvolver estas atitudes é medida que auxiliará a conviver pacificamente e a reconstruir um mundo melhor. Logo, a escola deve estimular o ensino e o desenvolvimento de atitudes que valorizem a prática da tolerância, da solidariedade, do diálogo e do respeito.



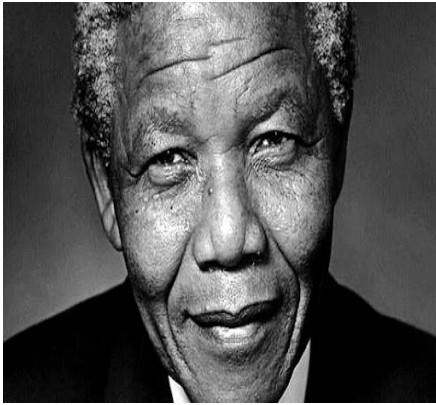
Fonte: <https://br.depositphotos.com/vector-images/n%C3%A3o-viol%C3%Aancia.html>

Sobre não violência Battisti (2018), ressalta que às vezes é preciso uma certa “agressividade” para resolver os problemas. Porém, não é uma agressividade com armas, mas de atitude diante das fatalidades que ocorrem. Tais atitudes sugerem um novo estilo de vida, de paz e de amor. A não violência entende que o fim é o resultado do meio, ou seja, na percepção da não violência, os meios justificam os fins. Sendo assim a paz não pode ser obtida por meios violentos, pois um "estado real de paz, só se mantém quando ela for estendida a todos os indivíduos de uma sociedade".(GASPARIAN,2008),

Alguns ativistas apresentaram ações não violentas como princípio e atitudes contra a violência, os quais através do pensamento e da ação fizeram a diferença, buscando justiça social, igualdade e respeito. Nomes como Nelson Mandela, Martin Luther King, Mahatma Gandhi, Chico Mendes, Malala Yousafzai, Rosa Parks dentre outros utilizaram-se da não violência, dialogo e desobediência civil como forma de transformar o *Status quo*. Alguns destes ativistas foram presos, outros sofreram

atentados e outros ainda foram assassinados, mas deixaram um legado, de que a não violência é o caminho e de que a luta não pode parar.

a) Nelson Mandela



Nasceu em Mvezo, um pequeno vilarejo às margens do rio Mbashe, na África do Sul (CARVALHO, 2020). Em sua jornada, afirmava ter lutado contra a dominação branca e contra a dominação negra pelo ideal de uma sociedade democrática e livre, em que as pessoas pudessem conviver em harmonia, tornou-se um dos símbolos dos direitos humanos no século XX.

Fonte: Editora Unesp

Foi sentenciado a prisão perpétua, tornando-se um símbolo de resistência para o movimento antiapartheid. Ao sair da prisão intensificou sua batalha contra a opressão com o intuito de atingir os objetivos que juntamente com outras pessoas, se propuseram a alcançar. Em 1994 tornou-se o primeiro presidente negro da África do Sul. Conquistou o respeito internacional pela defesa da reconciliação nacional e internacional.

b) Martin Luther King Jr



Fonte: Superinteressante

Foi um dos defensores da mudança social não violenta mais conhecidos do século XX (VEJA, 2021). Durante sua infância e adolescência viveu fortemente a segregação racial predominante no Estado da Geórgia. Logo no início da carreira, Luther King tornou-se ativista na luta pela igualdade

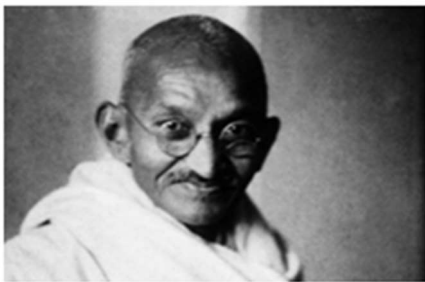
Ficou conhecido por suas táticas de não-violência e desobediência civil e pela sua maravilhosa oratória, baseando seu ativismo também em suas crenças cristãs.

Em seu discurso expressava o desejo de que todos os americanos fossem julgados não pela cor da pele, mas por suas ações. Suas manifestações eram passeatas e discursos com o propósito de alcançar a igualdade racial nos Estados Unidos através do diálogo e do entendimento. As várias manifestações em comunidades culminaram com a marcha que atraiu mais de 250 mil manifestantes a

Washington, DC, foi onde Luther King pronunciou seu famoso discurso “Eu tenho um sonho”, ele desejava um mundo em que as pessoas não fossem divididas por sua cor. O movimento foi tão forte que o Congresso promulgou a Lei dos Direitos Civis em 1964, ano em que King recebeu o Prêmio Nobel da Paz.

No ano de 1968, em Memphis, Tennessee, King estava na sacada do hotel quando foi atingido por um tiro de espingarda que o matou, aos trinta e oito anos. A partir do ano de 1986, na terceira segunda-feira do mês de janeiro, é celebrado um feriado nacional nos Estados Unidos em homenagem a Martin Luther King, chamado "Dia de Martin Luther King". Seu trabalho simboliza a luta pela igualdade e não discriminação, recebendo a Medalha Presidencial da Liberdade a título póstumo.

c) *Mahatma Gandhi*



Fonte: National Geographic

Ficou conhecido como um dos maiores líderes do século XX praticou o princípio de *Satyagraha*, resistência à tirania por meio da desobediência civil massiva não violenta (FRAZÃO, 2020). Gandhi liderou campanhas em nível nacional para atenuar a pobreza, expandir os direitos das mulheres, criar harmonia religiosa e étnica, além de eliminar as injustiças do sistema de castas. Procurou libertar a Índia do domínio estrangeiro. Gandhi foi preso algumas vezes. Martin Luther King Jr. e Nelson Mandela reconheceram Gandhi como fonte de inspiração em sua luta pelos direitos para os seus povos. Em homenagem a data de seu nascimento em 02 de outubro, foi promulgada pela Organização das Nações Unidas (ONU), do Dia Internacional da Não Violência. Em seu discurso na Assembleia Geral, o Ministro de Estado das Relações Exteriores da Índia, Sr. Anand Sharma, reproduziu as palavras do líder indiano. "A não violência é a maior força à disposição da humanidade. É mais poderosa do que a mais poderosa arma de destruição concebida pela engenhosidade do homem". (UN.ORG, 2021).

d) Rosa Parks



Foi uma ativista do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos (SUPER INTERESSANTE, 2021). Em dezembro de 1955, Rosa se negou a ceder seu assento em um ônibus a um branco em Montgomery, no Alabama. Por lei os primeiros assentos eram

Fonte: Getty Imagens

destinados às pessoas brancas, porém Rosa se recusou a levantar. Foi detida por violar a lei de segregação do código da cidade de Montgomery. A prisão de Rosa culminou com um boicote aos ônibus urbanos, os trabalhadores negros e os simpatizantes da causa passaram a caminhar quilômetros em direção ao trabalho, causando com isso um grande prejuízo para a empresa. O movimento contra a segregação durou quase um ano e em novembro de 1956, a Suprema Corte declarou inconstitucionais as leis de segregação. Foi o primeiro movimento norte americano contra segregação a sair vitorioso.

Nos anos de 1960, Rosa Parks, aproximou-se de grupos de ativistas que defendiam o uso da violência, utilizando armas, na década seguinte afastou-se de qualquer tipo de militância. Recebeu algumas homenagens: Em 1976, a 12th Street na cidade de Detroit foi renomeada como Rosa Parks Boulevard. No ano de 1997 o estado de Michigan decretou o dia 04 de fevereiro como o Dia de Rosa Parks. O presidente Bill Clinton em 1999, condecorou Rosa com a medalha de ouro do Congresso norte-americano e declarou: "Rosa Parks hoje está sentada ao lado da primeira-dama e pode sentar ou levantar, a escolha é dela". O ônibus em que Rosa estava, faz parte do acervo do The Henry Ford Museum.

e) Chico Mendes

Foi um líder seringueiro, sindicalista e ativista ambiental brasileiro (EXAME, 2021). Organizou a União dos Povos da Floresta, uma aliança entre indígenas, seringueiros, castanheiros, pequenos pescadores e populações ribeirinhas que poderiam ser ameaçados pelo desmatamento da região. Chico Mendes lutou pela preservação da Floresta Amazônica e suas seringueiras nativas. Criou os chamados



Fonte: *Brasil de Fato*

“empates”, luta pacífica que tinha o objetivo de impedir o desmatamento da floresta, nesse movimento, toda a comunidade se mobilizava, fazendo barreiras com o próprio corpo nas áreas ameaçadas de destruição pelos serralheiros e fazendeiros.

Sua luta foi reconhecida internacionalmente. No ano de 1987, falou na reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), em Miami (EUA), denunciando a destruição da floresta, solicitou a suspensão do financiamento para a construção da BR – 364, que atravessaria o estado de Rondônia e chegaria ao Acre. Recebeu em 1988, o Prêmio Global de Preservação Ambiental da ONU e a Medalha de Meio Ambiente da *Better World Society*. Enquanto se tornava conhecido, também era ameaçado de morte. Em 1988, Chico foi assassinado ao sair de casa. Os acusados de sua morte foram capturados e presos.

A casa onde Chico Mendes morou em Xapuri, no Acre, foi reformada e transformada no "Memorial Chico Mendes". O principal legado de Chico Mendes são as Reservas Extrativistas, que representam a primeira iniciativa de conciliação entre proteção do meio ambiente e justiça social, antecipando o conceito de desenvolvimento sustentável que surgiu com a Rio 92.

f) Malala Yousafzai



Fonte: *Revista Galileu*

É uma militante paquistanesa dos direitos das crianças (FRAZÃO, 2021). Foi vítima de um atentado por defender o direito das meninas de ir à escola. O grupo fundamentalista Talibã fez do Vale onde Malala vivia seu território, fechando as escolas, as que desobedeceram foram dinamitadas. Em 2010, o governo anunciou a expulsão do Talibã da região do Vale do Swat, no Paquistão, porém a milícia continuava vigiando a área.

Malala defendia em entrevistas o direito das meninas à educação, por isso passou a receber ameaças de morte. O atentado ocorreu em outubro de 2012 quando estava no ônibus voltando da escola, ela recebeu três tiros na cabeça. Após recuperar-se do atentado, tornou-se porta voz de uma causa— o direito à educação.

Atualmente vive com a família na Inglaterra. Malala, aos dezessete anos, foi a mais jovem ganhadora do Prêmio Nobel da Paz.

g) Zilda Arns Neumann



Fonte: Jornal Grande Bahia

Foi uma médica pediatra e sanitarista, nasceu em Forquilha, Santa Catarina (FRAZÃO, 2019). Criou no ano de 1983, a Pastoral da Criança com o objetivo de diminuir a mortalidade infantil, mudando o destino de muitas crianças. O trabalho começou em uma pequena cidade no Paraná, mas expandiu-se por países da América Latina, Ásia e África. Em

2006, foi indicada ao Prêmio Nobel da Paz.

Em 2010, Zilda palestrava em uma igreja em Porto Príncipe, Haiti, quando ocorreu um terremoto, ela foi atingida na cabeça, vindo a óbito. No ano de 2017, a câmara dos deputados de São Paulo criou o prêmio Zilda Arns de direitos humanos (G1 - SP, 2021). Uma homenagem à médica pediatra pelas causas humanitárias em que atuou. O prêmio consiste em um diploma de menção honrosa, o qual é concedido anualmente a até cinco pessoas.

Em 2021, Padre Júlio Lancelotti foi um dos escolhidos para receber o prêmio, por seu trabalho a frente da Pastoral do Povo da Rua de São Paulo, uma das suas ações é distribuir comida para a população da cracolândia. Ao ser criticado por uma deputada que alegou que os atos do padre aumentariam a criminalidade, respondeu: "objetivo principal não é distribuir comida, mas é ser alimento, força e esperança para aqueles que estão esquecidos, marginalizados, descartados, excluídos. Sejamos irmãos de todos. Não neguemos nem o pão, nem o coração para ninguém"

h) Dorothy Stang

Conhecida como irmã Dorothy, foi uma Norte-americana naturalizada brasileira (GARCIA, 2019). Desde a década de 1970 atuava na região amazônica, mantendo intensa agenda de diálogo com lideranças camponesas, políticas e religiosas, buscando soluções para os conflitos relacionados à posse e à exploração da terra. Em Anapu - Pará (PA), Irmã Dorothy foi responsável pela implantação do Projeto de Desenvolvimento Sustentável Esperança, um modelo de assentamento e



Fonte: Folha - Uol

gestão que produzia uma fonte segura de renda com a colheita de madeira, sem destruir a floresta.

Dentre suas inúmeras iniciativas em favor dos mais desprovidos, Irmã Dorothy ajudou a fundar a primeira escola de formação de professores na rodovia Transamazônica (GARCIA, 2019), a Escola Brasil Grande. No ano de 2004, recebeu premiação da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) - seção Pará, pela sua luta em defesa dos direitos humanos. Em 2005, foi homenageada pelo documentário livro-DVD 'Amazônia Revelada'⁵, organizado por Maurício Torres.

A ativista era constantemente ameaçada, pelo trabalho que exercia, mas nunca se deixou intimidar. Pouco antes de ser assassinada, declarou: "Não vou fugir e nem abandonar a luta desses agricultores que estão desprotegidos no meio da floresta. Eles têm o sagrado direito a uma vida melhor numa terra onde possam viver e produzir com dignidade sem devastar". Em 12 de fevereiro de 2005 aos setenta e três anos de idade, Dorothy Stang foi assassinada com seis tiros em uma estrada de difícil acesso, indo em direção ao município de Anapu. (GARCIA, 2019)

De acordo com a UNESCO (2020), a não violência deve ser uma atitude que permeia toda a prática de ensino, envolvendo todos os profissionais de educação, os estudantes, os pais e a comunidade em um desafio comum e compartilhado. A escola deve ser um lugar voltado ao diálogo tornando-se um centro para a vida cívica na comunidade.

A vivência da cidadania é um poderoso agente no combate a violência, principalmente no ambiente escolar. No exercício da cidadania o valor que tem maior privilégio é o respeito e consecutivamente o direito. Com a aquisição desse conhecimento os sujeitos cidadãos podem viver em sociedade praticando o respeito ao outro e a aceitação do direito deste, assim como exigir que seus próprios direitos sejam considerados, ocasionando uma atmosfera pacífica que renega a violência em todos os sentidos.(OLIVEIRA et al., 2013,p.5)

Em uma entrevista a filósofa Judith Butler (2020) fala da não violência e diz que a violência que ataca as relações sociais acaba sendo um ataque contra "nós mesmos", já que prejudica as condições de uma vida "vivível". "Ser não violento não significa demonstrar a nossa virtude como indivíduos, mas sim reconhecer que

⁵<http://centrodememoria.cnpq.br/amazonia%20revelada.pdf>

somos definidos pelas nossas relações sociais com outros seres vivos. Em suma, significa compreender que somos seres relacionais e não egológicos⁶, justamente". (BUTLER, 2020, p. 01)

Algumas frases mostram um pouco do pensamento de pessoas que tornaram-se célebres, pois acreditaram que poderiam com sua luta transformar o Status quo, em uma batalha voltada à igualdade, justiça social, liberdade, comprometimento com a paz. "O conceito de paz positiva implica o fim não apenas da violência direta, mas, também, da violência estrutural ou da injustiça social".(KLEMER; PEREIRA; BLANCO, 2016)

Quadro 5: Frases Emblemáticas	
Nelson Mandela	Eu nutri o ideal de uma sociedade democrática e livre, na qual todas as pessoas vivem juntas em harmonia e com oportunidades iguais. É um ideal que espero viver para alcançar. Mas, se for preciso, é um ideal pelo qual estou preparado para morrer." ⁷
Martin Luther King	"Eu tenho um sonho que meus quatro pequenos filhos um dia viverão Em uma nação onde não serão julgados pela cor da pele, mas pelo conteúdo do seu caráter" ⁸
Mahatma Gandhi	"Você nunca sabe que resultados virão de suas ações. Mas se você não fizer nada, não existirão resultados" ⁹
Chico Mendes	"No começo pensei que estivesse lutando para salvar seringueiras, depois pensei que estava lutando para salvar a Floresta amazônica. Agora, percebo que estou lutando pela humanidade" ¹⁰
Malala Yousafzai	"Vamos pegar nossos livros e canetas. Nossos livros e canetas são as armas mais poderosas. Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo. Educação é a única solução" ¹¹
Maria Montessori	"As pessoas educam para a competição e esse é o princípio de qualquer guerra. Quando educarmos para cooperarmos e sermos solidários uns com os outros, nesse dia estaremos a educar para a paz" ¹²
Paulo Freire	"Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" ¹³
Karl Marx	"Mais importante do que interpretar o mundo, é contribuir para transformá-lo" ¹⁴

Fonte: www.pensador.com

⁶Estuda-se o pensamento do jusfilósofo argentino Carlos Cossio, suas premissas e referencial teórico, calcadas no pensamento de Hans Kelsen e da fenomenologia de Edmund Husserl, em face da ciência do direito. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/59544/apontamentos-a-teoria-egologica-de-carlos-cossio>

⁷https://www.pensador.com/frases_nelson_mandela_inspirar_ser_alguem_melhor/

⁸ https://www.pensador.com/frases_marcantes_inspiradoras_martin_luther_king_jr

⁹ https://www.pensador.com/frases_mais_memoraveis_de_gandhi/

¹⁰ https://www.pensador.com/autor/chico_mendes/

¹¹ https://www.pensador.com/autor/malala_yousafzai/

¹² https://www.pensador.com/autor/maria_montessori/

¹³ https://www.pensador.com/autor/paulo_freire/

¹⁴ https://www.pensador.com/autor/karl_marx/

Martin Luther King Jr. um dos mais importantes e respeitados líderes políticos negros teve uma trajetória importante, porém breve. Lutou incessantemente pelos princípios de liberdade e igualdade. Buscou combater pacificamente o preconceito racial (GAMA, 2020). Nelson Mandela foi o líder de maior destaque na luta contra o sistema de segregação racial na África do Sul, tornando-se posteriormente, presidente. O Apartheid foi um movimento que, apoiado nas ideias de superioridade racial do branco, instituiu em leis a segregação racial na sociedade, proibindo o casamento inter-racial, tendo brancos e negros residindo em áreas separadas(LIVIERO, 2020).

Chico Mendes, mesmo ameaçado não desistiu de sua luta pela Amazônia e como mostra a frase, percebeu que sua batalha iria além. Seu principal legado são as Reservas Extrativistas, que representam a primeira iniciativa de conciliação entre proteção do meio ambiente e justiça social. (MEMORIAL CHICO MENDES, 2021). Paulo Freire e Malala, apostam na educação como forma de liberdade e transformação. Paulo Freire reforça a questão do diálogo e da relação com o outro "Se aprende na relação com o outro, no diálogo com outro, na aproximação dele com o conhecimento do outro. Esse aprender coletivo tem a ver com o conhecimento sistematizado pelas outras pessoas. Saber que você precisa escutar e aprender com o outro é fundamental para romper com uma lógica de educação tradicional" (MACHADO, 2018)

O muitas vezes "incompreendido" Marx, também traz a questão da educação, tendo a concepção de mundo, de homem e de sociedade baseada na pedagogia histórico-crítica, pois parte da constatação do homem como um ser corporal que se produz materialmente ao produzir seus meios de existência (SAVIANI, 2018). Para Boron (2012), o farol do pensamento de Marx projeta uma luz cada vez mais esclarecedora sobre as tenebrosas realidades do mundo atual.

2.3 Cultura de paz

"A essência dos Direitos Humanos é o direito a ter direitos." (Hannah Arendt)

Ao falar em cultura de paz, há de se mencionar os direitos humanos. Na declaração Universal dos direitos humanos em seu artigo 1º está previsto que todos

os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos, são dotados de razão e de consciência e devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.

Os direitos humanos são normas que reconhecem e protegem a dignidade de todos os seres humanos (UNICEF, 2021), regem a forma como seres humanos vivem em sociedade e entre si e sua relação com o Estado, assim como as obrigações do Estado com eles. Os direitos humanos são universais e baseados no princípio de respeito ao indivíduo, tendo a premissa fundamental de que cada indivíduo é um ser moral e racional que merece ser tratado com dignidade.

(...) Direitos Humanos valem para todos os seres humanos; por isso, possuem caráter universal e refletem a luta e a conquista de toda a humanidade, são inalienáveis, não têm valor de troca, nem tampouco se vendem, fazem parte da dignidade do ser humano. (OLIVEIRA; MENDONÇA; COFFI, 2020, p.06)

Para Noletto (2010) a cultura de paz está intrinsecamente relacionada à prevenção e à resolução não violenta de conflitos, sendo uma cultura baseada na tolerância e solidariedade, respeitando os direitos individuais, os quais asseguram e sustentam a liberdade de opinião. A cultura de paz busca solucionar os problemas por meio do diálogo, negociação e da mediação, tornando a guerra e a violência inviáveis. Noletto (2010), ainda ressalta que a cultura de paz é uma iniciativa de longo prazo que leva em conta os contextos históricos, político, econômico, social e cultural de cada ser humano e sociedade. A paz é um processo contínuo e diário e a humanidade deve esforçar-se para promovê-la e administrá-la.

A cultura de paz traz seis pontos que podem indicar caminhos de ação de acordo com "Manifesto 2000 - Por uma Cultura de Paz e Não Violência", defendida pela UNESCO:

- Respeitar a vida;
- Rejeitar a violência;
- Ser generoso;
- Ouvir para compreender;
- Preservar o planeta;
- Redescobrir a solidariedade

Segundo Salles Filho (2016), a cultura de paz pode ser entendida como um conjunto de práticas humanas e sociais, relacionadas às vivências e convivências, pautadas na construção conjunta de valores humanos positivos, os quais alimentam os direitos humanos. "Uma cultura de paz pauta-se pela solidariedade, generosidade, respeito às diferenças, pautadas na escuta e no diálogo, evitando formas violentas de viver e conviver"(SALLES FILHO, 2016, p. 23)

Trabalhar a cultura de paz na escola poderá contribuir para a redução de violências, inclusive o *bullying*. Desenvolver relações saudáveis (UFMS, 2021), é estar ciente das responsabilidades, entendendo que ações afetam o outro tanto positiva quanto negativamente. É importante cultivar convivências baseadas na empatia, a fim de valorizar a diversidade de experiências, o diálogo e a cooperação.

Segundo Dupret (2002), para construir uma cultura da paz é necessário dotar as crianças e os adultos de uma compreensão dos princípios e respeito pela liberdade, justiça, democracia, direitos humanos, tolerância, igualdade e solidariedade. Rejeitando a violência individual e coletiva presente na sociedade.

A cultura é um produto social, construído por um modo de vida coletivizado que prima por um sistema de comunicação, em que os símbolos dialogam com todos os membros da comunidade. Nesse momento, é fundamental pensar o modelo de sociedade que se deseja para reconstruir linguagens com signos que traduzam a vontade social, e não apenas de parte desta. (OLIVEIRA; COFFI; MENDONÇA, 2020, P. 19)

Dupret (2002), ressalta que o conceito de paz pode ser abordado em seu sentido negativo, traduzindo-se na ausência de conflito, em passividade e permissividade. Tornando-se difícil de se concretizar. Em sua concepção positiva, a paz não é o contrário da guerra, mas a prática da não-violência para resolver conflitos, a utilização do diálogo na relação entre pessoas.

A promoção da cultura da paz é uma ação que deverá ser posta em prática nas escolas e demais locais de formadores de opinião para que haja compreensão da necessidade urgente de se estabelecer uma educação para a paz propondo medidas para que a paz seja implantada nos educandários brasileiros.(HAMMES, HAMMES, ROLAN, 2019, p. 04)

Dentre os documentos internacionais listados pelo Comitê Paulista para a década da cultura de paz (2001 - 2010), será aqui destacado o Relatório de Dellors, o qual afirma que "*as missões da educação fazem com que englobe todos os processos que levem as pessoas, desde a infância até ao fim da vida, a um*

conhecimento dinâmico do mundo, dos outros e de si mesmas, combinando de maneira flexível quatro aprendizagens fundamentais..." Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.

O relatório trazido por Jacques Dellors¹⁵ (1996), intitulado Educação: Um tesouro a ser descoberto, expõe então as quatro aprendizagens fundamentais acima mencionadas:

a) Aprender a conhecer:

Supõe, antes de tudo, aprender a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento. O processo de descoberta implica duração e aprofundamento da apreensão;

b) Aprender a fazer:

Combina a qualificação técnica e profissional, o comportamento social, a aptidão para o trabalho em equipe, a capacidade de iniciativa, o gosto pelo risco. Qualidade como a capacidade de comunicar, de trabalhar com os outros, de gerir e de resolver conflitos, tornam-se cada vez mais importantes. A aptidão para as relações interpessoais, cultivando qualidades humanas que as formações tradicionais não transmite necessariamente e que correspondem à capacidade de estabelecer relações estáveis eficazes entre as pessoas.

c) Aprender a viver juntos:

Aprender a viver com os outros desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências - realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos - no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz;

d) Aprender a ser:

Para o desenvolvimento da personalidade individual e da capacidade de autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal. Não negligenciar nenhuma das potencialidades de cada indivíduo, tais como memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se. O desenvolvimento tem por objeto a realização completa do ser humano, em toda a sua riqueza e na complexidade das suas expressões e dos seus compromissos: indivíduo, membro de uma família e de uma coletividade, cidadão e produtor, inventor de técnicas e criador de sonhos.

¹⁵ Foi o presidente da Comissão Internacional sobre a Educação Para o Século XXI

Este desenvolvimento do ser humano, que se desenrola desde o nascimento até a morte, é um processo dialético que começa pelo conhecimento de si mesmo para se abrir, em seguida à relação com o outro. Neste sentido, a educação é antes de tudo uma viagem interior, cujas etapas correspondem às da maturação contínua da personalidade. Compete à educação encontrar e assinalar as referências que impeçam as pessoas de ficar submergidas nas ondas de informações, mais ou menos efêmeras, que invadem os espaços públicos e privados e as levem a orientar-se para projetos de desenvolvimento individuais e coletivos.

Cabe fornecer os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele. Estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta.

Dellors (1996) ainda traz a missão da educação, a qual tem a função de transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana, levar pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta. " A educação deve ajudar-nos a descobrir nós mesmos. Só então poderemos, verdadeiramente, nos colocar no lugar dos outros e compreender suas reações".

Para Dellors (1996), desenvolver atitude de empatia é muito importante para os comportamentos sociais ao longo da vida, no momento em que se trabalha em conjunto as diferenças e até mesmo os conflitos tendem a reduzir-se, transpondo as rotinas individuais, as quais valorizam o que é comum e não as diferenças. A participação em projetos comuns pode dar origem à aprendizagem de métodos de resolução de conflitos e constituir uma referência para a vida, enriquecendo as relações humanas.

O Manifesto 2000 por uma cultura de paz e não-violência prevê a transformação da cultura de guerra e violência em uma cultura de paz e não-violência. Necessitando a transmissão às futuras gerações de valores que possam contribuir para um mundo mais digno e harmonioso, de justiça, solidariedade, liberdade e prosperidade. "A Cultura de Paz torna possível o desenvolvimento duradouro à proteção do ambiente natural e a satisfação pessoal de cada ser humano".(MANIFESTO 2000).

Hoje, as pessoas, não estão mais sabendo escutar o outro, cada um tem a necessidade de ter sempre razão, na maioria das vezes ninguém tem paciência de ouvir o que o outro tem para dizer, ter a humildade de perceber que nem sempre está com a razão, qualquer palavra mal interpretada é motivo para agressão verbal e se de outro lado não houver a compreensão, um simples conflito que poderia ser resolvido facilmente toma uma proporção que foge do alcance dos educadores, se desencadeando em agressão verbal e física. (NASCIMENTO; SALLES FILHO, 2013, p. 10)

Nascimento e Salles Filho(2013) reforçam a ideia de que a escola precisa de uma educação para a paz, não de uma ausência de conflitos, mas de uma mudança de cultura pra transformar a violência na cultura de paz. De acordo com Nascimento e Salles Filho (2013). A cultura de paz será construída quando a família, escola e sociedade caminharem juntas no mesmo envolvimento e responsabilidade no processo de educação, a fim de buscarem a essência do ser, o respeito mútuo, somente quando esse tripé se unirem haverá a transformação necessária para uma sociedade mais justa, humana e fraterna.

3. EDUCAÇÃO PARA A PAZ

"A facilidade para fazer a guerra, unida à tendência dos detentores do poder que parece ser congênita à natureza humana, é, pois, um grande obstáculo para a paz perpétua"

(Immanuel Kant)

De acordo com Cardoso (2012), a Paz para os romanos era entendida como resultado do poder militarista, o qual deveria manter a "ordem" e coibir a violência. Este ponto de vista de paz influenciou muito o ocidente através da formação de escolas militares e de exércitos permanentes como forma de garantir a paz. Também faz referência a paz estoica, a qual ganha sentido no repouso e tranquilidade permanentemente a cultura ocidental.

Ainda de acordo com Cardoso(2012), houve o entendimento de paz através da religião muitas vezes favorecida por uma interpretação belicista das escrituras, estava aberto o caminho para uma concepção simbólica cristã e guerreira da paz. Guimarães (2005) *Apud* Cardoso(2012)salienta que para alcançar o estado de ordem e paz, seria preciso utilizar-se de certos meios, entre eles a própria guerra. Com isso, Santo Agostinho e a Igreja Cristã acabaram por formular a concepção da

“guerra justa”, em que reconhecem o emprego da violência bélica como uma forma necessária para instaurar e manter a paz.

De acordo com o Dicionário Houaiss (2015), a paz seria a ausência de conflito, uma calma, tranquilidade, ainda a cessação total de hostilidades entre Estados. “É uma caminhada longa que, na verdade, não tem fim, e geração após geração precisa ser preparada, educada para construir e reconstruir a paz”. (GERHARDT, 2005, p. 07)

Kant e outros filósofos depois dele passam a postular a necessidade de um pacto, uma aliança entre as pessoas para viverem em paz. Este pacto passa pela criação de instituições político-jurídicas que sirvam de meio para as discussões dos acordos diplomáticos. A paz, portanto, é um processo contínuo, jurídico e histórico. Kant lança as sementes do que no futuro será o parlamento das nações, hoje a ONU. A partir desta concepção filosófica é que começa a ser utilizada a figura da construção para definir a obra da paz. A paz passou a fazer parte do projeto da humanidade de vencer a barbárie.(CARDOSO, 2012, p. 31)

Cardoso (2012) ainda traz o conceito moderno-filosófico da paz, a qual baseia-se na capacidade humana de operar a paz. Sendo sua principal competência o diálogo, estabelecido através da construção de sujeitos (pessoas, instituições e estados) capazes de dialogar e escutar o outro. De acordo com Torres e Rodrigues (2019), a educação é fundamental para a construção de um modelo ético e normativo para a educação para a paz.

Convém ressaltar que, em verdade, nos últimos anos, em razão das políticas neoliberais e da hegemonia dos valores do mercado, a educação tem sido reduzida à função para o desenvolvimento econômico, para o mercado de trabalho e para a formação de mão-de-obra — o que é insuficiente para explicar plenamente as dimensões que a constitui. (TORRES; RODRIGUES, 2019, p. 03)

Para Nodai e Cescon (2010), a educação é a responsável pela mudança cultural e para o progresso social, já que permite o desenvolvimento integral da pessoa. Afirmam que a educação é um agente norteador do desenvolvimento de uma cultura para alcançar as aspirações pacíficas.

Depois da segunda grande guerra, no contexto da corrida armamentista e na eclosão do movimento pacifista, a educação para a paz assume a conotação de ação e investigação pela paz, tendo nos grupos de não-violência os protagonistas para tematizar a questão. Hoje, a educação para a paz revela-se como possibilidade, no próprio espaço da educação, para

superar a violência no meio escolar e dar um contributo para a construção de uma sociedade não-violenta. (HAMMES, 2009, p.13)

Para Fackin (2005) a educação para a paz, apesar de sua importância, não faz parte do currículo das escolas, limitando-se à atividades no Dia Mundial da Paz¹⁶, com atividades desconexas, voltando a seguir com a rotina habitual voltada à violência estrutural. "Neste contexto, a meta educativa da não-violência é apenas uma retórica que enfeita o sistema educativo" (FACKIN, 2005, p. 44)

Conforme Jares (2002) a Educação para a paz não é isenta de conflitos, não há uma unanimidade, mas há uma necessidade cada vez maior a quem se dedica às ações formativas, formais ou não. Traz o legado da não violência para a educação para a paz, mostrando que não é recente. As reflexões sobre as ações voltadas à educação para a paz começam a consolidar-se no início do século XX, com a Escola Nova.

A Educação para a Paz apresenta, de início, uma necessidade de olhar complexo sobre o mundo, a vida e sobre ela mesma. Por outro lado, ela se faz no processo dialógico e nas múltiplas perspectivas de conflitos e convivências. Na escola esse processo é fundamentalmente ligado ao docente, na sua relação com valores próprios e institucionais, suas idéias e vivências em relação a violências, paz, conflitos e convivências (SALLES FILHO, 2009, p. 10282)

Para Fackin (2005), educar para a paz, é um compromisso para uma forma de vida, na qual se respeita a si mesmo, aos demais e ao seu mundo. afirma que a compreensão sobre o "poder" da não violência, auxilia o jovem a identificar alternativas ao comportamento violento e construir as bases para a composição de comunidades fundamentadas na justiça e na liberdade.

Ao falar em educação para a paz é imprescindível mencionar Paulo Freire. Salles Filho (2009) ressalta que a contribuição do pensamento freireano traz aspectos entre utopia e possibilidades concretas na medida em que coloca homens e mulheres como protagonistas na construção de suas próprias histórias. "Isso nos faz acreditar que uma Cultura de Não-violência ou Cultura de Paz, e ainda, uma Educação para a Paz, sejam questões viáveis de construção, e não apenas discurso vazio, ou oportunista, ou da moda".(SALLES FILHO, 2009, p. 08)

¹⁶https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/peace/documents/hf_p-vi_mes_19671208_i-world-day-for-peace.html

Nas palavras de Ana Freire(2006), Paulo Freire expressa seu entendimento de Paz, reforçando que esta se opõe às injustiças e à Guerra. Manifesta sua preocupação com a formação de homens e mulheres com uma educação relacionada direta e dialeticamente com a paz. Em seu discurso na UNESCO demonstra o respeito, amor e fé em homens e mulheres, tem uma crença na educação e nos seres humanos que deve principiar pela conscientização dos problemas que antieticamente são inseridos na convivência social.

A Guerra é plural por vocação, quer atingir e ceifar vidas em nome da morte dos adversários. Tem como intenção maior destruir o outro e a outra, e o mundo concreto construído pelas culturas sociais mais diversas através de milênios. Nega por sua natureza e essência, inclusive, a propaganda ideológica da globalização da economia e do neoliberalismo: a igualdade entre os povos e as nações. Fala em nome das rivalidades e não da cooperação. As guerras definem as diferenças injustas de riqueza e pobreza. São pré-concebidas e planeadas pela racionalidade reacionária. Os promotores das guerras se valem do medo e das fragilidades humanas e impõem o terror, o pavor e a tortura. As guerras se instauram no reino da crueldade, e são a mais verdadeira expressão da barbárie! A guerra é necrófila, vermelha como sangue. É intolerante. Cria a desesperança. (FREIRE, 2006, p. 389/390)

No centenário de Paulo Freire, Veras (2021) discorre sobre o legado deste, "mais do que um educador inovador, Freire foi um ser humano evoluído". continua dizendo que Freire, apostou na educação e no diálogo como instrumentos para o conhecimento da realidade que ensinou a ter esperança de que outro mundo é possível, "esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Declara que Freire é resistência e que é necessário resistir na sala de aula, no campo, na cidade para que os direitos conquistados e sonhados por Freire não sejam tirados.

Paulo Freire vive nas educadoras e educadores que acreditam no poder transformador da educação. Vive naqueles que respeitam as diferenças, que respeitam o direito que o outro tem de ser ele mesmo, que defendem os direitos humanos. Vive em todas e todos que sonham com uma sociedade mais justa, bela e bondosa. (VERAS, 2021, p. 01)

Cardoso e Silva (2016) afirmam que Paulo Freire coloca homens e mulheres como protagonistas de suas histórias, sendo capazes de reconstruir o mundo e a principal ferramenta é o diálogo.

Além disso, falar em educação para a Paz é falar de uma educação para vivência plena da cidadania, aqui incluída a luta contra todas as formas de desrespeito a direitos fundamentais de mulheres e homens. Nessa perspectiva, a própria paz é promotora de conflitos e desordens. Paz, para Paulo Freire, é empoderamento e só pode ser percebida no campo das relações sociais. Educar para Paz é educar para a vivência de um conjunto de valores que incluem justiça, respeito, diálogo, solidariedade, fraternidade, entre outros. (CARDOSO; SILVA, 2016, p. 13)

Ainda de acordo com Ana Maria Freire (2006), a paz só pode ser implantada como resultado de uma educação "crítico conscientizadora", reforçando a proposta de uma formação para as crianças desde a mais tenra idade na cultura de paz, sendo necessário esclarecer com "criticidade ética, as práticas sociais injustas, incentivando a colaboração, a tolerância com o diferente, o espírito de justiça e da solidariedade" (FREIRE, 2006, p. 05).

A paz em si, não é a grande transcendência do ser humano, mas sim, é o caminho para relações humanas mais reais e qualificadas, mais éticas, solidárias, questionadoras, críticas, criativas, amorosas, entre tantas possibilidades. Resumindo, o caminho na busca pela paz é que se constitui na transcendência. Uma Educação para a Paz, através da perspectiva dos conflitos mediados e nas convivências não-violentas é, em si mesmo, a grande mudança que se espera, para que junto dela os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento possam ser aprendidos, entendidos e utilizados para a preservação da vida e para o desenvolvimento humano sustentável. (SALLES FILHO, 2009, p.10)

Em 1986, Paulo Freire recebeu o prêmio Educação para a Paz da UNESCO, em seu discurso fala o que pensa sobre a paz: "De anônimas gentes, sofridas gentes, exploradas gentes aprendi, sobretudo, que a paz é fundamental, indispensável, mas que a paz implica lutar por ela. A paz se cria, se constrói na e pela superação de realidades sociais perversas. A paz se cria, se constrói na construção incessante da justiça social. Por isso, não creio em nenhum esforço chamado de educação para a paz que, em lugar de desvelar o mundo das injustiças, o torna opaco e tenta miopisar as suas vítimas". (CORTELLA, 2011, p. 07).

A educação para a paz decorre de uma nova visão de mundo. Por ser um campo de atuação interdisciplinar, sua tarefa é a de inventar uma nova linguagem para a nossa relação com o Outro. Cabe a ela o destino de implantar, implementar, divulgar e exercitar, de uma forma consistente, esse novo olhar para a Educação, a fim de que ela seja realmente transformadora e, transformada, dê um salto de qualidade no processo de ensino e aprendizagem, não só do ponto de vista formal da Educação, mas também do ponto de vista social e cultural. (GASPARIAN, 2008, p.22)



Fonte: http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/paulo_freire_hoje/popup/brasilemundo4.html

4. CONTEXTO DA PESQUISA

Toda pesquisa está inserida em uma situação geográfica, histórica e cultural. É descrito abaixo o contexto da pesquisa desenvolvida em uma escola pública de Guaíba, RS.

4.10 Município

A pesquisa foi feita no município de Guaíba, RS, o qual está localizado na região metropolitana de Porto Alegre. De acordo com o censo (IBGE, 2021), possui uma população estimada em 98.331 pessoas. Em relação a economia, conta com empresas e indústrias, além do comércio situado em sua maioria na parte central da cidade.



Fonte: <https://www.cidade-brasil.com.br/mapa-guaiba.html>

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município era anteriormente denominado Pedras Brancas, devido a formação rochosa na região. Possui sítios arqueológicos da cultura Guarani, os quais são pertencentes à família linguística tupi-guarani, eram horticultores e ceramistas. No ano de 1926, através do Decreto 3.697 de 14 de outubro, Guaíba foi elevada à categoria de município

Na década de 1960, um Centro de Tradição Gaúcha (CTG) de Porto Alegre, denominado "Maragato", o qual tinha uma sede provisória em Guaíba, desfilou no dia 20 de setembro carregando uma faixa em homenagem ao município com os dizeres "Guaíba Berço da Revolução Farroupilha", a partir deste momento a população guaibense nunca mais deixou de citar a homenagem recebida (IBGE, 2017)

Ao falar em pontos turísticos de Guaíba, pode-se citar o píer, a escadaria 14 de outubro, o Museu Carlos Nobre, a Praça da Bandeira, a Praia da Alegria, o Cipreste centenário localizado ao lado da Casa de Gomes Jardim, simbolizando um marco histórico da Revolução Farroupilha entre outros. A residência conhecida como "Casa de Gomes Jardim" foi utilizada no período da Guerra dos Farrapos, onde reuniam-se os principais líderes farrapos, em frente a residência citada há o cipreste. Conta-se que foi ao "pé" desta árvore, em 1835, que Bento Gonçalves, Gomes Jardim e Onofre Pires planejaram a tomada de Porto Alegre que ocorreria no dia seguinte, 20 de setembro. (CAMPOS, 2020).

Figura 14: Casa Gomes Jardim e Cipreste

Fonte: <https://www.turismo.rs.gov.br/atrativo/4497/casa-de-gomes-jardim>

Casa Gomes Jardim foi construída em meados do século XVIII e guarda parte de elementos originais da época. Duas pinturas da fachada original do local podem ser conferidas no Museu Júlio de Castilhos, em Porto Alegre.com seu cipreste centenário, local onde os líderes da revolução farroupilha reuniram-se para planejar a invasão a Porto Alegre em 1835. Foi tombada em 1994 (IPHAE, 2021)

Figura 15: Pier - Ponto turístico de Guaíba

Fonte: <https://www.rodosoft.com.br/turismo/guaiba-historia-e-lazer/>

O píer é um local de grande movimento, um ponto de encontro, principalmente aos finais de semana, com uma vista dotada de beleza natural, o lugar é procurado por quem deseja fazer caminhadas, passeios com cães, exercícios ou ainda sentar para desfrutar do espaço. Ainda possui uma grande variedade de bares e restaurantes para os visitantes e moradores. Lanches rápidos, drinks e comidas sofisticadas podem ser saboreadas com uma vista encantadora em todos os dias da semana.

Figura 16: Matadouro São Geraldo

Fonte: <http://www.ipatrimonio.org/guaiba-matadouro-sao-geraldo/#map=38329&loc=-30.12022199999997,-51.31433300000001,17>

O Matadouro São Geraldo foi construído na década de 1920, e está associada ao apogeu da indústria do charque no Rio Grande do Sul, constituindo o primeiro grande empreendimento no ramo com capital exclusivamente nacional. O antigo matadouro constitui um testemunho de um período de expansão industrial do estado.(IPHAN, 2012).

O município de Guaíba conta com vinte e três escolas municipais, vinte e uma estaduais e dezessete privadas, totalizando sessenta e uma escolas, tendo escolas urbanas e rurais. Em sua maioria funcionam em prédio próprio e possuem água da rede pública, energia elétrica da rede pública, rede de esgoto e coleta de lixo periódica. Há escolas rurais que funcionam em galpão cedido, possuindo água de cisterna, energia elétrica da rede pública, esgoto sanitário por fossa, destinação do lixo: é queimado e enterrado.

Há aquelas situadas em zona rural que possuem prédio próprio, porém, água de poço artesiano, energia elétrica da rede pública e esgoto sanitário por fossa e outras com prédio alugado e água da rede pública, água de poço artesiano, energia elétrica da rede pública, rede de esgoto e coleta de lixo periódica. (ESCOLAS INFO, 2020)

4.2 A Escola

A escola pesquisada denomina-se Escola Estadual de Ensino Médio Aglae Kehl, localiza-se em um bairro periférico da cidade de Guaíba/RS, situada na Av. Vereador Ulisses de Souza Marçal, 401, bairro Dr. Ruy Coelho Gonçalves.



Fonte: <http://www.google.com/maps/place/ESC+Ens+Med+Professora+Aglae+Kehl/@-30.095692,-51.3381755,678m/data=!3m1!1e3!4m12!1m6!3m5!1s0x0:0x2a176daa5d9dc428!2s>

A escola recebeu este nome em homenagem a professora Aglae Kehl¹⁷, a qual atuou no município até sua aposentadoria. A professora nasceu no dia 14 de janeiro de 1931 em Pelotas, cidade onde cursou a então escola normal, como eram chamadas as escolas que preparavam alunos para serem professores. Aglae, ao se formar foi lecionar em Arambaré¹⁸, distante 140km de Porto Alegre.

Em Sertão Santana¹⁹, distante 82km de Porto Alegre com acesso pela BR116. Aglae conheceu Hugo Kehl com quem casou e teve dois filhos. Neste



município trabalhou como professora e diretora no Grupo Escolar Comendador Eduardo Secco. Após mudou-se para Guaíba, indo trabalhar na 12ª Delegacia de Educação, onde se aposentou. Faleceu em 1981 aos cinquenta anos. Muito dedicada à profissão, a Professora Aglae

Fonte: Doc. Cohab/Santa Rita - Guaíba

¹⁷ Doc. Cohab/Santa Rita - Guaíba

¹⁸ <http://br.distanciadas.net/distancia-de-porto-alegre-a-arambare#:~:text=A%20dist%C3%A2ncia%20em%20linha%20reta,de%20Porto%20Alegre%20a%20Arambar%C3%A9>

¹⁹ <https://www.rotamapas.com.br/distancia-entre-porto-alegre-e-sertao-santana>

preocupava-se com o futuro de seus alunos, tratando-os individualmente, pois gostaria que todos tivessem a oportunidade de vislumbrar um futuro melhor através do estudo.

Em 1985 foi construída a segunda escola no bairro até então denominado Cohab, a qual recebeu o nome Escola Estadual de 1º Grau Professora Aglae Kehl. A portaria 129/2000, autorizou o funcionamento do ensino médio na escola, mediante. Em 1985 foi construída a segunda escola no bairro até então denominado Cohab, a qual recebeu o nome Escola Estadual de 1º Grau Professora Aglae Kehl. A portaria 129/2000, autorizou o funcionamento do ensino médio na escola, mediante algumas condições. Atualmente é chamada Escola Estadual de Ensino Médio Professora Aglae Kehl.

A Secretaria de Estado da Educação encaminha a este Conselho pedido de autorização para o funcionamento do Ensino Médio na Escola Estadual de Ensino Médio Profª Aglae Kehl, localizada na Rua Ver. Ulisses Marçal, s/nº, em Guaíba, sob a jurisdição da 12ª Delegacia de Educação. (PORTARIA 129/2000).

Figura 18: A escola



Fonte: Autoria da pesquisadora

Quanto a infraestrutura, a escola possui água (gelada e com filtro), energia elétrica e esgoto da rede pública, a coleta de lixo é periódica. Possui acesso à

internet/Banda larga. Tem quinze salas de aula, sala de direção, laboratório de informática e ciências, sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), cozinha, biblioteca, sala de secretaria, banheiro com chuveiro, auditório, refeitório.

A escola ainda conta com equipamentos de televisão, impressora, aparelho de som e projetor multimídia (*datashow*). Durante as aulas presenciais, os alunos recebem alimentação escolar e estão divididos entre os turnos da manhã, tarde e noite. Não possui atividades de turno inverso, mas realiza algumas ações durante o ano, sendo: Gincana Cultural e diversos Projetos Interdisciplinares (Jogos Matemáticos, Campeonato de xadrez, Feira de Ciências, Interseríeis, dentre outros).

A situação do *bullying* na escola foi analisada através da entrevista diagnóstica em que questionava esta forma de violência no ambiente escolar e durante a intervenção pelas falas dos participantes no curso de extensão. Segundo Rosim & Zoega (2009), o *bullying* está presente em toda e qualquer escola, basta querer "vê-lo" e não o deixar passar como algo próprio da idade, que se esvai com o tempo. Psicólogos atentam para a gravidade destas atitudes agressivas, já que a adolescência é uma fase de transição onde as transformações são intensas, com a predominância de uma baixa autoestima, tornando o jovem mais suscetível ao *bullying*, o qual pode marcar toda uma existência.

A violência entre escolares, desencadeia de forma repetida contra uma mesma vítima ao longo do tempo e dentro de um desequilíbrio de poder, conhecida como *bullying*, é um dos temas que dificilmente podem passar despercebidos a um profissional de educação, por tratar-se de um fenômeno social de grande relevância e possuir características peculiares que podem ser identificadas. Dentre elas, talvez a mais grave seja a sua propriedade de causar danos psicológicos irreparáveis ao psiquismo (se não identificados e tratados), à personalidade, ao caráter e à autoestima de suas vítimas, manifestando suas sequelas ao longo de toda a vida. (FANTE, 2018, p. 15)

A pesquisa na Escola Estadual Professora Aglae Kehl, constatou que a escola padece com vários tipos de violência. De acordo com a fala da Diretora, a qual exerce a função há um ano, nos três turnos, "a escola está situada em zona de periferia do município, com extrema vulnerabilidade social e altos índices de violência". A Diretora continua:

Já tivemos registro de homicídio na esquina da escola, agressões físicas e brigas entre facções, além de diversas ocorrências de assalto.

Arrombamentos e invasões nas dependências escolares eram uma constante, devido ao pátio extenso e sem iluminação. A iluminação da rua e arredores é precária, não contamos com serviço de portaria e a drogadição (tráfico e consumo) está evidenciada e presente no dia a dia no entorno da escola .

Em relação ao *bullying* a diretora entende "que não é constante, mas existe, percebe uma média de cinco casos por ano na faixa etária de oito a quinze anos". Ao ser percebido, os casos de *bullying* são registrados em ata da Orientação Escolar. O *bullying* na escola é percebido "desde sempre". De uma forma geral o posicionamento das famílias não é favorável em relação à violência.

Ao ser questionada sobre as providências tomadas pela escola em relação ao *bullying*, a diretora cita: "Palestras de conscientização/orientação e em situações particulares reunião entre os envolvidos com a orientação escolar juntamente com os responsáveis legais." Afirma ainda que nesses casos essas ações são eficazes". Quando inquirida sobre a execução de um curso de extensão voltado à Cultura de Paz para a redução e prevenção do *bullying* na escola, mostrou interesse e uma necessidade de discussão em relação ao tema.

A entrevista com a direção mostrou um número considerável de violência de uma forma geral na escola e que os casos de *bullying* seriam de maneira mais esporádica, mas é preciso lembrar que identificar este tipo de violência não é tarefa fácil, sendo, inclusive, difícil diferenciá-lo de um conflito passageiro.

Para Lopes Neto (2005) a escola é tradicionalmente vista como um local de aprendizado, de avaliação do desempenho dos alunos com base nas notas dos testes de conhecimento e no cumprimento de tarefas. Mas é ainda, como documentos legais (Constituição da República Federativa do Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Convenção sobre os Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas), preconizam direito ao respeito e à dignidade, sendo a educação entendida como um meio de prover o pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para o exercício da cidadania.

Todos desejamos que as escolas sejam ambientes seguros e saudáveis, onde crianças e adolescentes possam desenvolver, ao máximo, os seus potenciais intelectuais e sociais. Portanto, não se pode admitir que sofram violências que lhes tragam danos físicos e/ou psicológicos, que testemunhem tais fatos e se caleem para que não sejam também agredidos e acabem por achá-los banais ou, pior ainda, que diante da omissão e tolerância dos adultos, adotem comportamentos agressivos. (LOPES NETO, 2005, p. 02)

Apesar das dificuldades, a escola busca trabalhar o respeito e a tolerância com os alunos. "A escola foi pensada, sobretudo a escola pública, como espaço de socialização de novas gerações, operando no sentido da formação e construção de humanidades capazes de viverem ativamente a vida social". (SPOSITO,1998, P.14)

5. CAMINHO METODOLÓGICO

Debarbieux (2011) afirma que a violência nas escolas só pode ser enfrentada se tratada em profundidade, voltada à formação docente, além do incentivo à solidariedade e aumento da proximidade entre professores e alunos. Explica ainda que na maioria dos países, faltam docentes capacitados para enfrentar esta difícil situação e que é impressionante que os professores trabalhem toda a vida sem receber uma formação específica para isso. Ressalta que o modo como a gestão atua e a atenção que os adultos dão ao *bullying* terão impacto sobre os efeitos desta violência.

A formação de professores não ocupa papel central nas reformas educacionais, assim não se tem uma política global que contemple uma formação inicial, continuada, valorização profissional e condições de trabalho adequadas. Devem ser estabelecidas ações conjuntas entre instituições formadoras e escolas na implementação de programas de formação de professores. (GISI, VAZ, VALTER, 2012, p. 2)

Para Gisi, Vaz, Valter (2012), não basta apenas ter um pátio, mas um espaço em que existam recursos que motivem as crianças a brincar, fazer amigos, além de professores preparados para lidar com comportamentos agressivos entre pares. Para Andreassa, Alencar (2015), uma grande parte dos professores não está preparada para atuar de forma eficaz quando o *bullying* acontece em sala de aula. É necessário que eles conheçam e se inteirem sobre este fenômeno no sentido de combatê-lo. Porém, a responsabilidade quanto ao combate ao *bullying* não é somente do professor, mas de toda a equipe escolar e das suas famílias.

5.1 Sujeitos da Pesquisa

A pesquisa contou com vinte e dois participantes, os quais foram identificados pela palavra "participante" seguida do número de acordo com ordem alfabética, como mostra o quadro abaixo:

Quadro 6: Participantes da Pesquisa			
Participante nº	Formação/Função	Participante nº	Formação/Função
Participante 01	Espanhol	Participante 12	Matemática
Participante 02	Séries Iniciais	Participante 13	Inglês
Participante 03	Ciências - Ensino Fundamental	Participante 14	História
Participante 04	Pedagogia/Vice direção	Participante 15	Diretora
Participante 05	Física	Participante 16	Séries iniciais
Participante 06	Língua Portuguesa	Participante 17	Geografia/História
Participante 07	Educação Física	Participante 18	Séries iniciais
Participante 08	História	Participante 19	História
Participante 09	Pedagogia e Orientação Educacional	Participante 20	Séries iniciais
Participante 10	Supervisão	Participante 21	Biologia
Participante 11	Pedagogia e sala de recursos	Participante 22	Pedagogia e sala de recursos

Fonte: Organização da Pesquisadora

5.2 Aspectos metodológicos da pesquisa

O objetivo da pesquisa como já mencionado era analisar a elaboração de estratégias de enfrentamento do bullying, inserindo a educação para paz na Escola Estadual de Ensino Médio Professora Aglae Kehl no município de Guaíba/RS. Sendo uma pesquisa qualitativa com viés interventivo. Minayo (2001) destaca que a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, trabalha com universo de significados, ou seja, motivo, crenças, valores, atitudes, correspondentes a um espaço mais profundo das relações.

O uso dos métodos qualitativos trouxe grande e variada contribuição ao avanço do conhecimento em educação, permitindo melhor compreender processos escolares, de aprendizagem, de relações, processos institucionais e culturais, de socialização e sociabilidade, o cotidiano escolar em suas múltiplas implicações, as formas de mudança e resiliência presentes nas ações educativas. (ANDRÉ; GATTI, 2008, P.09)

De acordo com Gerhardt & Silveira (2009), ao analisar, compreender e interpretar um material qualitativo, é preciso superar a tendência ingênua de acreditar que a interpretação dos dados será mostrada prontamente ao pesquisador, será necessário adentrar nos significados que os atores sociais compartilham na vivência de sua realidade.

A finalidade da pesquisa científica não é apenas um relatório ou descrição de fatos levantados empiricamente, mas o desenvolvimento de um caráter interpretativo, no que se refere aos dados obtidos. Para tal, é imprescindível correlacionar a pesquisa com o universo teórico, optando-se por um modelo teórico que serve de embasamento à interpretação do significado dos dados e fatos colhidos ou levantados. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 224)

Para o trabalho de intervenção foi proposto círculos de aprendizagem, uma vez que possibilitam o diálogo entre os participantes, um trabalho em grupo de apoio mútuo. Os círculos de aprendizagem ocorreram de forma remota, utilizando os meios tecnológicos para desenvolver as atividades propostas. Desde o primeiro contato com os sujeitos da pesquisa foram feitas anotações em Diário de Campo, que assim como a entrevista semiestruturada com a Diretora, a qual ajudou a compreender a realidade da escola. A entrevista em questão teve um total de vinte e uma perguntas abrangendo além da rotina escolar, a incidência de *bullying*, assim como as providências tomada pela escola para a resolução da violência.

A coleta de dados foi feita a partir dos encontros realizados em formato de círculos de aprendizagem de maneira virtual. De acordo com Piedade & Santana (2017), os círculos promovem a conexão entre indivíduos, isto é, o espaço para o diálogo, por isso a necessidade de compartilhar pontos de vistas e diferentes experiências.

Essa modalidade não pretende uniformizar ideias ou estabelecer acordo, pois o essencial que todos possam usar as habilidades linguística expressivas (a fala) e a interpretativa (a escuta) para que todos possam explorar as múltiplas formas de compreensão dos sentidos extraídos no processo dialógico. (PIEADADE; SANTANA, 2017, p. 07)

Nos círculos de aprendizagem buscam-se ferramentas para trabalhar a educação para a paz voltada à prevenção do *bullying*. Utilizou-se vídeos, textos e slides para serem discutidos, a fim de implementar ações que possam minimizar a violência no âmbito escolar. A troca de informações nos círculos de aprendizagem serviu como subsídios para a análise de dados, sendo utilizada para tanto a análise de conteúdo.

Como método de investigação, a análise de conteúdo compreende procedimentos especiais para o processamento de dados científicos. É uma ferramenta, um guia prático para ação, sempre renovada em função dos problemas cada vez mais diversificados que se propõe a investigar. Pode-se considerá-la como um único instrumento, mas marcado por uma grande variedade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto, qual seja a comunicação. (MORAES, 1999, p. 02)

De acordo com Moraes (1999), a matéria-prima para análise de conteúdo poderá constituir-se de material de comunicação verbal e não-verbal, como cartas, jornais, livros, relatos, gravações, entrevistas, diários pessoais, vídeos, filmes, dentre outros.

A utilização do diário de campo deu-se em todas as etapas dos encontros. As anotações neste devem ser em duas partes: uma descritiva e uma reflexiva. De acordo com Gerhardt & Silveira (2009) apud (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 77) a parte descritiva é composta das anotações em que se deve captar as características das pessoas, ações e conversas observadas de acordo com o local de estudo. Descrição dos sujeitos, reconstrução dos diálogos, descrição do espaço físico, relatos de acontecimentos particulares, descrição da atividade, comportamentos, postura do observador.

A parte reflexiva pretende apreender mais o ponto de vista do observador, suas ideias e preocupações. Esta fase de registro mais subjetivo, compondo um conjunto de reflexões acerca da análise, método, os conflitos e dilemas éticos, o ponto de vista do observador. pontos de clarificação.

5.3 Instrumentos e avaliação da intervenção

Na pesquisa foi utilizada a pesquisa bibliográfica, além do Diário de Campo. Para o diagnóstico utilizou-se uma entrevista semiestruturada, desenvolvida com a direção da escola. A intervenção ocorreu através de um curso de extensão em

formato virtual, tendo como proposta os círculo de aprendizagem. Para Reyna (1997), *Apud* Medeiros (2021) as gravações permitem um processo de análise mais aprofundado, já que é possível rever trechos e imagens quantas vezes forem necessárias.

5.3.1 Pesquisa Bibliográfica

Na pesquisa bibliográfica foram utilizados livros, periódicos, e-books, artigos, publicações em revistas científicas, teses, dissertações.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas. (GIL, 2002, p. 44)

Segundo Gil (2002), os livros constituem as fontes bibliográficas por excelência. Podem ser classificados como leitura corrente ou de referência, sendo os primeiros, obras referentes aos diversos gêneros literários e também as que proporcionam conhecimentos científicos ou técnicos. Os livros de referência, também conhecidos como livros de consulta, têm o objetivo de possibilitar a rápida obtenção das informações requeridas.

As publicações periódicas são aquelas editadas em fascículos, em intervalos regulares ou irregulares, com a colaboração de vários autores, tratando de assuntos diversos, embora relacionados a um objetivo mais ou menos definido, as principais são os jornais e as revistas.

Gil (2002), ainda fala das teses e dissertações, as quais podem ser muito importantes para a pesquisa, pois muitas delas são constituídas por relatórios de investigações científicas originais ou acuradas revisões bibliográficas.

5.3.2 Entrevista

A entrevista foi utilizada para diagnóstico da realidade escolar, além de averiguar a incidência de bullying na escola e a possibilidade de realização de curso

de extensão de forma remota. Segundo Bastos e Ferreira (2016), a entrevista é um diálogo por meio do qual o entrevistador obtém informações diretamente da pessoa que fornecerá elementos relevantes para o estudo. Afirmam ainda que a entrevista envolve uma maior profundidade na comunicação estabelecida, sendo considerada um instrumento qualitativo.

Para Deslandes; Gomes; Neto (2002), através da entrevista, o pesquisador busca obter informações contidas na fala dos atores sociais. Não significa uma conversa despretensiosa e neutra, pois é um meio de coleta de fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos da pesquisa, os quais vivenciam uma determinada realidade.

5.3.3 Diário de Campo

A utilização do diário de campo se deu desde o início da pesquisa, já no primeiro contato com a escola, propiciando à pesquisadora uma maior percepção em relação à realidade escolar. De acordo com Kroef; Gavillon; Ramm (2020), o trabalho de campo é uma estratégia importante de pesquisa, uma vez que envolve a articulação de proposições teóricas com a experiência empírica na produção de saberes contextualizados.

Ressaltam que a pesquisa-intervenção, utiliza-se da escrita de diários de campo numa direção oposta, colocando em primeiro plano a relação entre pesquisador e campo de pesquisa, em uma abordagem que compreende uma atuação assumidamente implicada e não mais neutra.

O diário de campo é pessoal e intransferível. Sobre ele o pesquisador se debruça no intuito de construir detalhes que no seu somatório vai congregando os diferentes momentos da pesquisa. Demanda um uso sistemático que se estende desde o primeiro momento da ida ao campo até a fase final da investigação. Quanto mais rico for em anotações esse diário, maior será o auxílio que oferecerá à descrição e à análise do objeto estudado. (DESLANDES; NETO; GOMES, 2002, p. 63/64)

Ainda para Kroef; Gavillon; Ramm (2020), a escrita do diário de campo pode fazer parte do processo de imersão no campo-tema da pesquisa, não apenas configurar seu registro. Na relação com o campo-tema, a emergência de "afetos" aponta relevâncias, produz distinções que se destacam em um fundo como experiências a serem narradas. A escrita destas experiências pode produzir

reflexões que levam ao surgimento de outros "afetos", os quais disparam novas análises.

somos afetados(as) segundo nossa corporeidade e os afetos constituem nossa forma incorporada de estar no mundo. A corporeidade se constitui como meio de produção de afetos e experiências compreendendo uma perspectiva epistemológica que atenta para as singularidades que emergem na relação entre pesquisador(a) e campo, performando a pesquisa. Assim, os afetos movimentam escolhas teórico-metodológicas, e por isso, uma pesquisa que propõe a discussão dos afetos como um de seus níveis de análise traz para o centro do debate as implicações éticas e políticas que o processo de pesquisar comporta, complexificando seus resultados. (KROEF; GAVILLON; RAMM, 2020, p. 06)

Seguindo o discurso de Kroef; Gavillon; Ramm (2020), a palavra "afeto" se define como disposições corporais que determinam a cada momento quais eventos ou situações tornam-se relevantes, enquanto outros podem ser imperceptíveis.

5.3.4 Circulo de Aprendizagem

Para Jorge & Proença (2014) os círculos de aprendizagem são metodologias de ensino não formais, participativas, dinâmicas, fundamentadas na experiência dos participantes. têm como objetivo construir, compartilhar e expressar o conhecimento através de um processo de diálogo aberto e reflexão profunda em torno de questões ou problemas identificados.

Marroche (2018) relaciona os círculos de aprendizagem aos círculos de cultura de Paulo Freire em "Pedagogia do Oprimido". Toledo (2014), salienta que os círculos de cultura são espaços interativos em que todos têm a possibilidade de ensinar e aprender. De acordo com Cunha (2016), A partir da implantação da proposta do Círculo de Cultura de Paulo Freire, objetiva-se potencializar a escola como um espaço para reflexões, críticas, autocríticas e problematizações sobre as diversas leituras de mundo dos sujeitos envolvidos.

Destaca ainda que o Círculo de Cultura é a expressão mais rica de momentos de formação baseados no processo dialógico democrático participativo, sendo útil em todas as esferas escolares e administrativas, já que visa a formação em conjunto, e, sendo em conjunto, carrega consigo subjetividades e singularidades essenciais na formação e estruturação moral e ética de todos.

Quadro 7: Descrição da aplicação dos instrumentos	
Pesquisa Bibliográfica	Se faz necessário utilizar em todo processo, já que é um instrumento imprescindível para fundamentar ..
Entrevista	Utilizada no início da pesquisa para averiguar a realidade da escola e o contexto de violência, principalmente do <i>bullying</i> no âmbito escolar
Diário de Campo	Utilizado durante toda a pesquisa, a fim de obter uma percepção em relação aos pormenores desta. Sendo mencionado no Relatório Crítico-Reflexivo sempre que fora considerado relevante
Círculos de Aprendizagem	Baseado nos círculos de cultura de Paulo Freire. Trabalhou-se a partir das falas dos participantes, do diálogo, das trocas de saberes. Propiciando analisar os vários ângulos que surgiram no decorrer do curso. A liberdade de fala, trouxe não só as questões profissionais, mas pessoais também, era o momento de ouvir e ser ouvido

Fonte: Organização da Pesquisadora

6. DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS E ANÁLISE DA PESQUISA

6.1 Descrição dos encontros ocorridos no Curso de Extensão

A pesquisa, com uma intervenção foi feita em uma Escola Estadual de Ensino Médio de Guaíba/RS, sendo direcionada aos servidores. A identificação do *bullying* nem sempre é algo fácil e pode ser confundido com pequenas desavenças entre pares que podem acontecer nos corredores, recreio e até mesmo em sala de aula, na maioria dos casos, quando identificada, já está instaurada e em estágio avançado.

Portanto, preparar os gestores e docentes seria o primeiro passo para a redução de algo tão grave como o *bullying*. Com isso, a proposta de intervenção visa implementar ações juntamente com os educadores e gestores através de círculo de estudos em curso de extensão baseado na educação para a paz, a fim de que possam reconhecer e adotar estratégias eficazes de prevenção e redução de situações de *bullying*.

Devido a pandemia que assolou o mundo, uma intervenção presencial se tornou inviável. Por isso, optou-se pela realização de um curso de extensão de 40h via google Meet com seis encontros síncronos, tendo atividades assíncronas. Os encontros ocorreram na terça feira das 19h às 23h, iniciando no dia 29 de junho de

2021 e sendo concluído em 17 de agosto de 2021. Houve a pedido da escola um recesso de duas semanas devido as férias escolares. Além do Diário de Campo, utilizou-se vídeos, slides e gravação dos encontros.

O Curso de extensão se deu em formato de círculos de aprendizagem, baseados nos círculos de cultura de Paulo Freire como mencionado anteriormente, proporcionando assim o diálogo entre os participantes. Para Hammes; Melgar Júnior; Selau (2014), os processos, desenvolvidos nos círculos de cultura colaboram para a obtenção de conhecimento em uma relação de entreaajuda. Hammes, Melgar Júnior e Selau (2014), ressaltam que os círculos de cultura no "ciberespaço", tornam-se realidade com o maior acesso à internet.

Salientam que esta interação dialógica possibilita aos sujeitos relacionar-se de outra forma com suas proposições. Quanto aos fóruns são ferramentas importantes de diálogo, auxiliam os sujeitos a sistematizarem determinadas ideias e construir outras, possibilita compreenderem que o diálogo, o respeito, o cuidado com o outro são tão importantes e relevantes, assim como nas relações que transcendem os ambientes virtuais.

Ernani M. Fiori, no prefácio da Pedagogia do Oprimido, define os círculos de cultura como espaços onde se aprende em "reciprocidade de consciências", com "um coordenador que tem por função dar as informações solicitadas pelos respectivos participantes e propiciar condições favoráveis à dinâmica de grupo, reduzindo ao mínimo sua intervenção direta ao curso do dialogo" (FREIRE, 1985).

O contato com os participantes não se restringiu apenas ao formato já mencionado, fora dos encontros via google Meet, foi criado um grupo no whatsapp onde foram repassadas informações e disponibilizados materiais, além do link de acesso aos encontros. O curso contou com a presença de quatro visitantes, os quais fizeram suas contribuições. Após cada apresentação foi aberto espaço para questionamentos e contribuições.

Em praticamente todos os encontros houve a presença de professor da Unipampa, o qual aqui foi denominado de professor colaborador. As contribuições do professor foram de suma importância para o esclarecimento de dúvidas e a transmissão de conhecimento voltado à educação para paz. Houve encontros que dois alunos da pós graduação participaram, tendo um deles exposto sua opinião em dado momento.

A questão da participação externa, sendo principalmente de alunos do PPGEdU, foi importante na medida que as trocas colaboram para sua formação, assim como suas manifestações trouxeram reflexões ao grupo.

Quadro 8: Roteiro do curso			
Encontro	Data	Horário	Atividades
I	29/06 Terça-feira	19h -23h Via googlemeet	Foram trabalhados conceitos a partir de vídeos curtos e slides sobre os temas para em seguida serem debatidos; Sugestão para encontro assíncrono de textos a serem discutidos em encontro seguinte.
II	06/07 Terça-feira	19h - 23h Via googlemeet	Presença da Discente do PPGEdU da Unipampa Nazine de Moura Bittencout, a qual fez uma exposição do projeto intitulado : " <i>BULLYING</i> NÃO É BRINCADEIRA"; Discussão dos textos deixados como atividades no encontro anterior
III	13/07 Terça-feira	19h - 23h Via googlemeet	Presença da Assistente Social Jovane de Lemos Antunes que abordou a Contribuição dos Direitos Humanos para a Cultura de Paz, após houve debate dos participantes
IV	20/07 Terça-feira	19h - 23h Via googlemeet	Presença do Professor Dr. Nei Alberto Salles Filho, Professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa, o qual trabalhou "A Cultura de Paz se faz com Educação para a Paz"; Atividade: Pergunta disponibilizada no chat para ser respondida pelos participantes
RECESSO			
V	10/08 Terça-feira	19h - 23h Via googlemeet	Presença do Professor Dr. Lúcio Jorge Hammes, Professor da Unipampa, o qual trouxe os "Conceitos Fundamentais da educação para a paz"; Sugestão de proposta a ser produzida e disponibilizada à escola
VI	17/08 Terça-feira	19h - 23h Via googlemeet	Retomada dos conceitos a partir de slides e debate acerca destes; Discussão sobre a percepção dos participantes em relação ao curso; Retomada pela pesquisadora sobre uma proposta a ser entregue à escola Finalização do curso com vídeo para reflexão.

6.1.1 Primeiro Encontro

O primeiro encontro ocorreu no dia vinte e nove de junho às 19h de forma remota, a receptividade por parte da escola foi muito boa, muito acolhedora:

Seja bem vinda a nossa escola, nós temos um termo que a gente fala que da família Aglae porque a gente adora acolher as pessoas, a gente tem esses momentos muito bons, ainda que não seja presencial, mas a gente gostaria que tu sentisse nosso carinho (Participante 9)

Desde a primeira fala é possível perceber o vínculo existentes no ambiente escolar, frisado durante os encontros, algo importante para que as ações sejam eficazes. Souza(2008), declara que em um trabalho coletivo autêntico não há disputa entre professores, mas há o compartilhamento do potencial de cada profissional para que seja alcançado o objetivo construído coletivamente.

O encontro contou com vinte e seis participantes, sendo a pesquisadora, vinte e quatro servidores da escola e o professor colaborador. Os participantes foram bem receptivos e contribuíram, inclusive relatando fatos pessoais e profissionais, os quais vinham ao encontro dos pontos abordados no curso. Após a apresentação da mestrandia e do professor colaborador, foi solicitado a apresentação, nomes completos dos participantes, no chat.

Para trabalhar os conceitos centrais da pesquisa, foram utilizados vídeos curtos sobre os temas para em seguida serem debatidos. O primeiro vídeo "O que é bullying?"²⁰, conceitua *bullying*, identificando os tipos desta violência, citando ainda algumas consequências, além de ressaltar a necessidade de intervir. É em formato de animação, mas que deixa claro o que é e como funciona o *bullying*.

O segundo e o terceiro vídeo fizeram referência às consequências extremas atribuídas ao *bullying*. Sendo o segundo intitulado " *Bullying* e violência na escola"²¹, o qual mostra a comunicação entre dois alunos que trocam mensagens na biblioteca, mas o que não se percebe é outro aluno sofrendo bullying e dando sinais de que se tornará um assassino, tomando uma atitude extrema em que acaba por revidar violentamente, causando uma chacina na escola. O terceiro vídeo, ainda

²⁰<https://www.youtube.com/watch?v=tHRZRaz94i>

²¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FDOxruDcIIE>

sobre consequências do *bullying*, traz o depoimento de uma mãe "Amy Briggs"²², a qual fala sobre o suicídio do filho de dezesseis anos que sofria *bullying*. A mãe do jovem descreve as agressões sofridas e a angústia do filho, trazendo com isso as consequências não detectadas desta forma de violência e a necessidade de se trabalhar o respeito e a empatia

Mais dois vídeos foram disponibilizados um deles falando sobre violência de uma forma geral denominado "As raízes da violência no Brasil"²³, trouxe a explanação de Sergio Adorno Professor titular do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP) e Diretor do Núcleo de Estudos da violência (NEV), sobre violência. O último vídeo "Cultura de paz nas escolas"²⁴ tratou dos pilares da cultura de paz trazidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO)

Além dos vídeos foram apresentadas imagens em slides sobre os conceitos que estavam sendo trabalhados e a definição de cada um, no final uma mensagem de Martins Luther King "Uma das coisas importantes da não violência é que não busca destruir a pessoa, mas transformá-la." Após debateu-se sobre a compreensão que os participantes tiveram em relação aos vídeos e imagens ligando-os aos conceitos de *bullying*, violência/não violência e cultura de paz. Nos vídeos relacionados ao *bullying*, os participantes fizeram suas contribuições relacionando a violência com a realidade da escola, assim como experiências pessoais, através de falas e participações no chat.

A Participante 9 diz que trabalha com alunos pequenos, já trabalhou com alunos grandes, além de fazer um trabalho com Educação de Jovens e Adultos (EJA) a noite, trabalha ainda em outro município, também faz contribuições sobre o *bullying*. Falando que o adulto também falha no tratamento desta violência. Menciona o vídeo sobre depoimento da mãe em que fala sobre o suicídio do filho, a qual se culpa por não ter chegado a tempo de salvar o filho e comenta que teve também suicídio família. A participante 9 ainda relata acontecimentos na escola nos anos de 2019 "*eu tive três alunos que se cortaram e sabe como tu vai chamar a mãe e contar uma coisa que a mãe não sabe? a gente não sabe lidar muito bem com*

²² Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pqUk0aR81-Q>/Mãe fala sobre seu filho que cometeu suicido por sofrer Bullying.html

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xuz1sv5nFT0>

²⁴<https://www.youtube.com/watch?v=UcR5BR4sD3w>

isso" fala da dificuldade em comunicar certos episódios aos familiares por não saber a reação destes.

Fante (2018) salienta que a violência considerada "brincadeiras da idade", tem um poder destrutivo que pode causar danos psicológicos incalculáveis e irremediáveis às vítimas. Deve ser considerado tema de grande relevância na atualidade e de muita preocupação por parte das autoridades competentes. Não está presente em escolas da periferia apenas, mas em todas as escolas, públicas municipais, estaduais e federais, particulares, "ricas ou pobres". Portanto, tentar soluções para a violência, desconsiderando a relevância desta, seria como tratar superficialmente o assunto.

O individualismo, cultura dos tempos modernos, propiciou essa prática, em que o ter é muito mais valorizado que o ser, com distorções absurdas de valores éticos. Vive-se em tempos velozes, com grandes mudanças em todas as esferas sociais. Nesse contexto, a educação tanto no lar quanto na escola se tornou rapidamente ultrapassada, confusa, sem parâmetros ou limites. Os pais passaram a ser permissivos em excesso e os filhos cada vez mais exigentes, egocêntricos. As crianças tendem a se comportar em sociedade de acordo com os modelos domésticos. Muitos deles não se preocupam com as regras sociais, não refletem sobre a necessidade delas no convívio coletivo e, nem sequer se preocupam com as consequências dos seus atos transgressores. Cabe à sociedade como um todo transmitir às novas gerações valores educacionais mais éticos e responsáveis. Afinal, são estes jovens que estão delineando o que a sociedade será daqui em diante. Auxiliá-los e conduzi-los na construção de uma sociedade mais justa e menos violenta, é obrigação de todos. (SILVA, 2010, p.12)

A Participante 13 declara que não adianta dizer que a escola e a família andam juntas, porque isso não é verdade, *"a gente ainda não conseguiu tocar o coração das famílias pra que elas entendam o valor da escola"*, diz que levar a família para dentro da escola é um desafio e não somente porque a família não quer, é difícil a dispensa do trabalho para acompanhar o filho na escola, não é uma cultura do Brasil, *"pois não se tem uma cultura de que se tem o direito de sair do trabalho pra acompanhar o filho, para acompanhar seus estudos, isso não é uma coisa que as empresas valorizam ou incentivem"*.

Ainda segundo a Participante 13, há, principalmente nas escolas de periferia, cargas de horário de trabalho excessivas por parte dos pais e muitas crianças que vivem na vulnerabilidade, não havendo uma estrutura por parte da mantenedora para se trabalhar.

Eu penso que o único caminho que nós temos, teríamos que encaminhar pra tal setor, mas aquele setor não existe, aquele departamento que deveria ter na escola, não tem né, então a gente se frustra por isso, se a gente não

soubesse o que fazer, seria menos sofrido, o problema que a gente sabe como ajudar melhor e a gente não consegue.(Participante 13)

O Professor Colaborador enfatiza que se consegue lidar com algumas coisas, mas outras não dá, se sabe que deveria encaminhar para outro setor que não funciona, deveria poder trabalhar com os pais que também não se consegue acessar não por culpa deles sempre, porque às vezes eles precisam estar trabalhando e não conseguem se liberar, então a dificuldade de conseguir que as pessoas e a comunidade compreenda a importância disso para vida das crianças e dos jovens, para o funcionamento do conjunto. Principalmente os professores da educação básica no Brasil ainda sofrem demais por falta de valorização e assim por diante.

Salienta que é importante saber que a educação vai fazer a diferença, "*então a gente precisa cuidar muito das pessoas pra formar uma sociedade melhor*". A dificuldade que se vai enfrentar daqui para frente, vai ser mais cruel, são pessoas que perderam um ou dois anos de estudos e vai ser difícil para eles recuperarem depois. São um conjunto de problemas e é preciso lidar com isso pela valorização da educação de modo geral.

Na nossa época não sofriamos porque não entendíamos dessa forma, mas eu vejo hoje que eu não sei se em função dos tempos, em função também das informações que as crianças recebem da televisão de novelas e de filmes essas coisas, eu vejo assim que hoje a coisa mais é maldade sabe, chamava de gordinha, chamava de baixinha, de pintor de rodapé e aquela coisa toda, mas tu levava de uma forma que daqui a pouco tu tava brincando com esse cara, tu tava correndo com ele no pátio, tava jogando bola junto, fazendo as coisas juntos sabe, então tinha essa, davam um soco na cara, no outro dia tavam brincando de novo, agora hoje não é assim, chegou um ponto que é muita maldade, existe já um senso de fazer o mal mesmo né, tanto que a gurizada vai lá né e faz os grupinhos pra não ir sozinho, antigamente ia sozinho, hoje não, eles fazem grupos.(Participante 17)

A pesquisadora continua a apresentação, ressaltando a importância de traçar ações como forma de trabalhar o *bullying* através da educação para a paz. Nos vídeos seguintes foram enfatizados os temas violência e cultura de paz, prosseguindo com os debates.

A Cultura de Paz é uma iniciativa de longo prazo que deve considerar o contexto histórico, político, econômico, social e cultural de cada ser humano. É necessário aprendê-la, desenvolvê-la e colocá-la em prática no cotidiano familiar, regional ou nacional, pois a paz não é um processo

passivo, e a humanidade deve promovê-la e administrá-la, enfim, esforçar-se por ela. (FACKIN, 2005, p. 23)

O Professor Colaborador, fala que a construção de uma cultura de paz dando enfoque para uma cultura de solidariedade, de amor e compreensão, a sociedade ganharia muito e o contrário também vale, quando se expõe a violência, quando a torna algo normal e algo que deve ser promovido então se constrói um mundo mais violento, pois a cultura da violência leva a mais violência, a cultura de paz leva a ações de paz. Quando se fala em cultura de paz, algumas coisas se destacam, solidariedade, amor, reconhecimento do outro e assim por diante. *"Durante esse estudo, acho que é bom a gente perceber ou construir ideias que podem realmente ajudar a construir uma cultura de paz e evitar que a cultura de violência se torne tão normal entre nós"*

A participante 15 relata problemas bem sérios na escola com um aluno que primeiramente não se conseguiu identificar e quando o problema veio a tona, e verificou-se em todos os setores, com professores em sala de aula, na vice direção e ninguém tinha percebido *"de repente o nosso aprender a saber identificar porque a quando o aluno se cala, o aluno não demonstra né, quando o aluno não nos procura a gente fica esperando que o aluno nos demonstre alguma coisa e ele não demonstra"*.

Analisando como eram as famílias de antigamente e hoje, a mídia ela é a grande culpada e muito responsável por tudo e muitas coisas, além da família com certeza, mas a mídia hoje em dia traz muita coisa negativa, questão até de valores que eu acho que eu acredito muito nos valores e conceitos familiares que um pai e uma mãe representa dentro de uma casa e a televisão traz assim muita coisa invertida e o adolescente e a criança assistindo que não tem ainda sua mente formada, se deixa levar por esses conceitos muitas vezes e a educação é algo tão principal, tão essencial e aqui no Brasil a gente vê que a educação não é respeitada, não é levada a sério, nós temos vidas presentes constantemente no nosso dia a dia, nós podemos sim fazer a diferença e agente tenta fazer a diferença, mas nós sabemos, não vamos fazer isso sem amparo do governo, essa ajuda do governo que nós temos que ter né, município e estado são diferentes, sou agora aposentada do município. No município temos psicólogos, orientadores uma equipe toda em volta das escolas, o estado cada vez mais nós estamos perdendo, perdendo, perdendo e nós estamos ficando é abraçando nós colegas com a direção com todo sofrimento, com toda a questão e nós ficamos muito ali nesse mundinho pequeno e a gente sabe que nós não podemos fazer tudo, a gente fala em paz, mas assim porque esse mundo da educação também não é visto como principal? Porque que a gente não pode ter profissionais especializados pra nos ajudar em relação a isso, a bullying, a violência, até pra poder nos assessorar, então assim acho que falta muito e nós estamos sempre nos esforçando mais, mais e recebendo menos pra isso de tudo (Participante 18)

Para a Participante 13 não há políticas públicas e que falta esse olhar de que a escola é uma comunidade, acaba havendo a preocupação em passar o conteúdo, o currículo é organizando ainda como se as disciplinas não fossem interligadas, é uma série de fatores que impedem de enxergar algumas coisas. Acompanhar uma turma uma vez na semana se torna difícil perceber algo, é mais demorado, talvez uma das possibilidades seria da criança e adolescentes ficarem na escola mais tempo, não necessariamente na sala de aula, para que se pudesse observar, porque às vezes dentro da sala de aula não dá esse tempo.

Ainda fala da necessidade do auxílio de políticas públicas, a escola tem um ótimo espaço e poderia ser feita muita coisa para a comunidade que há boa vontade por parte da escola, mas a máquina administrativa não funciona, relata uma situação com um aluno da EJA noturno que *estava em sofrimento "chegou dentro da escola numa situação de colapso e a gente fica se perguntando como é que eu não vi? Na verdade primeiro que a gente não tem essa formação e segundo que eu acho que a escola não está organizada pra isso. Reforça a ideia da escola com contraturno, com oficinas. "Com o desenvolvimento da criança pra gente ter esse olhar"*

Segundo a Participante 9 os programas governamentais são estanques com um prazo muito curto e não se vê a educação como um processo contínuo e que mereça crescimento, não se leva a sério a educação no Brasil, " a SEDUC investe é muito irrisório pra tudo que a gente precisa, então essa questão dos espaços pra gente tá trabalhando com este aluno" Fala da necessidade do Conselho Tutelar ser inserido nas situações conflitantes que ocorrem na escola.

Nós deveríamos ter rede e nós não temos uma rede porque é tão bonito quando estamos nos encontros porque vamos organizar a rede, saúde, assistência social e educação e agente não tem a rede pra nos socorrer quando a gente for falar de uma criança abusada, ferida, nós não temos, isso é uma violência muito séria. (Participante 9)

O Professor Colaborador diz que é preciso ter resiliência, ser empoderados, capacitados para assumir com qualidade o trabalho.

Resiliência é a capacidade do indivíduo de lidar com os problemas, superar obstáculos, ou resistir à pressão de situações adversas(...) é a capacidade de sobrevivência que nos ajuda a nos moldar, ou adaptar às situações sem sucumbir a elas (PEREIRA, 2015, p. 55)

A Participante 15 deixa claro a importância de capacitarem-se para conseguirem identificar problemas com alunos para que tenham um tratamento melhor na escola e que cultura de paz é o que pretendem.

Os encontros, portanto, foram baseados em diálogos e trocas de experiências, todos aprendendo e ensinado, o material trazido pela pesquisadora, as contribuições do Professor Colaborador e a vivência dos participantes, propiciaram um debate importante para buscar ações que pudessem amenizar as questões violentas na escola, preferencialmente o *bullying*

O diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens. Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes.(FREIRE, 1983, P.109)

Para finalizar foi sugerida a leitura dos textos: *CARTA POR UM MUNDO SEM VIOLÊNCIA*: A violência é uma doença passível de prevenção. E um trecho do texto de Richard Deats intitulado - *NÃO-VIOLÊNCIA ATIVA: Um modo de vida, como atividade assíncrona* e a serem discutidos no encontro seguinte.

6.1.2 Segundo Encontro

O encontro ocorreu dia seis de julho às 19h pelo google Meet e contou com a presença vinte e duas pessoas, sendo dezenove participantes da escola, a pesquisadora, Professor Colaborador e a Palestrante Nazine de Moura Bittencourt, Discente PPG Edu da UNIPAMPA, a qual fez uma exposição do projeto intitulado "*BULLYING NÃO É BRINCADEIRA*". Tal projeto foi aplicado em turmas de 4º ano do ensino fundamental no ano de 2020 na forma remota, tendo como objetivo principal a informação aos alunos, a fim de conscientizá-los. A Palestrante finalizou a apresentação com a música "A Paz cantada pela banda Roupas Nova"

De acordo com a Palestrante, as palavras descritas na música "Amor, perdão, esperança, vida, fé, harmonia" foram trabalhadas com as crianças, assim como as imagens que aparecem durante o vídeo, fazendo uma reflexão com os alunos. Relatou um caso de bullying com uma aluna no ano de 2019, a qual somente mencionou a violência que vinha sofrendo para a professora substituta. Mas no final

do ano letivo os alunos todos de mãos dadas cantaram a música acima mencionada, inclusive a criança que sofreu bullying, mostrando que o projeto teve retorno.

A Participante 15 parabenizou o projeto e falou da importância de registros em sala de aula, pois com certeza coisas assim acontecem em sala de aula com os professores, comenta sobre o bullying relatado pela palestrante em que a criança não se sentiu segura em falar para a própria professora, compartilhando com a professora substituta sua angústia frente às agressões sofridas. Salienta que gostaria que a escola tivesse a marca de que "aqui nessa escola se trata o bullying, se leva o bullying a sério", muitas ações são restritas às salas de aula, ficam de certa forma estagnadas, por isso os registros seriam importantes.

O Professor colaborador fez sua contribuição dizendo que o quanto uma educação que valoriza o outro chama a atenção para a resolução de problemas, sendo importante para a vida da pessoa. Quando o professor, no cotidiano da escola, trabalha o respeito, o cuidado com as coisas gera mudanças, sendo importante para a vida das pessoas e da comunidade, assim como o contrário também é válido, se não se fizer nada, as consequências podem ser trágicas para a comunidade.

A Participante 18 elogiou o projeto da palestrante e disse que se identifica com muitas coisas em relação a sala de aula. Retoma a fala do encontro anterior dizendo que os profissionais da escola já dão conta de muita coisa e que deveria ter outros profissionais para auxiliar, outras especialidades (psicólogos, médicos...)

A Participante 9 fala da segurança na escola, por ser um local de certa violência. Diz que a questão da segurança dentro da escola e arredores é algo que *"mexe muito enquanto escola de bairro, de vila"*.

Teve tempos que nós estávamos satisfeitos porque tinha um senhor da vila que mandava em tudo, nós nos sentíamos seguros ao lado do bandido, digamos bem assim a grosso modo, depois entrou outras facções de desnorteou toda essa organização que tinha a nível de bairro (Participante 9)

Complementa sua fala dizendo ainda que sentiam segurança quando os filhos de membros de facções estudavam na escola porque assim estariam protegidos e se este pensamento ronda quem não reside no bairro, como se reflete dentro da comunidade, nas casas dos alunos? fala das perdas que vem ocorrendo, as quais foram conseguidas a "duras penas", não somente as dos planos de carreira, mas as

perdas de direitos, de respeito *"se os governantes não nos respeitam, não dá pra esperar que a comunidade faça isso"*.

A Participante 9 ainda enfatiza que às vezes os próprios colegas não respeitam uns aos outros. *"perdeu a essência do formar, parece que só amostragem de trabalho pra envolver as pessoas e dizer que fez alguma coisa"* referindo-se a forma como a educação vem sendo tratada pelos governantes.

A participante 15 retomou a fala da colega (Participante 18), sobre profissionais na escola, a necessidade que os alunos têm de atendimento e a escola não consegue este apoio. *"Pode-se dizer que há muitas queixas por parte da escola em relação a falta de amparo por parte do governo ou mesmo da ajuda da REDE, como encaminhamento a determinados profissionais"* (Diário de Campo, 07 de julho de 2021)A Participante 21 salienta que há uma demanda escolar violenta, que é necessário trabalhar conteúdo, preparar o aluno. Ressalta que em pleno século XXI ainda haja necessidade de falar sobre assuntos que aconteceram e acontecem no cotidiano escolar. *"Estamos vivendo uma situação no Brasil e no mundo que estamos extremamente doentes, a nossa sociedade está doente e a nossa escola acaba refletindo todos esses sentimentos."*

A Participante 21, enfatiza que em seus vinte e sete anos de docência, o aluno brasileiro ainda é tranquilo de lidar, mas deveria ter mais investimento em educação, ter uma educação em tempo integral, pois quanto mais tempo o aluno estiver na escola, melhor. Com a atual conjuntura os alunos estão passando fome, frio, em pobreza extrema e a escola faz campanhas para que se arrecade calçados, roupas e possa ajudar estes jovens *"em quatro ou cinco anos a gente conseguiu voltar vinte anos ou quiçá cinquenta anos atrás"*, falando de retrocesso. Também elogiou o trabalho da palestrante e finalizou agradecendo o espaço de debate. *"Obrigada pelo espaço, pelo debate e pelo desabafo"*

Ao contribuir, a Participante 13 reiterou os comentários de colegas, falando do desmantelamento das escolas públicas e de seus profissionais *"então a gente passou a dar uma educação rasa, os nossos alunos, não pensam, mas o projeto é esse é não pensar, nós ficamos um tempo no 'conteudismo', mão de obra barata. "a maior parte da população do nosso país, está em nossas mãos e a gente não consegue mobilizar essa que seria a maior parte, porque continuamos a ser amordaçados, por políticas públicas que nos amordaçam"*

Entende que talvez se possa fazer uma cultura de paz no momento que os jovens conhecerem, se aprofundarem ou pouco nas "coisas", "a escola não é o que interessa as lideranças". Refere-se ao curso de extensão dizendo que talvez não se possa chamar de formação, mas de *"formaterapia"*, *"a gente expõe nossas dores"*.

Daqui a pouco pensa tô aqui choramingando, mas tem uma luz no fim do túnel, ainda tem esperança. Estamos aqui reunidos, cansados, mas ainda assim nos propomos a pensar sobre e penso que sempre que a gente se propõe a pensar, de alguma forma a gente tá transformando alguma coisa(Participante 13)

A participante 15 comenta sobre as resoluções de problemas por parte dos jovens, que atualmente tem sido mais violenta que em outras épocas, transformando-se em algo desastroso, acredita que em alguns casos a própria família a agirem de forma agressiva. O Participante 5 parabeniza a palestrante pelo trabalho e relata um episódio de um programa de televisão brasileira, o qual mostra atitudes positivas de alunos, fez este relato devido a questão de racismo mostrada na apresentação da convidada. *"a gente vê que às vezes pode partir até do aluno mesmo"*. A Participante 21 diz: *"se a gente tiver uma escola aberta e falar sobre o assunto, a gente inibe o abusador, porque ele vai sentir, aqui eu não posso colocar as unhas, por que ele vai pegar quem? Qual é a vítima dele? o fragilizado"*

Segundo a Participante 15, o mais inquietante é que eles não fazem na frente dos adultos, somente quando o professor não está ou alguém que possa denunciar, fazem geralmente escondido.

Quadro 9: Contribuições do Chat	
Participante 10	eu sofri a vida toda, era baleia fora da água,,
Participante 12	Tem criança muito ruim, devem se maltratadas em casa.
Professor Colaborador	Alto investimento em educação é que faria a diferença na construção de uma sociedade mais digna e justa.
Participante 17	é preciso orientação e vigilância familiar ate por que no passado, tínhamos mais respeito aos professores ,pais, policiais...
Participante 14	Reflexo da sociedade que não valoriza a educação

Fonte: Pesquisadora

Foi transmitido o vídeo "I have a dream" para reflexão, um discurso de Martin Luther King no ano de 1963, o qual reuniu muitas pessoas em prol de uma causa pela justiça social, não segregação racial e necessidade de manter a esperança de

dias melhores. Após a apresentação do vídeo a Participante 21 fez um questionamento: *O que pode levar um educador, um professor, um colega a não acreditar que ainda existe racismo estrutural no Brasil?* As respostas vieram através de falas e do chat

Participante 15 entende que a descrença no racismo estrutural é falta de conhecimento, de querer estudar a história e de saber o quanto estas pessoas já sofreram até hoje. O Professor colaborador coloca que pode ter a ver com negacionismo. A Palestrante coloca "*falta o desejo de enxergar realidade*".

É muito triste assistir um discurso deste, eu me emociono cada vez que eu escuto dentre outros discursos, é tão triste no nosso meio que a gente ache que as coisas poderiam ser mais claras e muitas vezes a gente se encontrar, é difícil falar, muito difícil, porque é uma coisa que dói pra gente né, mas enfim, a gente tem que aprender a lidar e continuar tendo muito boa vontade e amor no coração né (Participante 21)

A participante 21 em sua fala, faz referência ao vídeo que foi transmitido, mostra muita emoção enquanto fala. O Participante 5 compara a negação de violência contra a mulher, mencionada nas falas e o racismo com a negação do extermínio de Judeus. A pesquisadora ainda relata as notícias sobre a queima de livros em uma fundação com os argumentos de serem livros "comunistas"

O professor colaborador coloca que parece que se vive em um mundo onde cada um tem uma verdade e esta verdade acaba se tornando absoluta. Salaria que tem coisas que são verdadeiras, que são claras e têm que ser reconhecidas, não há discussão. A Participante 21 falou do curso e da importância dos encontros, pois mesmo online, é possível interagir e perceber que a luta é de todos. *"Por isso esses encontros são tão importantes pra nós, vale uma sessão muito bem paga de psicólogo, a gente não tá sozinho esse é o ponto"*

(...) entende-se que, infelizmente, o racismo existe sim, e não basta fechar os olhos diante dele ou dizer que não é racista, é preciso mudar nossas concepções, ter atitudes positivas e amigáveis perante os negros, lutar contra e qualquer forma de discriminação e ajudá-los a encontrar seu lugar e seu espaço em uma cultura que não é somente do branco, do índio ou do negro, mas de todos nós, pois se o negro existe e é gente, precisa ter voz, ter voz e ter direito de usufruir também de tudo o que o Brasil tem a oferecer aos seus filhos, sem distinção de raça, de credo, de gênero ou de cor, principalmente uma educação antirracista que promova a igualdade (MENDES; SANTOS, 2021, p.06)

A Participante 14 respondeu no chat dizendo: *"Negacionista. Relativam o racismo, pq o Brasil sofreu um processo de miscigenação"*

Foi trazido a questão dos textos deixados como atividade assíncrona e a relação com o que tem sido debatido no curso. O texto intitulado Não Violência ativa: Um modo de vida fala da crença de Martin Luther King sobre a mensagem de Jesus, a qual ajudava as pessoas a tornarem-se indivíduos melhores, porém King não sabia como poderia alterar os males de seu tempo, então estudou Gandhi. Este texto chamou a atenção dos participantes, O vídeo "I have a dream" - "Eu tenho um sonho" mencionado acima foi utilizado como complemento aos textos.

Os textos deixados como atividade assíncrona, acabaram sendo discutidos no decorrer do encontro. *Posteriormente, foi postado pela pesquisadora no grupo de whatsapp um vídeo para reflexão, intitulado " Existe racismo no Brasil?" em que Leandro Karnal Professor e Historiador, traz a questão do racismo e que a pergunta se existe racismo no Brasil? Deve ser direcionada a quem sofre este preconceito.(Diário de Campo 07 de julho de 2021)*

6.1.3 Terceiro Encontro

O terceiro encontro ocorreu em treze de julho e teve dezessete participantes da escola, o Professor colaborador, a palestrante e a mestranda, totalizando vinte pessoas. A Palestrante Jovane de Lemos Antunes, Assistente Social do município de Jaguarão/RS, trabalhou através de slides a Contribuição dos Direitos Humanos para a Cultura de Paz. Logo após foi aberto espaço para debates.

Neste encontro os participantes estavam mais sensíveis, um episódio trágico causou comoção no grupo, o suicídio de um ex-professor, conhecido de todos. O aviso chegou à pesquisadora pelo whatsapp por parte da direção da escola, a fim de justificar a ausência de uma das professoras ao curso, a qual era irmã do referido professor. Foi sugerido o adiamento do encontro, mas preferiram participar:

(...) bem triste pegou todos de surpresa. Um excelente profissional, fazia parte do sindicato. Da uma olhada no depoimento dos alunos(referindo-se a página da escola nas redes sociais). Muitos alunos presentes no funeral(...) Guri novo, filha pequena (Diário de Campo, 12 de julho de 2021)

Durante as contribuições os participantes mencionaram o episódio ocorrido com o ex colega. *"Porém como sempre foram receptivos com a visitante, mas era*

perceptível um certo desassossego, rostos tristes, um tanto abalados, mas participativos" (Diário de Campo 13 de julho de 2021)

A Palestrante finalizou dizendo que hoje se vê muita negação dos direitos, como por exemplo a negação da vida com dignidade. Relata que são várias as situações que se observa nas comunidades e que o caminho é longo para se efetivar os direitos humanos, ainda se está muito no individual e é preciso pensar no coletivo, necessitando o exercício de *"enxergar o outro, de ouvir o outro e de considerar o outro dentro da sociedade "Não se pode falar em cultura de paz se não tiver a promoção dos direitos humanos, a gente trabalha na área social, faz visitas as famílias, visitas domiciliares e a gente observa o contexto que é extremamente violento."*

A Participante 15 relata a situação no ambiente escolar: *"Nós vemos isso nos alunos e principalmente nas famílias, essa realidade que tu nos colocou do teu trabalho" (referindo-se a fala da palestrante), a Participante prossegue* dizendo que a situação das famílias é precária em tudo, em relação a saúde, educação. Fala da empatia em relação ao grupo na escola. *"Nós professores, nosso grupo, consegue ter esse olhar, olhar o outro, ver o que o outro está necessitando"*, porém, ressalta que fora, os alunos e suas famílias acabam tendo um comportamento individualista e que há uma dificuldade em inserir "na cabeça" do alunos, assim como das famílias o olhar ao próximo.

A Participante 17 acrescenta dizendo que utiliza com os alunos duas palavras chave " a liberdade de cada um e o respeito com todos", pois no momento que não há respeito, não há empatia.

São muitos os estudos que buscam mensurar a empatia na ciência psicológica com forma, tipo e conceitualização de construto diversos. Essas mensurações buscam, conceitualmente, avaliar a capacidade do ser humano, em relação ao pensar, sentir e agir, na e com a experiência do outro, tendo como objetivo qualificar sua relação social e emocional. (FORMIGA; SOUZA, 2012, p. 6 e 7)

A Participante 9 contribuiu dizendo que há grandes projetos de cultura de paz, porém, ficam "no ar", no momento em que não há apoio dos governantes para que se faça um trabalho efetivo. *"A escola hoje é o alicerce de muitas ações, mas sozinha a gente não consegue fazer "Salienta que a empatia é trabalhada com os*

alunos, mas que eles não têm isso na família e que os projetos dos governos são muito "estanques", *"são mais cobranças e não algo que busque efetivar a cultura."*

A Participante 13 complementou a fala dos colegas referindo-se a visão que a família tinha da escola *"os governos conseguiram dismantelar a tal ponto a escola que a família se distanciou da escola"*, lembra que tempos atrás havia maior participação das famílias em eventos da instituição, fazia-se doações e aquilo era algo importante para as famílias, *"a comunidade abraçava a escola e hoje parece que a escola abraça a comunidade, mas a comunidade não abraça a escola"* finaliza dizendo que *"a sociedade adoeceu e a escola é o reflexo disso, é uma briga diária por aquilo em que a gente acredita e é uma briga diária pra gente não desistir"*

A Participante 15 traz a questão da obrigatoriedade nos estudos. *"Antes não era obrigatório estudar, então parece que depois que colocou essa imposição parece que começou a ficar mais difícil"*. Acredita que ao impor aos jovens a educação escolar, começam a resistir, *"achar que não é bom"*.

A Participante 18 expôs a situação em relação ao interesse das famílias no ano de 2020 com o início da pandemia *"muitos pais, assim largaram e não é por falta de internet, muito assim 'não quero, eu não quero fazer'".* A participante ainda menciona as redes sociais que em parte mostram um lado negativo quando se trata, por exemplo de política partidária *"é muito ódio"*.

A Participante 9 menciona a rede, a qual auxiliaria muito a escola, seria um apoio, *"nós não diagnosticamos nada, apenas temos o olhar daquele profissional que está ali com a criança seria muito mais fácil o trabalho de todos nós, se houvesse a rede, eu vou sempre bater nessa tecla"*

O Participante 5 ressalta a importância de outros profissionais na escola como o psicólogo, por exemplo, muitas vezes os alunos passam por uma situação em que precisam de acompanhamento de outros profissionais. A palestrante salienta a importância de dividir as questões relacionadas aos alunos com a REDE, complementando a fala da participante 9 que "reclama" da falta de um comprometimento maior por parte de outros setores.

O Professor Colaborador contribuiu dizendo da importância de um trabalho em conjunto *"por isso a ideia da interdisciplinaridade, a gente valorizar conhecimentos diferentes"*. Ressalta que deveria haver mais comprometimento do Estado para amenizar as situações sofridas por muitas famílias que não têm acesso

a atendimentos necessários para evitar futuros transtornos para as crianças ou adolescentes

Minimizar esses tipos de agressões, porque a falta de assistência médica também é uma agressão e a falta de educação também é uma agressão, tudo que o Estado deixar faltar, vai ser um tipo de agressão e isso vai contra nossa cultura de paz. (Participante 15)

A Participante 20 destaca que há essa falta de apoio do Estado, mesmo assim a escola se emprenha ao máximo, a direção é muito eficiente na resolução dos problemas que surgem " a nossa escola é uma família". Elogia o ambiente escolar por ser um local em que a equipe tem um vínculo muito bom, em que há apoio e respeito.

A Participante 18 lembra o encontro anterior em que uma das participantes queria muito falar, expor suas angústias e na mesma semana sofre a perda do irmão, caso mencionado acima, enfatiza a importância das trocas e que acaba por tornar-se mais do que um curso, mas um momento de exporem seus sentimentos, suas angústias, suas decepções, porém sempre com a esperança de que as coisas possam vir a melhorar.

As falas acabam por vir ao encontro do que Freire (2011), em pedagogia da autonomia citava em relação a ter resistência, uma rebeldia, uma postura revolucionária para transformação do mundo, no momento em que os participantes apontam as várias dificuldades que enfrentam, mas resistem, continuam esperançosos.

É preciso, porém, que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação para o Ser Mais como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa rebeldia e não para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos. (FREIRE, 2011, p. 53)

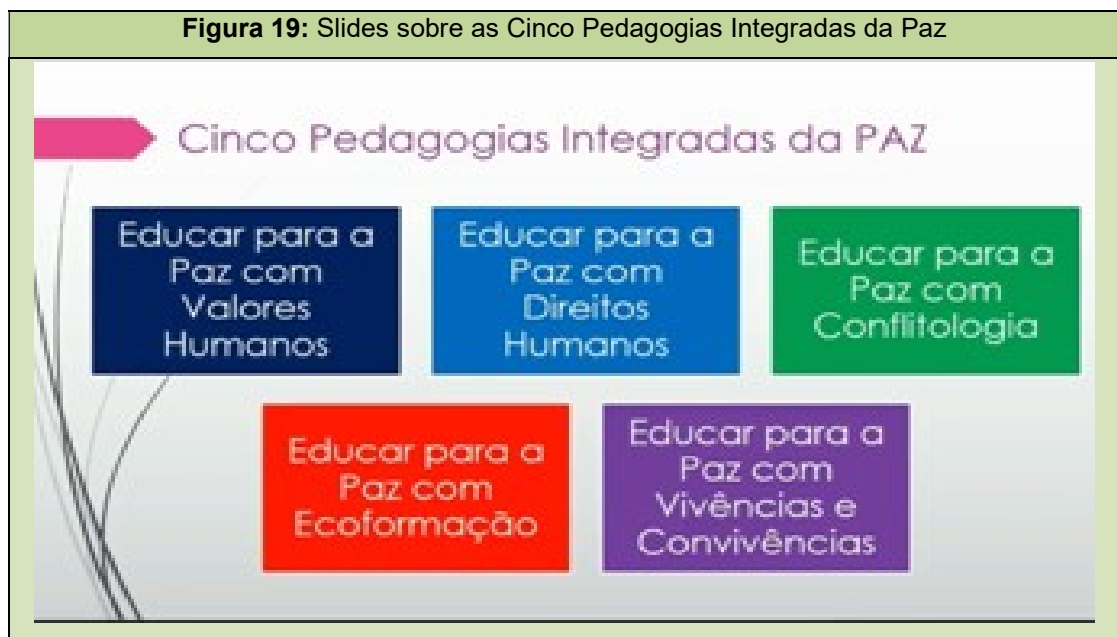
Antes de finalizar foi disponibilizado um vídeo intitulado "Como construir uma cultura de paz?"²⁵, trazendo uma entrevista com a Monja Coen, a qual fala sobre cultura de paz. Ela ressalta que há uma cultura de violência, algo naturalizado e quando a pessoa consegue perceber a própria agressividade, pode mudar muito mais do que a ela mesma. Foi solicitado aos participantes que sugerissem algumas

²⁵Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E5ntogeRVCE>

propostas de estratégias para o enfrentamento do *bullying* na escola, a serem discutidas em encontro seguinte.

6.1.4 Quarto encontro

O quarto encontro ocorreu em vinte de julho e contou com vinte pessoas, sendo dezessete Participantes, a Pesquisadora, o Professor Colaborador e como Palestrante o Professor Doutor Nei Alberto Salles Filho, Professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa, o qual trabalhou "a Cultura de Paz se faz com Educação para a Paz", após foi aberto espaço para debates e inserida no chat uma atividade para ser respondida pelos participantes.



Fonte: Material trazido pelo Palestrante

O Palestrante trouxe as cinco pedagogias integradas da paz: Educar para a Paz com Valores Humanos, Educar para a Paz com Direitos Humanos, Educar para a Paz com Conflitologia, Educar para a Paz com Ecoformação, Educar para a Paz com Vivências e Convivências, explicando cada uma delas. Finalizou falando sobre o retorno presencial das aulas, ressaltando a situação de crianças que estão em suas casas devido a pandemia e muitas são abusadas, maltratadas e por não estarem frequentando presencialmente as aulas, não há o risco de contarem para

alguém, portanto, a violência se intensificou neste período contra a mulher, crianças, adolescentes.

Após a apresentação, houve o espaço para os debates e trocas de ideias, um espaço dialógico ocorrido em todos os encontros, fundamental para atingir-se os objetivos propostos. *"A co-laboração como característica da ação dialógica, que não pode dar-se a não ser entre sujeitos, ainda que tenham níveis distintos de função, portanto, de responsabilidade, somente pode realizar-se na comunicação"*. (FREIRE, 2019, p. 229)

O Participante 8 falou que em primeiro lugar é preciso reconhecer-se como ser humano, de que todos têm direitos e a educação é a base

(...) das pessoas reconhecerem que todos somos seres diferentes, nas suas especificidades, nas suas buscas e que nós possamos sim, através de uma cultura iniciar lá na fase bem infantil, nós que somos pais e mães, educamos nossos filhos pelo exemplo e penso que é esse reconhecimento de quem eu sou e de que o outro também o é (Participante 8)

A Participante 15 elogiou a apresentação e o material disponibilizado pelo palestrante. O Palestrante contribuiu dizendo que *"a violência tem o traço masculino da história da humanidade. A cultura de paz é importante, mas vem com esse ranço patriarcal brasileiro"*. A Participante 9 trouxe novamente a questão da rede, a qual não funciona e faria muita diferença, ressalta a falta de comprometimento dos órgãos públicos *"a educação tá ali naquele cantinho escuro de castigo"*. O Participante 8 complementou salientando a questão dos movimentos sociais, os quais têm grande importância para que se efetivem direitos.

A Participante 15 relatou que Comissão Interna de Prevenção a Acidentes e Violência Escolar (CIPAVE) não consegue atender as necessidades, não consegue atingir o objetivo real, fala da necessidade de se trabalhar com o aluno e a escola, fazer algo que seja "real" e não algo obrigatório, referindo-se as imposições por parte do órgão mantenedor.

Quadro 10: Contribuições no chat sobre a apresentação	
Participante 18:	Alguns Governantes deveriam fazer essa formação...cultura de Paz e Ecoformação.... As políticas públicas deveriam nos respaldar
Participante 8:	Por isso que precisa sim ser um fazer político, sabemos que não existe vontade política no entanto os movimentos sociais obrigaram a criação de projetos de lei que viraram lei.
Participante 4	O governo do RS tem gerido a educação estadual desta forma:

	lindos projetos, para o papel!!! Melhor, para as plataformas!!! Bem longe da realidade!!!
--	---

Fonte: Organização da Pesquisadora

Como atividade foi disponibilizada uma pergunta seguindo o tema da palestra "Educação para a Paz", foi solicitado aos participantes que respondessem uma pergunta no chat ou fizessem uma explanação. A pergunta a seguir serviu como uma atividade avaliativa. O QUE ENTENDE SER EDUCAÇÃO PARA A PAZ?

Quadro 11: Respostas da Atividade no chat	
Participante 9:	Equidade, respeito, se colocar no lugar do outro, ser sensível e observador ...apaziguar...estar atento as vivencias que nos rodeiam
Participante 18:	Educação voltada para os Direitos de todos, com valores humanos
Participante 5:	Cooperação para um mundo melhor isso com liberdade , leis justas e nada de corrupção
Participante 17:	Ensinar para o respeito , para o trabalho , para a família , estudar e cooperar com o desenvolvimento de todos . Só se consegue isso com liberdade , leis justas e nada de corrupção
Participante 6:	Estratégias criadas para administrar conflitos e resolve-los sem utilização da violência
Participante 11:	Acredito que seja uma educação que prepara as pessoas para aprenderem a lidar com as dificuldades, injustiças e conflitos da vida da melhor maneira possível
Participante 10:	se as pessoas tivessem a capacidade de se colocar no lugar do outro
Participante 20:	Equidade em primeiro lugar
Participante 8:	O reconhecimento de que somos seres humanos e diferentes neste espaço global que pode ser dividido por todos e com todos
Participante 4:	Pequenos gestos, pequenas ações, que incentivam, inspiram e se potencializam na vivência de respeito, empatia e solidariedade! Assim se começa uma educação para a paz!
Participante 12:	Entendo por educação de paz uma educação com empatia por nossos alunos. Tratar os alunos com educação e carinho, entender cada um
Participante 14:	Conjunto de fatores, acesso comida de qualidade, saúde, moradia, lazer, cultura e justiça social. Educar para humanidade, educar para respeitar diversidade e educar com empatia
Participante 3:	Educação para a paz..uma educação que se comprometa com o outro, respeito as diferenças e as opiniões contrárias as nossas, empatia, resolução de conflitos sem violência, que busque olhar o aluno como um todo, reconhecer o local onde o mesmo está inserido
Participante 14:	respeito de opinião, igualdade, solidariedade e principalmente

Fonte: Organização da Pesquisadora

A contribuição do Palestrante foi fundamental para estabelecer bases para uma educação de paz na escola. As cinco pedagogias da paz, assunto que deveria ser aprofundado, podendo ser tema de um próximo curso, viria a contribuir para efetivação de ações no âmbito escolar.

6.1.5 Quinto Encontro

O encontro ocorreu dia dez de agosto às 19h, após quinze dias de recesso escolar, contou com quinze participantes, sendo doze da escola, um Discente do PPGEdU, a Pesquisadora e o Palestrante Professor Doutor Lúcio Jorge Hammes, professor da Universidade Federal do Pampa/Unipampa, o qual trabalhou a "Conceituação e antecedentes históricos da educação para a paz",

O Palestrante trouxe algumas atitudes voltadas à cultura de violência que pode-se dizer passam despercebidas ou são tidas como normais, "*as cantigas e brinquedos infantis, as piadas, as músicas, ditados populares, padrões familiares, nomes de ruas, contatos com armas*", são exemplos de comportamentos violentos. Traz a frase: "A biologia não condena a humanidade à guerra: a mesma espécie que inventou a guerra, pode inventar a paz" (MANIFESTO DE SEVILHA, 1996).

Ainda trazendo a violência em sua fala, o Palestrante trouxe a obra do pintor espanhol Pablo Picasso para mostrar a crueldade que ocorreu em Guernica, na Espanha. O quadro mostra o sofrimento, a dor, a angústia, o pânico, a aflição e a tristeza do povo espanhol da cidade de Guernica que sofreu um bombardeio no ano de 1937, como desdobramento da Guerra Civil Espanhola.

A aldeia de Guernica foi atacada por bombas incendiárias pelos apoiadores da ditadura de Francisco Franco, o ataque foi de extrema crueldade "símbolo da barbárie". Picasso quis usar o quadro para conscientizar o mundo sobre o efeito das guerras na vida das pessoas. Por essa razão, o quadro tem um tom bastante sombrio e triste. (AZEVEDO, 2019).

Figura 20 -Guernica - Pintura de Pablo Picasso



Fonte: Material trazido pelo Palestrante

A segunda pintura trazida pelo palestrante, retrata o massacre na Coreia (OLIVEIRA, 2021) mostrando um grupo de mulheres e crianças nuas sob a mira de um pelotão de fuzilamento. O quadro foi concluído em 1951, ao que tudo indica Picasso teria tido inspiração para compor esta obra no quadro "O Três de Maio de 1808 em Madrid", do pintor espanhol Francisco de Goya, o qual retrata soldados da força de Napoleão executando civis espanhóis.

Figura 21 - Matanza en Coreia - Pintura de Pablo Picasso



Fonte: Material trazido pelo Palestrante

As pinturas destacam a violência no decorrer da história, principalmente com aqueles mais vulneráveis, desprovidos de defesa, deixando claro uma cultura de guerra. O palestrante finaliza dizendo que é preciso repensar a vida, o trabalho " *Vamos juntos construir uma educação nova para as crianças, para os jovens, eles*

merecem nossa atenção, eles merecem uma educação que possa realmente construir pessoas libertas"

O encontro um e quatro contou com discentes do PPGEdU da Unipampa que também puderam fazer suas contribuições. Neste encontro o aluno da Unipampa segue a temática da violência e faz uma reflexão à respeito "*A gente vê essas coisas e fica refletindo, até aonde vai essa coisa de violência, conclui dizendo: "a gente é ensinado a ser racista, a ser preconceituoso, a medida que a gente vai crescendo, essas influências ,podem ser positivas ou negativas, elas vão atuar sobre a gente"*

O Palestrante comenta sobre grupos vulneráveis como mulheres e pessoas negras, sendo estas últimas muitas vezes abordadas, por exemplo, em supermercados ou há olhares atentos sobre elas, sendo diferente para outras pessoas "*a gente sabe que vive numa sociedade muito discriminada ainda"*

O Participante 5 relatou uma situação com um familiar que sofreu discriminação por causa da vestimenta, após fez um questionamento ao palestrante em relação à paz negativa. Se a paz negativa por si só causa violência ou está associada a outra coisa? O palestrante responde que às vezes precisa-se tomar certas atitudes para evitar um assalto por exemplo, é um estado de guerra, mas que o ideal seria a paz positiva que é quando se consegue superar o problema

Salienta que nas comunidades deveria haver boas escolas, igrejas, clubes que as pessoas pudessem aprender a ser "gente" no sentido amplo da palavra, pessoas com direitos à educação, ao cinema, cultura, a um emprego justo. Conclui dizendo que isso se faz aprendendo a respeitar os outros, criando a cultura de paz.

A Participante 20 complementou a fala da colega (Participante 9), dizendo que a escola realmente atua, apesar das adversidades. "*a gente percebe a falta de respeito, as pessoas não têm mais amor ao próximo"* O Palestrante complementa dizendo "*o que não pode nos dominar é a desesperança, manter a esperança é o que vai nos ajudar, a desesperança nos mata, ela destrói"*

Para Freire (1992) Não se deve pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e que atuar movido por esta ingenuidade é um modo de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Porém, prescindir da esperança na luta para mudar o mundo, como se a luta pudesse se reduzir a atos calculados apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão. Prescindir da esperança que se funda também na verdade como na qualidade ética da luta é negar a ela um dos seus suportes fundamentais.

A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança. A desesperança é a negação da esperança. A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é o aborto deste ímpeto. A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo. (...) É preciso ficar claro que a desesperança não maneira de estar sendo natural do ser humano, mas distorção da esperança. (FREIRE, 1996, p.29)

A pesquisadora relatou um caso de homicídio envolvendo uma jovem indígena, seguiu-se os comentários a vários tipos de acontecimentos estarrecedores.

Quadro 12: Participação no Chat sobre violência	
Participante 11	Muita brutalidade
Participante 17	Os meninos mortos pelas mães e madrastas , crueldade
Participante 18	A tortura existe de todas as formas....e hoje, nós estamos vivendo a tortura diariamente pelos governos...uma tortura psíquica.
Participante 17	E as pessoas que são obrigadas a comer cachorro, um horror de maldade
Participante 18	Antes era feita com os instrumentos...agora são as palavras, as leis, os gestos....a educação em último lugar...
Participante 8	os jogos na internet, A desconstrução de conquistas que hoje estamos perdendo na atual conjuntura política que estamos vivendo.
Participante 17	O cúmulo da violência contra o ser humano, a corrupção deixando a sociedade perdida e sem suas necessidades atendidas, gerando violência , gerando falta de fé

Fonte: Organização da Pesquisadora

Os comentários parecem desconexos, porém, são relevantes em se tratando do assunto sobre violência e descaso das autoridades, mostra uma certa indignação por parte dos participantes que veem ineficácia nas leis, descaso com a educação, uma violência vertiginosa. Para Patou-Mathis (2020), a violência não está gravada em "nossos genes". As causas de seu surgimento são históricas e sociais, diz que a definição de "violência original" é um mito, porém, a guerra não é, separa-se da condição humana, mas é o produto das sociedades e das culturas que geram.

O Discente do PPGEduc da Unipampa contribuiu: "*A atual conjuntura política demonstra o poder de uma elite ignorante com a valorização das forças armadas*". A Participante 17, discordou dizendo: "*todos os países valorizam suas forças armadas, não entendo como coisa de gente ignorante*", desta forma, o Participante 8 reagiu ao

comentário da Participante 17: *"No Brasil essa força das armas enquanto militares construíram um dos momentos mais tristes da história do nosso país, a Ditadura. E os remanescentes estão aí no nosso governo"*.

A Participante 17 continua sua explanação em defesa de sua ideia: *"Mas mudaram os tempos, por isso devemos fortalecer a democracia sem desdenhar de nossas forças armadas"*. O Participante 8 salienta que é necessário para isso governos democráticos. O aluno da PPGEdu, encerra dizendo: *"Que deveriam servir para manter um governo democrático, e não para agirem politicamente dentro do governo"*.

O relato dos Participantes acima foi trazido por se tratar de opiniões divergentes, porém, importantes para mostrar o conflito como algo positivo. Para Fernández et.al (2019), o conflito interpessoal é apresentado como algo inerente à vida "o que nos leva a afirmar que onde há vida, existe conflito"

Jares(2002), salienta que o conflito na sociedade atual, assim como no sistema educativo têm a visão de algo negativo.

(...) a concepção tradicional de conflito dominante atualmente é aquela que o considera como negativo em diversas acepções, que podem ser: conflito como sinônimo de desgraça, de má-sorte; conflito como algo patológico ou aberrante; conflito como disfunção; etc. A consequência desse estado de coisas é que o conflito é uma situação a ser evitada ou pelo menos é algo não-desejável. "Infelizmente, o conflito costuma ser concebido quase unicamente em termos negativos. Tanto a intuição popular como muitas das definições científicas apresentam o conflito como um fenômeno desagradável e intrinsecamente mau. (JARES, 2002, p. 132).

Fackin (2005) declara que os conflitos podem ser resolvidos através do diálogo, evitando assim resoluções baseadas em agressões. Criando o hábito do diálogo, os próprios envolvidos podem resolver os conflitos.

(...) os conflitos são um elemento importante de todo grupo humano e a presença deles parece ser constante em qualquer sociedade. No entanto, o conflito não justifica o aparecimento e o crescimento da violência, uma vez que se constituem em fatores de crescimento quando conseguem ser superados. (FACKIN, 2005, p. 44)

Antes de encerrar o encontro foi falado sobre algumas propostas a serem debatidas posteriormente com a escola, a fim de minimizar questões violentas, com a ideia de construir uma cultura de paz através de uma educação para a paz,

buscando com isso também um chamamento das famílias. Houve a sugestão da continuação do vínculo com a escola para uma futura formação, assim como implementação de ações que colaborassem na resolução dos conflitos existentes, ações estas que não sobrecarregassem ainda mais o quadro de profissionais da instituição.

As propostas então seriam trabalhadas após o curso. Ficou claro em vários momentos durante os relatos dos participantes a necessidade de medidas que aproximasse as famílias da escola, como na fala da Participante 18, a qual relata que a grande dificuldade dentro da escola, são as famílias, pois elas não aceitam ou querem sair fora de suas responsabilidades. Mas que uma proposta com pequenos grupos de pais pode ser o começo "ideal", "*uma forma de plantar a semente*".

6.1.6 Sexto Encontro

O sexto e último encontro foi realizado dia dezessete de agosto às 19h, sendo menos extenso. Contou com a presença da pesquisadora e de quinze participantes, totalizando dezesseis pessoas. Houve uma apresentação em slides em que foi retomado os conceitos de *bullying*, violência/não violência e cultura de paz e como atividade de encerramento foi solicitado a opinião dos participantes sobre o curso.

O Participante 7 expôs sua opinião sobre o curso, dizendo que há muito tempo na escola fala-se sobre a cultura de paz, e da importância de se discutir o tema "*tudo que a gente pensa pra escola é válido porque a gente pensa pro bem comum*", diz que procuram sempre estudar mesmo com vários "altos e baixos". Salienta que há uma expectativa de que os governos vão ajudar(...), "*acho que a gente é resiliente o tempo todo, fala ainda que a questão do salário causa desmotivação*". Agradeceu pelo curso.

A Participante 9 destacou a relevância dos temas abordados e que a escola é o alicerce e local de muito trabalho, reforça a necessidade dos governantes darem o devido valor à instituição, fala do receio de assumirem mais compromissos e não darem conta, também ressalta as cobranças por parte do governo e o "desencantamento" com a profissão, mesmo assim, deixa claro que jamais se pode perder a esperança

A Participante 18 retoma a ideia de uma proposta voltada às famílias, uma forma de inserir as famílias no cotidiano escolar. A participante também se despediu, não só do curso, mas da escola, pois entrava em licença prêmio e após se aposentaria. Ainda falou da pandemia e sequelas desta em relação aos contatos, no momento somente virtuais "*aquela outra realidade(...), é difícil, vim de um tempo que a escola era mais valorizada pelos pais, pela família*"

Foi falado um pouco da pandemia que ainda há um longo caminho pela frente, mas a despedida foi bem descontraída com risos e brincadeiras.

Na minha percepção, apesar do desânimo por conta da sobrecarga de trabalho, da cobrança por parte da instituição mantenedora (Estado), as incertezas e o receio relacionados à pandemia, do descontentamento como um todo pela falta de apoio da família e Estado. O grupo não está desesperançoso, em muitas falas reforçaram que a luta por uma educação continua sempre. O grupo se mostrou como uma grande família, receptiva a todos que chegam". (Diário de Campo 17 agosto de 2021)

O curso foi finalizado com o vídeo " Por uma cultura de paz"²⁶, iniciativa do governo do Pará (2017), trazendo a visão de crianças sobre várias temáticas, tendo como tema principal a cultura de paz. O vídeo foi disponibilizado como reflexão, mostrando como crianças reagem aos preconceitos: racismo, homofobia, *bullying*. Elas são unânimes em apontar como estas atitudes são erradas e que, por exemplo, as pessoas não deveriam brigar no trânsito, mas conversar, não deveriam rir do cabelo da colega, mas se aproximar dela. Mostram empatia.

Manzini (2013), diz que expressar sentimentos empáticos significa compartilhar a emoção do outro, percebida por meio de pistas diretas, como expressões faciais típicas, ou indiretas, como conhecer a situação na qual a vítima se encontra. "Os sentimentos empáticos são, portanto, congruentes com a situação do outro e não necessariamente idênticos aos sentimentos do outro. (MANZINI, 2013,p.21)

Manzini (2013), também ressalta que a justiça, a solidariedade, a liberdade e a igualdade são princípios morais básicos da convivência humana e devem permear o processo de socialização, inclusive nas relações sociais na escola e na família. Aponta que na escola e na família é mais construtivo para o desenvolvimento social e emocional infantil que as regras morais sejam discutidas e afixadas na classe com

²⁶<https://www.youtube.com/watch?v=nitdd90va4Y>

as crianças, pois desde a mais tenra idade têm a capacidade de desenvolver e expressar sentimentos como a amizade, empatia, simpatia, solidariedade e cooperação.

7. SOBRE OS DADOS DA PESQUISA

A análise de dados tem por base a análise de conteúdo. Segundo Câmara (2013), a definição de análise de conteúdo surge no final dos 1940-1950, com Berelson, o qual era auxiliado por Lazarsfeld. Porém somente em 1977 foi publicada a obra de Bardin, intitulada "*Analyse de Contenu*", sendo o método configurado nos detalhes que servem de orientação atualmente.

Segundo Bardin (1977), a análise categorial, tem servido de base para descrever as principais fases da análise de conteúdo:

No conjunto das técnicas da análise de conteúdo, a análise por categorias é de citar em primeiro lugar: cronologicamente é a mais antiga; na prática é a mais utilizada. Funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos. Entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação dos temas, ou análise temática, é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos directos (significações manifestas) e simples. (BARDIN, 1977, p.153)

De acordo com Generoso (2017), no manejo da análise de dados, utiliza-se vários tipos de registro em que se analisa uma mensagem na decomposição do conjunto da mensagem, exemplifica as unidades de registro como: uma frase ou oração, livro, filme, palavra-chave, dentre outras. Sendo assim, os materiais coletados através das anotações no Diário de Campo, da participação dos sujeitos, das observações feitas nos encontros, foram utilizados na descrição dos dados.

Bardin (1977), ressalta três fases da análise de conteúdo, explicando cada uma delas. Pré-análise, exploração do material, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A primeira tem o objetivo de sistematizar as ideias iniciais, na exploração de material. A segunda fase é "longa e fastidiosa", consiste essencialmente de operação de decodificação. Na terceira, os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos.

Seguindo a lógica de Bardin (1977), fez-se a leitura das anotações no Diário de Campo e da transcrição dos encontros. No Diário de Campo foi feita uma descrição minuciosa da pesquisa, desde o começo, além de anotações mais

subjetivas observadas pela pesquisadora, apontamentos como os comportamentos dos participantes frente a determinados assuntos e acontecimentos. Na transcrição dos encontros foi possível captar através das falas e da escrita no chat a opinião sobre os assuntos discutidos, assim como um "desabafo" ocorrido na maioria dos encontros frente a toda situação atual com a educação e no país de uma forma geral.

Câmara (2013) fala das fases da análise de dados citando Bardin (2011), podendo considerar a primeira fase de organização, momento em que se estabelece um esquema de trabalho. Na segunda fase tida como fase de exploração do material, são escolhidas as unidades de codificação, que compreende a escolha de unidades de registro (recorte, a seleção de regras de contagem, enumeração e escolha de categorias), classificação - semântico (temas), sintático, léxico sentido das palavras, além do expressivo perturbações da linguagem (perplexidade, hesitação, embaraço, outras, da escrita, etc...) e categorização permitindo reunir um número de informações à custa de uma esquematização e assim correlacionar classes de acontecimentos para ordená-los

A terceira fase da análise do conteúdo é denominada tratamento dos resultados, inferência e interpretação, durante a interpretação dos dados, é preciso atentar para os marcos teóricos, pois eles dão o embasamento e as perspectivas significativas para o estudo. "*A relação entre os dados obtidos e a fundamentação teórica, é que dará sentido à interpretação*". (Câmara, 2013, p. 11).

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Médio Professora Aglae Kehl e contou com vinte e dois participantes da escola além de quatro palestrantes, um professor colaborador e dois discentes do PPGEduc. A ideia inicial seria "Construir uma cultura de paz para reduzir o *bullying* em uma Escola Pública", Porém, para chegar à cultura de paz será necessário perpassar antes por outros caminhos. No primeiro momento atentar para a incidência de *bullying* na instituição e como é trabalhado este tipo de agressão a partir das falas dos participantes. Após analisar as discussões durante a pesquisa acerca da violência de uma forma geral, pois ela pode ser o estopim para desencadear atos de *bullying*

As categorias foram divididas por temas, os quais foram discutidos no decorrer do curso de extensão sendo: 1) Bullying escolar: Uma violência silenciosa; 2) violência e a banalização da vida; 3) educar para a paz

7.1 Bullying escolar: Uma violência silenciosa

Nesta primeira categoria será tratado o conceito de *bullying* e a percepção que os participantes têm da violência. Tais conceitos foram trazidos no primeiro encontro e foram debatidos pelos participantes. Durante a entrevista diagnóstica foi salientado que o *bullying* era algo um tanto espaçado, ocorrendo poucos casos, porém no decorrer do curso ficou mais evidente a dificuldade em identificar este tipo de violência no ambiente escolar.

Fante (2018) salienta que é preciso distinguir os casos de maus-tratos ocasionais daqueles graves e habituais, os quais caracterizam o *bullying*. Ressalta ainda que há pouca conscientização deste fenômeno nos meios educacionais e um despreparo dos profissionais para lidarem com esta forma de violência. Na fala dos participantes pode-se ver o entendimento destes sobre o *bullying* e a dificuldade de identificá-lo.

A Participante 13 menciona que na adolescência é cruel, "*é um período de autoafirmação, o bullying é uma perseguição ininterrupta, ela não para ela só vai aumentando, só vai ganhando proporções maiores*".

A gente permeia por muitos. na nossa época de criança sofríamos muito bullying, pelo cabelo, pela cor, pela roupa, pela pobreza, pelo chinelo de dedo, pela gordura, por usar óculos, nós não sabíamos o que era isso. uma das coisas que eu trouxe pra minha vivência dentro da escola não fazer com os meus alunos e não permitir que façam com eles o que eu sofri, então esse cuidado é o nosso olhar, quando fala em bullying hoje, as pessoas dizem sempre se xingou, sempre se fez e ninguém fez nada, as pessoas não conseguem entender que eram outros tempos que hoje os tempos são outros, são outras cabeças e hoje os resultados são mais negativos, a gente sabe que em muitos casos de suicídio é de acordo com essa vivência com outros problemas agregados é claro, a gente não pode desconsiderar o bullying é presente.(Participante 9)

A Participante 18 relata uma situação de *bullying* com o filho, o qual chegou a mencionar suicídio, ao trocar de escola, a situação foi resolvida. "*Nos casos mais graves do bullying, nas situações mais extremas as vítimas buscam o suicídio como forma de pôr um ponto final aos ataques constantes e repetitivos*". (FRANCISCO, 2010, p.30)

A Participante 17 diz que trabalham e atendem a questão de quem sofre e de quem comete o *bullying*, pois entende que este aluno sofre uma pressão, está de alguma forma também vivendo uma pressão, que o agressor não é o "coitado", mas

que sofre uma carga que o leva a fazer este tipo de violência, "*porque ele está apresentando, ele mostra, ele faz aquilo que ele sofre de alguma forma "ele tem que manter como um sujeito ativo, alguém que tem força, alguém que se mostre superior né a outros"*.

Seria muito importante olharmos para os casos de bullying como um reflexo de relações preconceituosas não apenas por parte daqueles que perseguem e intimidam seus companheiros de escola, mas de uma sociedade que pode suscitá-lo também. O preconceito representa assim, a não aceitação das especificidades dos sujeitos que fogem aos padrões homogêneos de convívio social. Por vez, aqueles que sofrem de forma constante os reflexos do preconceito também o estão sendo vítimas de bullying. (FRANCISCO, 2010, p. 34)

A Participante 11 falou do *bullying* e entende que os jovens estão mais fragilizados hoje em dia, porque em épocas anteriores ocorria o *bullying*, as piadas, os apelidos pejorativos e que a família não está preparando os jovens para enfrentar este tipo de violência "*a atitude de quem sofre o bullying também é muito importante pra que isso acabe"*.

A Participante 9, declara que os alunos acabam trazendo "na bagagem" o *bullying*, e que muitas vezes a criança se sente deslocada e até mesmo "se sentindo no bullying" porque o adulto falhou também. Nesta perspectiva, Cézar (2010), reforça que o papel da família e dos professores, bem como de toda a escola deve ser auxiliar as crianças e adolescentes a conviverem com as diferenças, trabalhando valores essenciais à convivência humana, os quais irão ser um apoio na redução dos preconceitos, pois a educação não existe, sem relacionamento com os outros.

Portanto, de acordo com as falas de Participantes, há uma compreensão da gravidade desta forma de violência e uma dificuldade em trabalhá-lo. Há o entendimento de que o bullying passou a tornar-se mais grave quando reconhecido com tal, já que em outras épocas não havia tal compreensão à respeito, era algo que causava traumas, provavelmente, para o resto da vida, mas era tido como algo normal da idade.

Ressaltam ainda que a família precisaria trabalhar melhor uma forma de preparar os jovens para enfrentarem tais agressões, pois se entende que a fragilidade de algumas crianças e adolescentes podem expandir o *bullying*. Porém, há o entendimento de que a família e a escola auxiliariam os jovens a conviverem melhor com as diferenças, trabalhando a empatia e o respeito.

A Participante 15, indaga como chegar ao aluno que sofre bullying? Como perceber que o aluno precisa de ajuda? Como saber que este aluno está sofrendo o *bullying*? A participante 15 ainda comentou um caso parecido que ocorreu na instituição, porém não foi percebido pelos profissionais da escola, sendo relatado pela criança aos seus treinadores de futebol fora do ambiente escolar, somente depois disto a escola foi informada. "*Pra gente conseguir identificar é muito difícil, perceber e passar essa segurança pros alunos*" o aluno teria relatado que não comentou sobre as agressões na escola porque nada seria feito, "*não daria em nada*".

De acordo com a cartilha sobre *bullying* do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), de 2010, o comportamento das vítimas devem incluir os diversos ambientes que elas frequentam, é preciso atentar para os sinais, na escola encontram-se isoladas do grupo, perto de alguns adultos que possam protegê-las; na sala de aula apresentam postura retraída, faltas frequentes, apresentam-se comumente tristes, deprimidas ou aflitas; Nas atividades em grupo sempre são as últimas a serem escolhidas ou são excluídas; aos poucos vão se desinteressando das atividades e tarefas escolares; e em casos mais dramáticos apresentam hematomas, arranhões, cortes, roupas danificadas ou rasgadas.

Os sinais podem ser percebidos também em casa, quando se queixam com frequência dores de cabeça, enjoo, dor de estômago, tonturas, vômitos, perda de apetite, insônia. Sintomas que serão mais intensos antes de irem para a escola. Apresentam diversas desculpas para faltar às aulas, inclusive doença física, podem ter mudança de humor. Tem poucos ou nenhum amigo, assim como não são convidadas para festas ou passeios. (CNJ, 2010)

Há um consenso sobre a dificuldade de identificação do *bullying* frente a outros tipos de conflito. A escola sente-se impotente para a identificação e resolução deste conflito, alguns casos relatados foram percebidos quando chegou ao ápice, já em um estágio mais grave. A participação da família foi algo muito citado nas falas e seria muito importante esta parceria para amenizar os efeitos do *bullying*. De acordo com a Constituição Federal de 1988 (CF):

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária,

além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (CF, art. 227)

A Participante 20 relata um episódio da infância em que uma colega sofria *bullying* e ela teria presenciado uma cena, a qual a deixou traumatizada, não querendo retornar à escola, eram muito pequenas, mas a cena da colega sendo empurrada escada abaixo a marcou, porém, não havia uma ideia clara de que isso fosse *bullying*.

A Participante 21 ainda relata a forma como resolvia a questão de *bullying* na escola durante a infância, tendo um comportamento violento, provavelmente, devido ao ambiente familiar com um pai abusivo e alcoólatra. Destaca os sérios traumas que carrega e a necessidade de tratá-los permanentemente. Frisa que é preciso atentar para o que os jovens estão assistindo, como por exemplo, as séries norte americanas sobre as escolas, as quais retratam a violência dentro deste espaço, onde os alunos no ensino médio sofrem *bullying*, abusam de drogas, alguns se prostituem, outros andam armados, brigas de gangues.

Ter o olhar sobre o aluno agressor, os motivos que o levaram a praticar tal ato pode ser também um caminho para entender a violência conhecida como *bullying*. Uma maior estrutura da escola para o monitoramento durante o recreio ou em outros momentos em que alunos possam sofrer ataques, deveria fazer parte de um planejamento por parte dos órgãos públicos. A "queixa" de falta de investimento é constante, assim como o trabalho em REDE e o papel mais eficaz por parte do Conselho Tutelar.

Percebe-se nas alegações dos Participantes que percorrem um caminho solitário e que a demanda escolar, englobando conteúdo, cobranças por parte do Estado e o "desinteresse" das famílias, gera um desânimo nos profissionais, estão esgotados, desacreditados, mas é possível perceber também, pode-se dizer de forma unânime a força em lutar por dias melhores, eles acreditam que há esperança para a educação.

7.2 Violência: Desrespeito e banalização da vida

Os participantes contribuíram falando sobre violência vista diariamente nos noticiários e de outras formas como a falta de providências por parte dos governantes e desvalorização da educação.

Minayo(2006), fala das violências no País, desde os primórdios:

A ausência de sintonia cultural, moral e espiritual entre um povo que chega como dominador e inicia uma miscigenação com o povo que aqui se encontra constitui o sentimento mais profundo que alimenta os vários tipos de segregação e crueldade que persistem na experiência nacional de quinhentos anos, sobretudo, contra a população pobre. (MINAYO,2006, p. 28)

Minayo(2006), conclui dizendo que as formas de delinqüência organizada no Brasil, as quais são classificadas pela OMS na categoria de violência coletiva²⁷e que estão presentes nos últimos vinte e cinco anos no país, são subprodutos da esfera política: "denunciam o fim de uma época desenvolvimentista e a decomposição dos sistemas sociais e dos aparatos formais que consolidaram o Estado nacional.

A Participante 9 falou das violências nos noticiários mostrando-se revoltada com tantas atrocidades, mencionando mortes em brigas de trânsito, mães assassinando seus filhos, golpes a todo instante e faz uma crítica à justiça no Brasil *"as nossas casas são prisões, a escola tem que ensinar tudo hoje"*. declara as cobranças por parte do órgão mantenedor, a falta de comprometimentos das famílias com atividades da escola, tudo seria violência, *"a escola faz o seu papel, mas não há retorno"*.

Fala de sua preocupação, pois tinha crianças que sofriam todos os tipos de violência, passando fome e frio, sofrendo abusos, *"então assim, a gente vive isso e se tu assimila isso e quer trabalhar com isso, deveríamos nós também termos um tratamento, sequer a gente tem um médico pra nos tratar disso na nossa rede de plano de saúde"*. A participante 17 contribui dizendo que *"O cúmulo da violência contra o ser humano, a corrupção deixando a sociedade perdida e sem suas necessidades atendidas, gerando violência , gerando falta de fé"*

²⁷que a população reconhece como a própria violência

Surgiram os mais variados tipos de violência nas falas, desde as que ocorrem dentro da escola, como as que acontecem fora, o preconceito como forma de violência, homicídios, feminicídios, incluindo o desrespeito por parte dos governantes com os profissionais da educação e com a própria educação

O Professor Colaborador diz que é realmente um problema a violência chegar na escola, já que ela atinge a todos de modo muito cruel, educadores especialmente da educação básica. Diz ainda que é interessante se dar conta de que se vive numa cultura e essa cultura pode ser de paz ou de violência " *uma cultura, ela é uma construção nossa, construção humana, então nós podemos construir cultura de paz ou de violência, depende do enfoque que nós damos, claro que isso não depende só de nós, depende do conjunto da sociedade, não somos nós sozinhos que vamos construir uma cultura, mas nós podemos colaborar com uma cultura de paz ou de violência*" Deixa claro que é sempre bom descobrir a causa da violência, é importante saber o motivo da violência.

A gente sofre a violência quando alguém entra na escola e tem uma com uma arma na mochila, a gente sofre a violência quando o pai vai lá e bota a mão no nosso nariz e não aceita que a gente converse, quando o pai esquece que tem um filho na escola e a gente tá ali tentando pelo filho dele(...) nós queremos o bem, nós estamos ali pra ensinar porque o resultado do aluno é o nosso resultado, então isso também, acredito que é uma violência contra nós e essas coisas terminam nos magoando assim a cada dia e muitas vezes nos sentimos impotente, porque a gente pode ter todo um trato bom, mas a gente não tem retorno (Participante 9)

Barroso (2021) diz que apesar de não ser uma marca específica da sociedade contemporânea, mas que acompanha a história desde seus primeiros registros, a cada tempo a violência torna-se visível em formas e circunstâncias particulares, e desempenha funções diversas nos distintos modos de produção e organização social. "*Aparentemente é possível pensar em violências de forma isolada, como no caso de um acidente de trânsito na grande São Paulo, um afogamento no Rio Amazonas, o etnocídio indígena no Xingu, o racismo nas redes sociais, o desemprego e a fome nos grandes centros, ou o sexismo presente nas instituições militares. Contudo, tais violências, independentemente do seu reconhecimento ou identificação dos sujeitos envolvidos, são forjadas e forjam as relações sociais*". (BARROSO, 2021, p. 04)

A partir das falas percebe-se um conceito amplo de violência, algo que ultrapassa os muros da escola, algo que causa apreensão como pode ser percebida

na declaração da Participante 11, a qual fala sobre a violência, principalmente contra a mulher " *Eu fico pensando quanto a gente fica contaminado com toda essa violência né, porque como mulher tu nunca sabe se vai sair na rua e vai voltar*". Entende que é necessário trabalhar principalmente na escola a questão da violência, mas se sente contaminada, já que enquanto ser humano é preciso se defender e muitas vezes o tipo de defesa também é uma violência.

7.3 Educar para paz

A educação para a paz foi trabalhada em no quarto e quinto encontro pelos palestrantes e após às apresentações os participantes se manifestaram fazendo suas contribuições:

A Participante 4 destacou que ao refletir sobre Educação para a paz pensa-se em projetos grandiosos e que em seu entendimento se educa para a paz "*com pequenos gestos, pequenas ações. Quando educo para a paz? quando incentivo meu aluno, tenha ele a idade que tiver, a ser solidário, a ouvir, a ter empatia, se colocar no lugar do outro, sentir a dor do outro, a participar*". Conclui salientando que é preciso desmistificar o fazer a educação para paz de forma grandiosa e sim fazer aos poucos, com pequenos gestos "*a gente começa quando planta uma sementinha com o aluno da gente, tu educa muito mas com tua fala*"

As contribuições trouxeram a questão da falta de comprometimento do governo, algo que aparece muito nas falas, dificulta o desenrolar de várias atividades que poderiam contribuir para desenvolver a educação para a paz na escola. Após as falas dos participantes a pesquisadora trouxe uma atividade que constava de uma pergunta: O que entende ser Educação para a Paz?

A Participante 4 entende que são "*pequenos gestos, pequenas ações, que incentivam, inspiram e se potencializam na vivência de respeito, empatia e solidariedade! Assim se começa uma educação para a paz!*". Nesta mesma lógica a Participante 12 entende que a educação de paz é "*uma educação com empatia por nossos alunos. Tratar os alunos com educação e carinho, entender cada um*", na mesma linha a Participante 3 diz que "*Educação para a paz. uma educação que se comprometa com o outro, respeito as diferenças e as opiniões contrárias as nossas,*

empatia, resolução de conflitos sem violência, que busque olhar o aluno como um todo, reconhecer o local onde o mesmo está inserido"

As palavras respeito, empatia, igualdade, solidariedade se fez presente nas falas, o entendimento de que desta forma é possível começar a criar uma cultura de paz na escola, no momento em que tais valores forem agregados nas vivências do alunos através de uma educação para a paz. *"É preciso haver cooperação e diálogo nas questões referentes à educação para a paz. Assim, pois, o método dialógico, que é a idéia do diálogo entre educador e educando, consiste na integração dos indivíduos de forma coerente e harmoniosa". (FACKIN, 2005, p.29)*

O conflito é um traço definidor das relações humanas e não como violência em si, mas como violência ou não violência. A partir de uma pedagogia da convivência e dos conflitos em que as diferenças, diversidade e opiniões são dialogados, com o propósito do bem coletivo, encontra-se o caminho pedagógico de educar para a paz nas escolas. Lembrando que Paz, começa com você. Uma Cultura de Paz é processo, caminho, é um tema pedagógico. Portanto, uma Cultura de Paz só se faz com uma Educação para a Paz! (SALLES FILHO, 2013).

Em muitos momentos durante as falas ficou claro algumas dificuldades da escola, o relacionamento família, escola parece um tanto árduo, a escola não consegue levar a família ao ambiente educacional, dificultando a parceria que deve existir para o bom desempenho do aluno. Outro ponto relatado seria a falta de apoio da REDE englobando (assistência, saúde e educação), sendo mencionado ainda a falta de suporte por parte do Conselho Tutelar, ficando a escola com uma sobrecarga, muitas vezes aquém de suas atribuições.

Os momentos de diálogo ocorridos durante o curso de extensão trouxeram a tona os anseios dos profissionais, exauridos e desgastados em algum ponto. Foi um espaço de escuta, de "desabafo", de trocas muito significativas, de aprendizado de todos. Mesmo em formato remoto a aproximação e interação entre todos os participantes foi muito importante para que se busque alternativas para amenizar as situações de violência que ocorrem na escola, tentando inserir uma rotina voltada à educação para a paz.

Como salienta Fackin (2005), de que a proposta de educação para a paz seja de conscientizar sobre a violência que sofrem e cometem, permitindo que os indivíduos descubram estruturas violentas e os preparem para a ação transformadora. "A educação para paz é uma importante ferramenta no sentido de

promover a cultura de paz, promovendo o estímulo de relações éticas, baseadas na solidariedade" (MATOS; CASTRO; NASCIMENTO, 2016, p. 04).

7.4 Proposta de Ações para trabalhar a Educação para Paz na Escola

A partir dos encontros, surgiram algumas propostas a serem aplicadas na escola para enfrentamento do bullying. O chamamento das famílias à escola foi algo proposto em praticamente todos os encontros. Para que as famílias participassem das atividades da escola, foram criadas duas propostas voltadas a estas famílias, a terceira proposta sugere uma formação dos profissionais em dois anos, voltada a educação para a paz, a quarta proposta seria trabalhar com alunos e suas famílias e quinta abordar a Educação para a Paz com estudantes através do teatro.

Proposta de Atividades para a Inclusão da Educação para Paz na Escola

Coordenação:

Silvia Diana de Lima Silva Orique²⁸

Colaboradores²⁹:

Criar uma proposta para colaborar na inserção da educação para a paz na escola, surgiu no decorrer do curso de extensão, o qual foi ofertado pela mestrandia Silvia Diana de Lima Silva Orique para a Escola Estadual de Ensino Médio Professora Aglae Kehl, a fim de inserir atividades voltadas à Educação para Paz com o intuito de construir aos poucos uma cultura de paz no âmbito escolar. A discente do Curso de Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Federal do Pampa – campus Jaguarão, realizou este trabalho com a orientação do Professor Pós-Doutor Lúcio Jorge Hammes.

Para efetivação da proposta na escola, será necessário a colaboração dos participantes do curso de extensão, ou seja, os profissionais da escola. Sendo importante trabalharem os conceitos voltados a Educação para a Paz, a fim de reduzir violências na escola, como o bullying. Para tanto, as atividades não devem sobrecarregar ainda mais os profissionais, algo que, de certa forma, causou receio em apegarem-se a mais tarefas.

Portanto, criar ações que contribuam sem exaurir os servidores será extremamente positiva e eficaz. adaptando propostas que venham ao encontro das demandas da instituição;

Ao pensarmos na realização de ações educativas, que possam ser executadas pela escola, levamos em consideração a seguinte premissa: a Educação para Paz não pode ser uma ação isolada, pois ela é um processo que construímos gradativamente, para adquirir efeito duradouro em longo prazo, mas, para isso necessitamos de engajamento; precisamos sair de nossa zona de conforto e precisamos exercitar o ato de ouvir, a partir do “lugar de fala”. (MEDEIROS, 2021, p.188)

Para Jares (2007) apud Nascimento (2009) Educar para a paz pressupõe educar para valores de justiça, cooperação, solidariedade, compromisso, autonomia

²⁸ Mestranda do PPGEduc da Universidade Federal do Pampa - Campus Jaguarão

²⁹ Servidores da Escola Estadual de Ensino Médio Professora Aglae Kehl

individual e coletiva, respeito, questionando ao mesmo tempo, valores contrários à cultura de paz como discriminação, intolerância, obediência cega, indiferença, conformismo e ausência de solidariedade. Nascimento (2009), salienta que a educação para a paz tem ênfase ao fator relacional, necessitando com isso exercitar o diálogo

A Educação para a Paz configura um espaço privilegiado para operar o consenso facilitando o debate, não mascarando os conflitos e estimulando nos seus componentes a postura de negociação e tolerância. A boa comunicação, por meio da integração da escuta respeitosa e da facilitação das falas, constitui uma ferramenta primordial para a construção da paz. (NASCIMENTO, 2009, p. 102)

Portanto, trabalhar ações que priorizem o diálogo, assim como a escuta dos envolvidos, pode-se alcançar o objetivo proposto de suscitar o respeito, a tolerância, a convivência pacífica. A formação continuada dos profissionais também é um caminho para a melhor abordagem referentes aos casos cotidianos de violência na escola. Buscar formas de incitar o chamamento das famílias para a escola, as quais devem ter um maior comprometimento com a rotina escolar dos filhos, é uma necessidade urgente de acordo com os depoimentos dos participantes. Para este chamamento ficou acordado ações que tratassem, no primeiro momento, da realidade destes sujeitos.

Ainda de acordo com os participantes, há uma dificuldade em inserir as famílias no ambiente escolar e em muitos casos a escola é vista como "algoz". Quanto a formação dos profissionais, ela é necessária, pois estes precisam ter um olhar mais aguçado para as questões conflituosas que surgem, a fim de amenizar e futuramente prevenir as situações violentas, é preciso trabalhar com estes profissionais ações que viabilizem a implantação de uma cultura de paz na escola, para que isto ocorra é fundamental trabalhar a educação para a paz dentro do âmbito escola. "Cultura de Paz se faz com Educação para a Paz"(SALLES FILHO, 2018)

. Pensando em alguns aspectos apontados no curso de extensão segue algumas propostas de atividades que possam ser desenvolvidas pela Escola Estadual de Ensino Médio Professora Aglae Kehl:

Proposta 1

Ação destinada às Famílias.

a) Quem são os responsáveis pela ação?

A gestão da Escola com o apoio da mestrandia e de visitantes externos

b) Qual o objetivo dessa ação?

Inserir as famílias na escola, buscando um maior comprometimento destas

c) Como seria realizada essa ação?

Seria um convite para palestras dentro da escola com temas voltados à realidade das famílias, os temas abordados consistiriam em:

Palestra 1: Violência Doméstica e a Lei Maria da Penha;

Palestra 2: Autismo, o que fazer?

Palestra 3: Meus direitos: Quais são?

Palestra 4: Meu filho(a), meu dever

d) Tempo estimado para a realização da atividade?

Aproximadamente 4 horas de atividade em cada palestra, sendo estas distribuídas durante o ano letivo. Havendo explanação dos assuntos e possíveis vídeos explicativos, a partir da atividade abrir espaço para questionamentos e discussões.

Proposta 2

Ação Destinada ao Dia Internacional da Mulher

a) Quem são os responsáveis pela ação?

A gestão da Escola com o apoio da mestrandia

b) Qual (is) o (s) objetivo (s) dessa ação?

Empoderar mulheres da comunidade, as quais façam parte do núcleo de escolar

c) Como seria realizada essa ação?

Seria um convite para mulheres, as quais tem seus filhos na instituição. Um momento de falar sobre saúde da mulher, maternidade, valorização pessoal, qualificação profissional. A ação poderia vir associada a um "QuickSnack" (lanche rápido), podendo ainda contar com sessão de beleza e sorteio de brindes

d) Tempo estimado para a realização da atividade?

Aproximadamente 4 horas de atividade. Seria transmitido vídeos sobre as questões voltadas às mulheres, acima mencionadas e material explicativo.

Proposta 3

Ação Direcionada à Formação de Profissionais da Escola.

a) Quem são os responsáveis pela ação?

Organizado pela mestrandia e professor colaborador sendo vinculada à Universidade Federal do Pampa

.b) Qual (is) o (s) objetivo (s) dessa ação?

Possibilitar aos profissionais uma formação por dois anos consecutivos.

c) Como seria realizada essa ação?

Um curso de extensão em formato remoto vinculado à Universidade Federal do Pampa em que seria trabalhada a Educação para Paz.

Ano 1:

- Que propostas de Educação para a Paz podemos construir?
- Manutenção das ações voltadas à educação para a paz na escola;
- Importância da Especialização dos profissionais.

Ano 2:

- Educação para a paz: A busca de uma cultura de paz na escola
- Feedback sobre as ações do ano anterior

d) Tempo estimado para a realização da atividade?

Ano 1: Aproximadamente 4 horas de atividade em dois dias da semana. Mini curso em que seria apresentado os princípios teóricos da Educação para a paz e diálogo entre os participantes

Ano 2: Aproximadamente 4 horas de atividade em dois dias da semana. Mini curso em que seria retomada a questão da Educação para a paz e diálogo entre os participantes sobre as ações realizadas na escola, sua eficácia e continuidade.

Proposta 4

Ação educativa destinada aos estudantes e familiares.

a) Quem são os responsáveis pela ação educativa?

Ação a ser executada pela gestão escolar .

b) Qual o objetivo dessa ação?

Discutir temas voltados à Educação para Paz e as formas de implantação de uma cultura de paz na escola.

c) Como seria realizada essa ação?

Através de atividades e palestras que propicia trabalhar conceitos de Educação para a paz. Sendo no primeiro ano algo organizado pela gestão escolar e nos anos seguintes determinar as atividades em diálogo com estudantes e familiares. As atividades poderiam ser lúdicas para serem mais interessantes aos olhos dos sujeitos participantes.

d) Tempo estimado para a realização da atividade?

As atividades poderiam ocorrer em outubro no Dia Internacional da Não violência³⁰. As atividades devem abordar respeito às diferenças, tolerância, solidariedade. Por se tratar de um dia anualmente, as discussões sobre os valores ligados à educação para a paz devem, mesmo que sucintamente, serem trabalhados nos outros dias do ano letivo, pelo menos com os alunos.

³⁰<https://news.un.org/pt/tags/dia-internacional-da-nao-violencia>

Proposta 5

Ação educativa voltada aos estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental

a) Quem são os responsáveis pela ação educativa?

Ação a ser executada por docentes

b) Qual o objetivo dessa ação?

Abordar o tema violência e suas consequências, enfatizando os elementos necessários para trabalhar a educação para a paz na escola.

c) Como seria realizada essa ação?

Através de atividade teatral, em que um grupo encenasse tipos de violência, preferencialmente o *bullying*, a fim de conscientizar sobre os efeitos negativos desta e de outras formas de violência, já que enfatiza o respeito e a solidariedade pertinentes a todo ser humano, sendo muito relevante para o convívio em sociedade. A busca de um trabalho com o teatro favorece a transformação social e afetiva, pois valoriza as histórias de vida, buscando uma autocrítica para que os alunos cheguem à conclusão de que devem criticar a si mesmos, gerando com isso uma mudança.

d) Tempo estimado para a realização da atividade?

Fica a cargo dos docentes que forem organizar a atividade, a qual, talvez, possa ter a função avaliativa. O tempo destas atividades pode levar meses, já que precisa de planejamento e organização

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ações de conscientização e o trabalho voltado à educação para paz, abrangendo empatia, tolerância e respeito às diferenças, devem ser constantes no cotidiano escolar. Por mais difícil que seja perceber o *bullying*, deve-se ter um olhar diferenciado para a violência cotidiana, persistente, as "brincadeiras próprias da idade". A escola sofre com vários tipos de violência, no primeiro momento a direção entendeu que ocorria alguns casos de *bullying* por ano, porém no decorrer do curso de extensão ficou mais aparente a dificuldade dos profissionais em identificar esta forma de violência.,

A dificuldade em perceber as agressões se dá, pois ocorrem longe do olhar dos adultos, nos espaços comuns como recreio, entrada ou saída da escola, a vítima também não conta sobre as agressões que sofre, assim como os espectadores, os quais não contam a ninguém por medo de serem os próximos. Além do mais é uma violência "mascarada", ou seja, quando é *bullying*? Quando é apenas um desentendimento passageiro?

A informação sobre esta forma de agressão precisa ser ampliada para a família, comunidade e até mesmo dentro do próprio círculo escolar. Por isso, falar sobre o tema sempre que possível através de palestras, por exemplo, pode ser uma forma de conhecer o "fenômeno". O diálogo é imprescindível em qualquer caso de violência. Punir o agressor, vitimizar cada vez mais aquele que sofre *bullying* não é o caminho para o sucesso na redução da violência.

O diálogo, logo que percebida a violência, tanto com agressor quanto com a vítima poderá conscientizar os envolvidos, além de entender o motivo das agressões, isto é, mesmo o *bullying* sendo uma violência injustificada, poderá o agressor reproduzir na escola o que vivencia em outros locais como na família, na rua. Trabalhar valores que aproximem e conscientizem os sujeitos se faz necessário para alterar o comportamento violento em prol de uma cultura de paz.

Durante a intervenção houve muitas trocas de conhecimento, as experiências trazidas pelos profissionais da escola, assim como pelos palestrantes, enriqueceram o curso, as trocas propiciaram um crescimento a todos. Quando se tratou do conceito de violência várias foram as contribuições da violência de uma forma geral, não apenas na escola. Muitos externaram também suas angústias e insatisfações

com as condições educacionais no país, foi com certeza um momento de aprendizado.

Em muitos momentos pareceu que os profissionais estavam desesperançosos, porém mostravam-se imbatíveis em sua luta por uma educação melhor. Classificaram os encontros como uma terapia, já que podiam expor suas atribuições profissionais e pessoais. Talvez houvesse uma certa resistência em criar propostas para trabalhar a educação para a paz na escola, pois entendiam que isso implicaria em mais tarefas, algo que seria exaustivo. Mas mostravam-se dispostos a capacitarem-se e a trabalharem na resolução dos conflitos surgidos no âmbito escolar.

O objetivo da pesquisa era analisar a elaboração de estratégias de enfrentamento do bullying, inserindo a educação para paz em uma escola pública do município de Guaíba/RS, sendo os objetivos específicos: Elucidar os conceitos relacionados ao *bullying*, violência, não violência e cultura de paz; Analisar as situações de *bullying* no ambiente escolar; Propor ações para enfrentar esta violência, através da Educação para a paz. Durante a intervenção foi possível avaliar que as situações de *bullying* na escola podem ser em número maior do que o percebido pelos profissionais, já que o *bullying* é algo de difícil identificação.

Os conceitos foram trabalhados, discutidos e retomados durante os encontros, possibilitando um olhar mais aprofundado sobre estes. Foi proposto a elaboração de estratégias para o enfrentamento do *bullying* através da educação para a paz. Uma das propostas trazida pelos participantes foi tentar ações que levassem as famílias para a escola, mostrando o quão importante seria a participação destes.

Desta forma, algumas propostas que contribuíssem para o chamamento das famílias na escola foram feitas, assim como aquelas que propiciassem trabalhar valores que contemplem a educação para a paz. Espera-se que a escola torne-se um espaço de convívio pacífico e consiga promover as ações que irão projetar a educação para a paz.

Através da análise de dados criou-se três categorias intituladas: bullying escolar: Uma violência silenciosa; Violência: Desrespeito e banalização da vida; Educar para a paz. O bullying, assim como violência apareceram em praticamente todos os encontros, através das falas dos participantes, em suas manifestações no chat. educar para a paz, foi trazida pelos palestrantes e tornou-se de suma

importância para traçar as estratégias de enfrentamento do bullying, a partir das propostas com atividades a serem enviadas à escola.

Buscar uma cultura de paz é um percurso longo e que precisa ser aos poucos trabalhado, inserindo uma educação para a paz , abrindo caminho para a redução da violência no âmbito escolar. Pensar a escola "segura" para as gerações futuras se faz necessário, promovendo e disseminando valores, atitudes e comportamentos que conduzam ao diálogo, a não violência e a cultura da tolerância e do respeito.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sergio. Crime e violência na sociedade brasileira contemporânea. **Jornal de Psicologia-PSI**, n.Abril/Jun, p.7-8,2002. Disponível em: <http://www.depen.pr.gov.br/arquivos/File/crimeeviolencianasociedadebrasileiracontemporanea.pdf>. Acesso em: 06 out.2021.

AIRES, Anderson. Outros dois suspeitos de morte de médica em Porto Alegre são presos. **Gaucha ZH**, Porto Alegre, 25,08,2016. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2016/08/outros-dois-suspeitos-de-morte-de-medica-em-porto-alegre-sao-presos-7331366.html>. Acesso em: 23 out. 2021.

ALVES, Schirlei. **As últimas horas de Marta Avelhaneda Gonçalves**: morta dentro da sala de aula. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticias/2017/07/as-ultimas-horas-de-marta-avelhaneda-goncalves-morta-dentro-da-sala-de-aula-cjeipawzt00me01r4fbe0bd1t.html>. Acesso em: 28 jul.2021

American Academy of child & Adolescent Psychiatry. Disponível em: https://www.aacap.org/aacap/Families_and_Youth/Resource_Centers/Bullying_Resource_Center/Home.aspx. Acesso em: 22 set.2021.

ANDREASSA, Lúcio Flávio; ALENCAR, Silvia Pereira de. **A intervenção do professor frente ao bullying em sala de aula**. CONIC/SEMESP, 15º Congresso de Iniciação Científica, FACULDADE DE AURIFLAMA, 2015. Disponível em: <http://conic-semesp.org.br/anais/files/2015/trabalho-1000020778.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2021.

ANDRÉ, Marli; GATTI, Bernardete A. **Métodos Qualitativos de Pesquisa em Educação no Brasil**: origens e evolução. Disponível em: <http://ufffs.edu.br/pastas-ocultas/bd/pro-reitoria-de-pesquisa-e-pos-graduacao/repositorio-de-arquivo/arquivos-do-programa-de-formacao/modulo-vii-pesquisa-qualitativa-parte-ii@@download/file>. Acesso em: 19 out. 2020.

ANTUNES, Deborah Christina; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Do bullying ao preconceito**: os desafios da barbárie à educação. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/zqHCbb9MvDmKpg8HkRlPBXK/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 24 jul.2021.

Após perder filho por causa do bullying, mãe lê mensagem que fez garoto se matar. **PORTAL Geledés**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/apos-perder-filho-por-causa-do-bullying-mae-le-mensagem-que-fez-garoto-se-matar/> Acesso em: 20 jul.2021

ARAÚJO, Cátia Rosana Lemos de; MARQUES, Dilva Carvalho. **Manual de Normatização de Trabalhos Acadêmicos**: conforme Normas da ABNT. Bagé, 2019. Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/sisbi/files/2019/05/manual-de-normatizacao-de-trabalhos-academicos-5-ed-2019-1305.pdf>. Acesso em: 01 out. 2021.

ARRUDA, Aparecida Luvizotto Medina Martins; ESTEVE, Crislaine Elza Aparecida. **Bullying**: quando a brincadeira fica seria, causas e consequências. Revista Eletrônica Saberes da Educação, V. 5, nº 1, 2014. Disponível em: http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Crislaine.pdf. acesso em: 17 out.2020.

AZEVEDO, Amanda Maria. Obra de arte que traz os desdobramentos do bombardeio sofrido na cidade de Guernica. **Educa mais Brasil**, 13 maio. 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/guernica>. Acesso em: 29 set. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Livraria Martins Fontes, 1977.

BARROSO, Milena Fernandes. Violência estrutural: mediações entre “o matar e o morrer por conta” **Revista Katálysis** v. 24, n. 2, May-Aug 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/NjdC6hTRLjTDqvmPzHsQbYy/>. Acesso em: 23 out. 2021.

BATTISTI, Don Anuar. **O que é a não violência?**. Brasília, DF, 26 fev. 2018. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/o-que-e-a-nao-violencia/>. Acesso em: 05 abr.2021.

BBC NEWS. **Frases de Mandela que marcaram o mundo**. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/12/131205_mandela_frases_mm. Acesso em: 05 abr.2021.

BERNARDO, André. Massacre de Realengo: os 10 anos do ataque a escola que deixou 12 mortos e chocou o Brasil. **BBC Brasil**, Rio de Janeiro, 06,04,2021 Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56657419>. Acesso em: 03 out.2021.

BEZERRA, Viviane Alves dos Santos. O papel da empatia na convivência social e respeito às diferenças: superando o viés empático de familiaridade. **Editora Realize**. 10 dez. 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/72534>. Acesso em: 04 out.2021.

BIS, Keila. **Gandhi, Martin Luther King e Nelson Mandela**: eles lutaram pela Paz. 2013. Disponível em: <https://casa.abril.com.br/bem-estar/gandhi-martin-luther-king-e-nelson-mandela-eles-lutaram-pela-paz/>. Acesso em: 03 abr.2021.

BORON, Atílio. **Marx está mais vivo e atual do que nunca**. Instituto Humanistas Unisinos, mar. 2012. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/507558-marx-esta-mais-vivo-e-atual-do-que-nunca>. Acesso em: 08 dez. 2021.

BRASIL. **Lei Nº 13.185 de 06 de novembro de 2015**. Institui o Programa de Combate à intimidação Sistemática (Bullying). Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm. Acesso em: 18.set.2020.

BRASIL. **Lei nº 13.663 de 14 de maio de 2018.** Altera o art. 12 da Lei nº 9.394. Brasília, DF: Presidência da República, 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13663.htm#:~:text=Altera%20o%20art.,incumb%3%AAncias%20dos%20estabelecimentos%20de%20ensino. Acesso em: 30 out.2020.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 30 out.2020.

BRASIL. **Lei nº 13.277 de 07 de abril de 2016.** Institui o dia 7 de abril como o Dia Nacional de Combate ao Bullying e à Violência na Escola. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/L13277.htm. Acesso em: 30.out.2020.

BRASIL [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituição/Constituição.htm. Acesso em: 20 jul. 2021.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266. Acesso em: 15 jul. 2021.

BRAUN, Julia. **Martin Luther King: a trajetória do homem que mudou os EUA para sempre.** **Revista Veja**. 04 abr. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/martin-luther-king-a-trajetoria-do-homem-que-mudou-os-eua-para-empres/>. Acesso em: 01 set. 2021.

BUTLER, Judith. [Entrevista concedida a] Donatella Di Cesari. set. 2020. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2020/09/29/em-luta-pela-nao-violencia-entrevista-com-judith-butler>. Acesso em: 07 dez. 2021.

CÂMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 6, n. 2, p.179-191, jul/dez. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>. Acesso em: 28 set.2021.

CAMPOS, Fernanda. Guaíba e o 20 de setembro: uma cidade marcada pela história. **Guaíba on line**, Guaíba, 14, 05, 2021. Disponível em: <https://www.guaiba.online/social/guaiba-e-o-20-de-setembro-uma-cidade-marcada-pela-historia>. Acesso em: 23 out. 2021.

CARDOSO, Marcio Adriano. **Paz e Violência na Escola: vozes, ecos e silêncios.** São Leopoldo, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/4605/02d.pdf?sequence=1>. Acesso em: 21 set.2021.

CARDOSO, Marcio Adriano; SILVA, Karine Quadros da. Paulo Freire: um referencial para a cultura de paz. **Revista Praksis**, Ano X, v. 2, ago. 2013. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraksis/article/view/755>. Acesso em 24 set.2021.

CARTA POR UM MUNDO SEM VIOLÊNCIA: A violência é uma doença passível de prevenção. Tradução Tônia Van Acker. Disponível em: <http://www.comitepaz.org.br/download/carta%20por%20um%20mundo%20sem%20viol%C3%Aancia.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2021.

CARVALHO, Diana. Nelson Mandela: tudo sobre o líder sul-africano. **Uol**, São Paulo. 18/07/2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/faq/nelson-mandela-quem-foi-onde-nasceu-quando-foi-presos-e-outras-duvidas.htm>. Acesso em: 24 out. 2021.

CASTILHOS, Araripe. Vítima de outro ataque relembra tragédia. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 10 abr. 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1004201111.htm>. Acesso em: 09 fev.2021.

CASTRO, Lana Weruska Silva. O atirador de Realengo. **Canal Ciencia Criminais**. Disponível em: <https://canalcienciascriminais.jusbrasil.com.br/artigos/579821221/o-atirador-de-realengo>. Acesso em: 09 fev.2021.

8 anos após a morte de Amanda Todd, sua mãe fala em um novo documentário de cyberbullying. **CBC NEWS**. Toronto, Canadá, 10 out. 2020. Disponível em: <https://www.cbc.ca/news/canada/british-columbia/cyberbullying-documentary-todd-1.5757137>. Acesso em: 20 jul.2021.

CERIONI, Clara. Quem foi Chico Mendes e por que seu legado ainda faz diferença hoje. **Exame**. 07 mar. 2019. Disponível em: <https://exame.com/brasil/a-resistencia-dos-seringueiros-conheca-a-historia-de-chico-mendes/> Acesso em: 24 ago. 2021.

CERQUEIRA, Daniel. et. al. Atlas da violência. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>. Acesso em: 10 set. 2021.

COELHO, Elza B. Salema; LINDNER, Sheila Rubia; SILVA, Anne Caroline Luz G. da **Violência: Definições e Tipologias**. Florianópolis, 2014. Disponível em: https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/1862/1/Definicoes_Tipologias.pdf. Acesso em 22 jan.2021.

COFFI, Maria Fernanda de Avila; MENDONÇA, Renan Alves; OLIVEIRA, Simone Barros de. Comunicação Não Violenta, Direitos Humanos e Cultura de Paz em interfaces. **Revista Ciências Humanas e Sociais**, v. 6 n. 3, ed. especial, 2020.

Columbine: o massacre que apresentou o Bullying ao mundo. Disponível em: <http://canalcienciascriminais.jusbrasil.com.br/artigos/521659037/columbine-o-massacre-que-apresentou-o-bullying-ao-mundo>. Acesso em: 03 out.2021.

COMITÊ PAULISTA PARA DÉCADA DA CULTURA DE PAZ. Um programa da UNESCO2001 - 2010. **Programa do Século XXI pela Paz e Justiça**. Disponível em: http://www.comitepaz.org.br/haia_1.htm. Acesso em: 03 set.2021.

CORDEIRO, Tiago. Mulheres que mudaram a história: Rosa Parks. **Super Interessante**, 6 mar. 2018. Disponível em: <http://super.abril.com.br/mundo-estranho/mulheres-que-mudaram-a-historia-rosa-parks/> Acesso em: 25 ago.2021.

CORTELLA, Mário Sergio. Paulo Freire: um pensamento clássico e atual. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v.7, n.3,dez. 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/download/7590/5542/18570>. Acesso em: 25 set.2021.

COSTA, Mariana; Tácio, LORRAN. **Tiode garota indígena estuprada e assassinada aparece morto na prisão**. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/tio-de-garota-indigena-estuprada-e-assassinada-aparece-morto-na-prisao>. Acesso em: 30 ago.2021.

Cultura de paz no Brasil. Disponível em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/culture-peace>. Acesso em: 25 set.2021.

CUNHA, Victor Lisboa da. Reflexões acerca da aplicação dos Círculos de Cultura de Paulo Freire com educandos do ensino fundamental. *In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS*, 18., 2016, São Luiz, MA. Disponível em: [http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1468278042_ARQUIVO_Artigorefl exivoENG2016\(1\).pdf](http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1468278042_ARQUIVO_Artigorefl exivoENG2016(1).pdf). Acesso em: 15 fev.2021.

DEATS, Richards. **Não-Violência Ativa**: um modo de vida. Disponível em: http://comitepaz.org.br/nv_ativa_1.htm. Acesso em: 29 jan. 2021.

DEBARBIEUX, Eric. [Entrevista concedida a] Lúcia Müzel. **Nova escola**, dez. 2011. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/893/eric-debarbieux-fala-sobre-o-combate-ao-bullying>. Acesso em: 07 jan.2020.

DELLORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a ser descoberto. Disponível em: <http://www.comitepaz.org.br/dellors.htm>. acesso em 25 set.2021.

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; NETO, Otavio Cruz; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

DIAZ Y GARCIA-TALAVERA, Miguel. Dicionário Santillana para estudantes: espanhol-português, português-espanhol - 4. ed. - São Paulo: Moderna, 2014.

DUPRET, Leila. Cultura de paz e ações sócio-educativas: desafios para a escola contemporânea. **Psicologia Escolar e Educacional**, 21 dez. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572002000100013&script=sci_arttext. Acesso em: 01.nov.2020.

Escolas pública e particulares de Guaíba/RS. Disponível em: <https://www://escolas>.

inf.br/rs/guaiba/29. Acesso em: 06 dez.2021.

FACKIN, Rosimari. **A cultura de paz na concepção de educadores de escolas da rede pública estadual de Curitiba**, 2005. 97p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/26846>. Acesso em: 10 set.2021.

FANTE, Cleo. Bullying Escolar: a prevenção começa pelo conhecimento. **Jornal Jovem**, n. 11, set. 2008. Disponível em: <http://www.jornaljovem.com.br/edicao11/convidado02.php>. Acesso em: 27out.2020.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 8. ed.Campinas, SP: Verus Editora, 2018.

FERNÁNDEZ, Sebastián Sánchez. *et.al.* **La Cultura de Paz y Conflictos**: implicaciones socioeducativas. 2019. Disponível em: <http://investigaciones.uniatlanticoco.edu.co/revistas/index.php/Collectivus/article/view/2191>. Acesso em: 22 set.2021.

FERRARI, Wallaci. Há exatos 21 anos, ocorria o brutal massacre de Columbine, nos EUA. *Aventuras na História*,20,04,2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/ha-exatos-21-anos-acontecia-o-brutal-massacre-de-columbine-nos-eua.phtml>. Acesso em: 22 ago.2021.

FORMIGA, Nilton; SOUZA, Marcos A. **Tipo de orientação cultural e empatia em brasileiros**: verificação de um modelo teórico. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**. Londrina, v. 3, n. 2, p. 139-161, dez. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v3n2/a02.pdf>. Acesso em: 24 set.2021.

FRANCISCO, Marcos Vinicius. **Percepções e Formas de Enfrentamento de Adolescentes Frente ao Bullying**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista, 2010

FRAZÃO, Dilva. **Malala Yousafzai**: Militante dos direitos das crianças. 25 ago. 2021 Disponível em:<https://www.ebiografia.com/malala/> Acesso em: 25 ago.2021.

FRAZÃO, Dilva. **Zilda Arns**: Médica brasileira.19 jun. 2019. Disponível em: https://www.ebiografia.com/zilda_arns/. Acesso em: 26 ago.2021.

FRAZÃO, Dilva. **Chico Mendes**: Sindicalista brasileiro. 15 dez. 2020. Disponível em: https://www.ebiografia.com/chico_mendes/ Acesso em: 19 ago.2021.

FRAZÃO, Dilva. **Mahatma Gandhi**: Líder pacifista indiano. 08 maio. 2020. Disponível em: https://www.ebiografia.com/mahatma_gandhi. Acesso em 15 ago. 2021.

FRAZÃO, Dilva. **Martin Luther King**: Ativista norte-americano. 27 jan. 2021. Disponível em: https://www.ebiografia.com/martin_luther_king. 15 ago. 2021.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Educação para a paz segundo Paulo Freire. **Revista Eletrônica PUC/RS** ano XXIX, n. 2 (59), p. 387 – 393, Maio/Ago. 2006.Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/449/Acesso>

em: 24 set.2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**: saberes necessários à prática educativa. 71. Ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREITAS, Luciano dos. Bullying: Programa de Prevenção da Violência entre Alunos no Ambiente Educacional **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. Belo Horizonte, 12 a 15 de setembro de 2004. Disponível em: <https://www.ufmg.br/congrent/Educa/educa41.pdf>. Acesso em 25 jul. 2021.

FUK, Rebeca. **A biografia dos 10 ativistas que mudaram o mundo**. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/ativistas/>. Acesso em: 30 ago. 2021.

GAMA, Karina Miranda da. **Martin Luther King**: um ícone da luta por igualdade e paz. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/?p=9934>. Acesso em: 08 dez. 2021.

GARCIA, Maria Fernanda. Ela foi assassinada por dedicar a sua vida a salvar a floresta e o seu povo. **Observatório do Terceiro Setor**, São Paulo, 02,01,2019. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/ela-foi-assassinada-por-dedicar-sua-vida-a-salvar-a-floresta-e-seu-povo/> Acesso em: 28 set. 2021.

GASPARIAN, Maria Cecília Castro. **A interdisciplinariedade como metodologia para a educação para a paz**. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp060268.pdf>

GAVILLON, PótiQuartiero; KROEF, Renata Fischer da Silveira; RAMM, Laís Vargas. Diário de campo e a relação do(a) pesquisador(a) com o campo: tema na pesquisa-intervenção. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Porto Alegre, v. 02, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/52579/34210>. Acesso em: 15 fev.2021.

GERHARDT, LUIZA MARIA. À paz perpétua, de Immanuel Kant. **Educação**, Porto Alegre, RS, ano 28, n. 1 (55), p. 143 - 154, Jan./Abr. 2005. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/407/304/0>. Acesso em: 03 set.2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar um Projeto de Pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GISI, Maria Lourdes; VAZ, Fabiana Andrea Barbosa; VALTER, Cristina Crescêncio Nabosne. **BULLYING: UM DESAFIO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES**. IX

ANPED Sul, Seminário de Pesquisa em Educação na Região Sul, 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2268/478>. Acesso em: 07 dez. 2021.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais**. **Revista de Administração de Empresas** V.35, n 3, jun. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acesso em 20.out.2020.

HAMMES, Lúcio Jorge; JÚNIOR, Eduardo Garralaga Melgar; Bento SELAU. Círculos de Aprendizagem: Internet e o Trabalho Colaborativo. V.35, n. 2 (2014). Disponível em: <http://www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/777/767>. Acesso em: 13 fev.2021

HAMMES, Itamar Luís; HAMMES, Lúcio Jorge; ROLAN, Lis Rejane Martins. A resolução de conflitos e a educação para a paz. RELACult – **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad | Latin American Journal of Studies in Culture and Society** V. 05, ed. especial, abr., 2019.

HOLLAENDER, Arnon; VARELLA, Vidal. **The landmark dictionary**: para estudantes brasileiros de inglês: English/Portuguese/Portuguese/English - 5.ed. - São Paulo: Moderna, 2014.

HORNBLAS, David Sergio. **Bullying na escola**: Como as crianças lidam e regem diante de apelidos pejorativos. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/guaiba/historico>. Acesso em: 08 set.2021.

ILHA, Flávio. Jovem comete suicídio depois de ter fotos íntimas vazadas na internet. **O Globo**. 20 nov. 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/jovem-comete-suicidio-depois-de-ter-fotos-intimas-vazadas-na-internet-10831415>. Acesso em: 31 ago.2021.

Infopédia Dicionários Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/siglas-abreviaturas/> Acesso em: 04 set.2021.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE). Casa Gomes Jardim. Disponível em: <http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=14815>. Acesso em: 08 set.2021.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE). Matadouro São Geraldo. Disponível em: <http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=43102>. Acesso em: 24 out.2021.

JARES, Xesús R. Trad. Fátima Murad. **Educação para a Paz**: Sua teoria e sua prática - 2ª ed. rev. ampl. - Porto Alegre: Artmed, 2002.

JORGE, Joaquim; PROENÇA, Maria Carla. **Círculos de Aprendizagem**. 15 abr. 2014. Disponível em: http://www.cidadesglocais.org/ficheiros/file/20140415_form_ci_raprendizagem_site.pdf. Acesso em: 15 fev.2021.

KANT, Immanuel. **A paz perpétua e outros opúsculos**. disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9789724418032/pageid/10>. Acesso em: 10 set.2021.

KEMER, Thaíse; PEREIRA, Alexsandro Eugenio; BLANCO, Ramon. A construção da paz em um mundo em transformação: o debate e a crítica sobre o conceito de peacebuilding. **Revista Sociologia e Política**, v. 24, n. 60, p. 137-150, dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GJz4dPMSMVtTpb7vpHvZXKz/?forma=t=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 dez. 2021.

KOBUS, Bruna; WURMEISTER, Fabiula. **Aluno armado atira e fere dois colegas em colégio de Medianeira**; VÍDEO: Tiroteio em escola foi registrado na manhã desta sexta-feira (28); à polícia, suspeito disse que vinha sofrendo bullying. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2018/09/28/aluno-atira-em-colegas-de-colegio-em-medianeira.ghtml>. Acesso em: 09 fev.2021.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo : Atlas, 2003.

LEDUR, Paulo. Mulher é morta por assaltante em frente escola do filho em Porto Alegre. **G1**. Porto Alegre, 26 ago. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/hora1/noticia/2016/08/mulher-e-morta-por-assaltante-em-frente-escola-do-filho-em-porto-alegre.html>. Acesso em: 30 ago.2021.

LEMONS, Marcela. Juíza é morta a facadas pelo ex-marido na frente das filhas no RJ, **UOL**. Rio de Janeiro, 25 dez. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/12/25/juiza-e-morta-a-facadas-pelo-ex-marido-na-frente-das-filhas-no-rj.htm>. Acesso em: 30 set.2021.

LIEDMANN, Felipe. Operação prende três suspeitos do assassinato de Lindolfo Kosmamki. **DCmais**, Paraná, 08,05, 2021. Disponível em: <https://dcmias.com.br/parana/operacao-prende-tres-suspeitos-do-assassinato-de-lindolfo-kosmaski/>Acesso em: 24 out. 2021

LIMA, Keit. Falar de gordofobia é falar de discriminação e perda de direitos! **Portal Geledés**. 11 set. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/falar-de-gordofobia-e-falar-de-discriminacao-e-perda-de-direitos/> Acesso em: 23 jul.2021.

LIMA, Wesley. Quatro meses de impunidade marcam assassinato de jovem camponês LGBTQIA+. **Brasil de Fato**, Curitiba, 01.09.2021. Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/2021/09/01/quatro-meses-de-impunidade-marcam-assassinato-de-jovem-campo>. Acesso em: 24 out. 2021.

LIRA, Adriana. Violência, paz e direitos humanos: chamada à ação. **SciELO Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, 24 jun. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742014000100016. Cad.Pesqui. vol.4

4 no.151São Paulo Jan./Mar. 2014. Acesso em: 22 mar.2021.

LIVIERO, Giovanna. **Nelson Mandela**: símbolo na luta contra a segregação racial, faria 102 anos neste sábado (18), jul. 2020. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/noticias/10133_nelson-mandela-simbolo-na-luta-contra-a-segregacao-racial-faria-102-anos-neste-sabado-18.html. Acesso em: 08 dez. 2021.

LOPES NETO, Aramis A. Bullying: Comportamento Agressivo entre Estudante. **Jornal da Pediatria**, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>. Acesso em: 29.jan.2021.

LOUREIRO, Gabriela. Gordofobia: por que esse preconceito é mais grave do que você pensa. *Revista Galileu*, 03 maio. 2017. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2017/05/gordofobia-por-que-esse-preconceito-e-mais-grave-do-que-voce-pensa.html>. Acesso em: 29 jul. 2021.

LOURENÇO, Luana. Estudantes mortos em ataque a tiros em Goiânia serão enterrados neste sábado. **JUS BRASIL**. Disponível em: <http://agencia-brasil.jusbrasil.com.br/noticias/511639867/estudantes-mortos-em-ataque-a-tiros-em-goiania-serao-enterrados-neste-sabado>. Acesso em 18 ago.2021.

MACHADO, Leandro;IDOETA, Paula Adamo. Brasil duplica armas registradas em um ano, e mortes violentas crescem na pandemia. **BBC NEWS**, 15 jul. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57844477>. Acesso em: 08 out.2021.

MACHADO, Maria Margarida. [Entrevista concedida a] **ANDES - SN**, 2018. Disponível em: <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/100-anos-de-paulo-freire-patrono-da-educacao-brasileira>. Acesso em: 8 dez. 2021.

Manifesto 2000: Por Uma Cultura de Paz e Não-Violência. **USP**. São Paulo. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/UNESCO-Organiza%C3%A7%C3%A3o-das-Na%C3%A7%C3%B5es-Unidas-para-a-Educa%C3%A7%C3%A3o-Ci%C3%Aancia-e-Cultura/manifesto-em-defesa-da-paz-2000.html>. Acesso em: 30 set. 2021.

MANZINI, Raquel Gomes Pinto. **Bullying no contexto escolar**: Prevenção da violência e promoção da Cultura da Paz na perspectiva de adultos e crianças. Tese (Doutorado em Psicologia) Universidade de Brasília. Brasília, 2013. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13897/1/2013_RaquelGomesPintoManzini.pdf. Acesso em: 20 jan.2021.

MARASCIULO, MARILIA. Quem foi Chico Mendes e qual seu legado para a proteção da Amazônia. **Revista Galileu**, 15 dez. 2020. Disponível em: <https://revista.galileu.globo.com/Ciencia/Meio-Ambiente/noticia/2020/12/quem-foi-chico-mendes-e-qual-o-seu-legado-para-protacao-da-amazonia.html>. Acesso em: 30 jul.2021.

MARROCHE, Cristiane Cardozo. **Cultura de paz e ações sócio-educativas**: dados e estudo sobre os desafios para a escola contemporânea. Projeto de Intervenção

(Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Federal do Pampa. Programa de Pós-Graduação em Educação, Jaguarão, 2018.

MARROCHE, Cristiane Cardozo. **Desafios para resolução de conflitos na educação infantil**. Relatório Crítico-Reflexivo (Mestrado Profissional em Educação)- Universidade Federal do Pampa. Programa de Pós-Graduação em Educação, Jaguarão, 2019.

MARTINS, Jomar. Pais de aluna morta por colega na escola serão indenizados pelo Estado do RS. **Conjur**, 12 maio. 2020. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2020-mai-12/rs-indenizara-pais-aluna-morta-colega-escola>. Acesso em: 18 ago.2021.

MEDEIROS, Suellen Ribeiro. **Educação para a Paz: Resolução de Conflitos no ambiente escolar**. Relatório Crítico-Reflexivo- (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Federal do Pampa. Programa de Pós-Graduação em Educação, Jaguarão, 2021.

MENDES, Marco Antônio Apolinário; SANTOS, Dulce Pereira dos. Uma reflexão da visão de Djamila Ribeiro e Sílvio de Almeida sobre o racismo. **Revista Ciranda**, v.5, n.3, p 329 - 333. Montes Claros, 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/ciranda/article/view/4547/4646>. Acesso em: 05 out.2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006

MODENA, Maria Regina (Org.). **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul, RS: Educus, 2016. Acesso em: 29 ago. 2021.

MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf. Acesso em: 25 jan.2021.

MORETTO, Julia. Após pais não lerem mensagem de socorro a tempo, filho comete o suicídio. **Jornal Ciência**. Disponível em: <https://www.jornalciencia.com/apos-pais-nao-lerem-mensagem-de-socorro-a-tempo-filho-comete-o-suicidio/> Acesso em: 21 jul .2021.

Morre médica baleada durante assalto na Zona Norte de Porto Alegre. **G1**, 15 ago. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/08/morre-medica-baleada-durante-assalto-na-zona-norte-de-porto-alegre.html>. Acesso em: 30 ago. 2021

MÜZELL, Lúcia. Eric Debarbieux fala sobre o combate ao bullying. 2011. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/893/eric-debarbieux-fala-sobre-o-combate-ao-bullying>. Acesso em: 30.out.2020.

NASCIMENTO, Adriano do; SALLES FILHO, Nei Alberto. **A CONSTRUÇÃO DA CULTURA DE PAZ NA ESCOLA: Pedagogia da convivência em educação**, 2013. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca>

/producoes_pde/2013/2013_uepg_ped_artigo_adriano_do_nascimento.pdf. Acesso em: 08 out.2021.

NASCIMENTO, Verônica Salgueiro do. **A promoção da Cultura de Paz nas escolas**: A ótica das juventudes, 2009. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) - Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2009. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3272/1/2009_Tese_VSNASCIMENTO.pdf. Acesso em: 05 out.2021.

NASCIMENTO, Elizangela Lima do; CASTRO, Livia Maria Duarte de; MATOS, Kelma Socorro Lopes de Matos. **Cultura de paz e o desenvolvimento de práticas necessárias a educação do futuro**: experiências formativas com educadores. Disponível em: http://uece.br/eventos/spcp/anais/trabalhos_completos/247-38478-15032016-171153.pdf. Acesso em: 11 out. 2021.

NODARI, Paulo César; CESCÓN, Everaldo. Educação para a paz e para a não-violência. in: V CONGRESSO DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO, 5., 2010, Caxias do Sul. Anais [...]. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2010. p. 01 - 10. Disponível em: https://www.uces.br/ucs/eventos/cinfe/artigos/arquivos/eixo_tematico2/Educacao%20para%20a%20paz%20e%20a%20nao-violencia.pdf. Acesso em: 02 set.2021.

NOLETO, Marlova Jovchelovitch. **Abrindo espaços**: educação e cultura para a paz. 4.ed. rev. 109p – Brasília : UNESCO, Fundação Vale, 2008. Disponível em: <http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/178532por.pdf>. Acesso em: 03 out. 2021.

NOLETO, Marlova Jovchelovitch. al. **Cultura de Paz**: da reflexão à ação - balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo. Tradução Inês Polegato. Brasília: UNESCO; São Paulo: Associação Palas Athena, 2010. 256p. Disponível em: https://juridica.mppr.mp.br/arquivos/File/MPRestaurativoEACulturadePaz/Material_de_Apoio/Cultura_de_Paz_da_Acao_a_Reflexao.pdf . Acesso em: 30 set.2021.

Oito anos após a morte de Amanda Todd, sua mãe fala em um novo documentário de cyberbullying. **CBC News**. 10 out. 2020. Disponível em: <https://www.cbc.ca/news/canada/british-columbia/cyberbullying-documentary-todd-1.5757137>. Acesso em: 25 ago.2021.

OLIVEIRA, Camila Anjos de et.al. **Direitos Humanos**: Cidadania e Cultura de Paz na Minimização da Violência Escolar. CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, XI., 2013, Curitiba. Anais[...]. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013. p. 28201-28215. Disponível em: http://educare.bruc.com.br/CD2013/pdf/8343_5816.pdf. Acesso em: 25 ago.2021.

OLIVEIRA, Dennis. 50 anos morte de Martin Luther King. **Jornal da USP**. São Paulo, 04 abr.2018.Disponível em: <http://jornal.usp.br/artigos/50-anos-da-morte-de-martin-luther-king-jr/2018>. Acesso em: 31 ago.2021.

OLIVEIRA, Greyce. Quadro de Picasso “Massacre na Coreia” é exibido pela primeira vez em Seul. Revista Koreain. 08 abr.2021. Disponível em: <http://revistakoreain.com.br/2021/04/quadro-de-picasso-massacre-na-coreia-e-exibido-pela-primeira-vez-em-seul/>Acesso em: 29 set. 2021.

OLWEUS, Dan. Agression in the schols: bulies and whipping boys. Washington, 1978.

O que são direitos humanos?Os direitos humanos pertencem a todos e todas e a cada um de nós igualmente. UNICEF. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/o-que-sao-direitos-humanos>. Acesso em: 31 ago.2021.

OTTO, Isabella. O suicídio da adolescente Dielly Santos e o falso body positivity. **Capricho**. 12 ago. 2019. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/o-suicidio-da-adolescente-dielly-santos-e-o-falso-body-positivity/> Acesso em: 28 jul.2021.

Padre Julio Lancellotti vence prêmio Zilda Arns de Direitos Humanos.**G1**. São Paulo, 18 ago. 2021. Disponível em:<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/08/18/padre-julio-lancellotti-vence-premio-zilda-arns-de-direitos-humanos>. Acesso em: 01 set.2021.

PATOU-MATHIS, Marylène.As origens da violência, 2020. Disponível em: <http://pt.unesco.org/courier/2020-1/origens-da-violencia>. Acesso em: 27 set.2021.

PAVIANI, Jayme. Conceitos e formas de violência [recurso eletrônico]: / org. Maura Regina Modena. – Caxias do Sul, RS: Educus, 2016. Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-conceitos-formas_2.pdf. Acesso em: 30 ago.2021.

PENAS, Evelyn Cristina de Sousa; GERMANO,Idilva Maria Pires.**Dieta Para Emagrecer o Preconceito Contra Gordos**: Discursos Antigordofobia no YouTube.**Revista Polis e Psique**, v. 11, n.1, p.45 - 64. Fortaleza, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/101071/60369>. Acesso em: 23 jul.2021.

PENSADOR. Frases de Martin Luther King. Disponível em: https://www.pensador.com/frases_de_martin_luther_king/ Acesso em: 05 abr.2021.

PEREIRA, Alfredo; CAMPOS, Jonas. Mulher é presa suspeita de matar o filho e jogar o corpo no rio Imbé. **G1**. 30 jul . 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticias/2021/07/30/mulher-e-presa-suspeita-de-matar-filho-e-jogar-corpo-no-rio-em-imbe.ghtml>. Acesso em: 25 ago.2021.

PEREIRA, José Carlos. **Resiliência**: Para lidar com pressões e situações adversas. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.

PEREIRA, Sônia Maria de Souza. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar** - São Paulo: Paulus, 2009.

PERFEITO, Rodrigo Silva et.al. **Caso Amanda Todd**: Uma oportunidade de refletir o cyberbullying na Escola. Educação Física em Revista - EFR 2015, v. 9, n. 1, p. 33-53 Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/download/5436/4549>. Acesso em: 25 jul.2001.

PIEIDADE, Fernando O; SANTANA, Selma P. de. Os círculos de Diálogos enquanto prática restaurativa de prevenção à violência. In: SEMINÁRIO NACIONAL: DEMANDAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, 13., 2017, Santa Cruz do Sul. Anais[...]. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2017. p 1-23. Disponível em: online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/snpp/article/view/16947. Acesso em: 21 jan.2021.

ROSIM, Mirivaldo Antonio; ZOEGA, Maria Teresa Silveira. **Violência nas Escolas**: O *bullying* como forma velada de violência. UNAR(ISSN 1982-4920), Araras, SP, v.3,n.1,p.13-19, 2009. Disponível em: http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/documentos/vol3_n1_2009/4_violencia_nas_escolas.pdf. Acesso em: 10 fev. 2021.

SALLES FILHO, Nei Alberto. **Paulo Freire e educação para a paz**: o mesmo sentido. CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 9, 2009. Curitiba. Anais[...]. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2009. p. 10279-10292. Disponível em: https://memoria.apps.uepg.br/nep/artigos/2936_1413artigos.pdf. Acesso em: 21 set.2021.

SALLES FILHO, Nei Alberto. Cultura de paz só se faz com uma Educação para a Paz. **Jornal da Manhã**, 13 abr. 2013. Disponível em: <https://salaaberta.com.br/opinia-o-cultura-de-paz-so-se-faz-com-uma-educacao-para-a-paz/>Acesso em: 04 out.2021.

SALLES FILHO, Nei Alberto. **Cultura de Paz e Educação para a Paz**: Olhares a partir da teoria da complexidade de Edgar Morin. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Ponta Grossa. Programa de Pós-Graduação em Educação, Ponta Grossa, 2016.

SANTOS, Maria Tereza. **O que a gordofobia causa na saúde**: e como enfrentá-la. **Veja Saúde**, 22 maio. 2020. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/bem-estar/gordofobia-causa-na-saude/>Acesso em: 21jul.2021.

SANTOS, Larissa Chaves de Sousa et. al. A cultura *bullying* na escola a partir do olhar das vítimas. **Revista Estudos & Pesquisa em Psicologia**, v. 13 n. 1,2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/7881/5715>. Acesso em: 11 out. 2021.

SAVIANI, Dermeval. O LEGADO DE KARL MARX PARA A EDUCAÇÃO. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 10, n. 1, p. 72-83, mai. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/download/26557/16020>. Acesso em: 08 dez. 2021.

SCHEFFNER, Fábio. Após discussão em trânsito, família é assassinada na Zona Sul de Porto Alegre. **Gaucha ZH**. Porto Alegre, 26 jan. 2020. Disponível em:<https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2020/01/apos-discussao-de-transi>

to-familia-e-assassinada-na-zona-sul-de-porto-alegre-ck5vfrwny0dj201qdsc3e40l0.html. acesso em: 30 ago.2021.

SELAU, Bento; HAMMES, Lúcio Jorge (orgs.). **Educação Inclusiva e Educação para a Paz: Relações possíveis**. São Luis/MA: EDUFMA, 2009, 112p.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: Mentas perigosas na Escola** - Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying:Cartilha 2010** - Projeto Justiça nas Escolas - Brasília, 2010. Disponível em: https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/cnj/cartilha_bullying.pdf. Acesso em: 30 set.2021.

SILVA, Nelson Pedro. **Ética, Indisciplina & violência na escola**. 5.ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SOUZA, Everton de. Como inserir o trabalho em equipe entre os professores, 22 out. 2018. Disponível em: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/2089/como-inserir-o-trabalho-em-equipe-entre-os-professores>. Acesso em: 12 set.2021.

SPIGLIATTI, Solange. Jovem é morto devido a suposto caso de bullying em Porto Alegre. **Estadão**, 13 maio. 2010. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,jovem-e-morto-devido-a-suposto-caso-de-bullying-em-porto-alegre,551178>. Acesso em: 29 jul.2021

SUDRÉ, Lu. Como estão as vítimas do massacre de Suzano, um ano após o ataque? Estudantes da Escola E. Raul Brasil falam ao Brasil de Fato sobre consequências psicológicas do episódio que causou 10 mortes. **Brasil de Fato** | São Paulo (SP) | 13 de Março de 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/03/13/como-estao-as-vitimas-do-massacre-de-suzano-um-ano-apos-o-ataque>. Acesso em 20 jan.2020.

TOPPO, Greg. A verdadeira história do massacre de Columbine. **USA Today**. Tradução George El Khouri Andolfato. 15 abr. 2009. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2009/04/15/a-verdadeira-historia-do-massacre-de-columbine.htm>? Acesso em: 03 out.2021.

TORRES, Claudia Regina de Oliveira Vaz; RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira. **Educação em Direitos Humanos: Princípios e Políticas Públicas**. **Revista de Direito**, n. 227, 2019. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/6057>. Acesso em 22 set.2021.

TRAVAIN, Luiz Antonio Loureiro. Programa do Século XXI pela Paz e Justiça. JUS, 07/2018. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/67909/programa-do-seculo-xxi-pela-paz-e-justica>. Acesso em: 25 out. 2021.

UNESCO: Educação sem violência. Disponível em:<https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/culture-peace>. Acesso em: 10 mar.2021.

UNITED NATIONS. International Day of Non-Violence October. Disponível em: <https://www.un.org/en/observances/non-violence-day>. Acesso em: 05 abr.2021.

VECHI, Adriana Duarte Kramer. **Bullying**: Perigo nas escolas. **Revista PGSS kroton**. Disponível em: <https://revista.pgsskroton.com/index.php/educ/article/view/1706/1631>. Acesso em: 15 mar.2021.

VERAS, Carlos. Paulo Freire vive. **Brasil de Fato**. Pernambuco, 23 set. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefatope.com.br/2021/09/23/paulo-freire-vive>. Acesso em 24 set.2021.

VILLAMARÍN, Alberto J.G Educação e Justiça versus Violência e Crime: Educação e justiça como principais instrumentos de combate à violência e à criminalidade, Porto Alegre: AGE Editora, 2002.

VILLELA, Flávia. Identificar distúrbios mentais na pré-escola pode evitar atos violentos e tragédias no futuro, diz especialista. Agência Brasil, 2011. Disponível em: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2011-04-16/identificar-disturbios-mentais-na-pre-escola-pode-evitar-atos-violentos-e-tragedias-no-futuro-diz-esp>. Acesso em: 03 out.2021.

WERTHEIN, Jorge. **Manifesto 2000**: por uma cultura de paz e não-violência. Manifesto da Unesco por uma cultura da paz EccoS Rev. Cient., UNINOVE, São Paulo: (v.2 n.2): 108-10. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/230/224>. Acesso em: 04 set.2021.

WEISSHEIMER, Marco. Jovem kaingang de 14 anos é morta e tem o corpo dilacerado na Terra Indígena do Guarita. Sul 21, 05 ago. 2021. Disponível em: sul21.com.br/noticias/geral/2021/08/jovem-kaingang-de-14-anos-e-morta-e-tem-o-corpo-dilacerado-na-terra-indigena-do-guarita/. Acesso em: 08 out.2021.

APÊNDICES

A - Entrevista Diagnóstica

I. Dados de Identificação

1. Nome: _____
2. Função: _____
3. Há quanto tempo exerce esta função? _____
4. Turno de trabalho: _____

II. Sobre a Escola

1. Identificação da escola em que atua: _____
2. Quantos alunos frequentam a escola? _____
3. Turnos de funcionamento: _____
4. Há atividades em turno inverso? _____
Se há, quais? _____
5. Há atividades no decorrer do ano que propicie a participação dos alunos? _____
Se há, quais? _____
6. Como é o entorno da escola? _____
7. Há policiamento na entrada e saída dos alunos? _____

III. Sobre o Bullying

1. O bullying tem sido um problema constante na escola? _____
2. Em que faixa etária o bullying é mais freqüente? _____
3. As situações de bullying são registradas em atas ou outro tipo de documento? _____
4. Qual a freqüência dos casos de bullying? _____
5. Há quanto tempo a escola tem ciência das ocorrências de bullying? _____
6. Qual o posicionamento das famílias em relação ao bullying?
7. Há comprometimento das famílias com as atividades promovidas pela escola? _____
8. Quais as providências têm sido tomadas em relação ao bullying? _____
9. Os procedimentos têm sido eficazes ou somente paliativos e pontuais? _____
10. Gostaria de partilhar algumas questões? _____

B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisadora: Silvia Diana de Lima Silva Orique
e-mail: silviaorique@yahoo.com.br telefone (51) 984203850.
Pesquisador Orientador: Lúcio Jorge Hammes/UNIPAMPA
luciojhammes@unipampa.edu.br / telefone (51)989476051.
Curso: Mestrado Profissional em Educação – Campus Jaguarão

A senhora está sendo convidada a participar, como voluntária, em uma pesquisa intitulada “**A incidência de bullying na Escola Estadual de Ensino Médio Professora Aglae Kehl**” - Guaíba/RS, que tem por objetivo fazer um diagnóstico da violência conhecida como bullying no âmbito escolar.

Por meio deste documento e a qualquer tempo a senhora poderá solicitar esclarecimentos adicionais sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar. Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem sofrer qualquer tipo de penalidade ou prejuízo.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra será arquivada pelo pesquisador responsável.

A colaboração da senhora se dará através de uma entrevista semiestruturada com abordagem qualitativa.

1. Neste instrumento constaram perguntas sobre o interesse e disponibilidade para participar de m curso de extensão universitária, bem como, temáticas sugeridas para estudos. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e seu orientador.

2. A pesquisa e a intervenção será realizada na Escola Estadual de Ensino Médio Professora Aglae Kehl - Guaíba/RS. A pesquisadora enviará o questionário via e-mail ou por outro meio tecnológico e aguardará o preenchimento e retorno deste pelo mesmo veículo.

Sua participação ajudará na construção de um espaço dialógico que se realizará no formato de oficinas virtuais - constituindo um curso de extensão universitária de 20 ou 40h.

Para participar deste estudo a senhora não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Os gastos necessários para sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores, tais como, material necessário para o registro das atividades e elaboração das oficinas, bem como sua execução.

3. O risco desta pesquisa é o desconforto que a senhora poderá sentir ao compartilhar informações pessoais ou confidenciais. Se sentir-se incomodado em falar poderá abster-se de responder determinada questão, pois a sua opinião pode se tornar pública. Por isso, o nome do participante é mantido em sigilo, evitando qualquer constrangimento. Os dados da pesquisa serão armazenados pelo pesquisador responsável por um tempo necessário para a sua publicação. Os resultados poderão ser divulgados em publicações científicas, entretanto ele mostrará apenas os resultados, mantendo sua privacidade.

O retorno desta pesquisa se dará através de apresentação pública na instituição, na forma de uma palestra.

Nome do Participante da Pesquisa / ou responsável: _____

Assinatura do Participante da Pesquisa

Pesquisadora Responsável:

Assinatura do Pesquisador Responsável

Local e data Guaíba, .

ANEXOS

ANEXO A -Autorização de funcionamento do Ensino Médio na Escola Prof^a Aglae Kehl

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

COMISSÃO DE ENSINO MÉDIO E EDUCAÇÃO SUPERIOR

Parecer nº 129/2000

Processo SE nº 120.537/19.00/99.8

*Autoriza o funcionamento do ensino médio na Escola Estadual de Ensino Médio Prof. Aglae Kehl, em Guaíba.
Determina providências.*

RELATÓRIO

A Secretaria de Estado da Educação encaminha a este Conselho pedido de autorização para o funcionamento do ensino médio na Escola Estadual de Ensino Médio Prof. Aglae Kehl, localizada na Rua Ver. Ulisses Marçal, s/nº, em Guaíba, sob a jurisdição da 12ª Delegacia de Educação.

2 - Pelo Decreto nº 39.906, de 30 de dezembro de 1999, face ao Parecer CEED nº 850/99, a Escola Estadual de 1º Grau Prof. Aglae Kehl foi transformada e denominada Escola Estadual de Ensino Médio Prof. Aglae Kehl.

3 - O processo contém, entre outras, as seguintes peças:

3.1 - relatório da Comissão Verificadora registrando que a escola dispõe de condições físicas e materiais, instalações e equipamentos necessários para o oferecimento do ensino médio.

Para recreação e prática da Educação Física, a escola dispõe de uma área ampla;

3.2 - declaração da 12ª Delegacia de Educação de que há, na região, corpo docente habilitado para atender ao pedido;

3.3 - croqui do prédio e fotos de aspectos internos e externos;

3.4 - relação dos equipamentos e materiais do laboratório de Ciências Físicas e Biológicas;

3.5 - listagem do acervo bibliográfico, com 1.343 volumes, e nota fiscal da aquisição de mais 65 volumes;

3.6 - declaração da Diretora do estabelecimento de que a escola adotará regimento padronizado.

ANÁLISE DA MATÉRIA

4 - O exame das peças contidas no processo permite constatar que a escola dispõe da infraestrutura mínima necessária ao atendimento da clientela do ensino médio. No entanto, deve a mantenedora:

4.1 - ampliar o acervo bibliográfico e atualizá-lo permanentemente. O início das atividades letivas do ensino médio dar-se-á somente após a incorporação ao acervo de obras referentes ao

Parecer nº 129/2000 - p. 2

componente curricular de Biologia. Orientações a respeito podem ser obtidas nas Indicações CEE nº 33/80 e CEED nº 35/98;

4.2 – suprir o laboratório constantemente de equipamentos e materiais de consumo para atender às necessidades das atividades práticas de Química, Física e Biologia. Orientações a respeito podem ser obtidas na Indicação CEED nº 37/98 que, em suas referências básicas, recomenda: “...para que a prática de laboratório atinja o seu objetivo de auxiliar na compreensão dos fundamentos das ciências, recomenda-se que, além da estrutura física, a escola disponibilize carga horária suficiente, por disciplina, para que seus docentes possam planejar e organizar essas aulas ...”. (grifo do relator)

5 - Quanto ao corpo docente, devem a mantenedora e a escola proceder de acordo com as normas vigentes.

6 - A escola adotará regimento padronizado, aprovado pelo Parecer CEED nº 1.038/98.

CONCLUSÃO

Em face do exposto, a Comissão de Ensino Médio e Educação Superior propõe que este Conselho autorize o funcionamento do ensino médio na Escola Estadual de Ensino Médio Prof. Aglae Kehl, em Guaíba devendo ser atendido o que consta no item 4 deste parecer.

Alerta-se a mantenedora que os Planos de Estudos correspondentes à presente autorização deverão ser aprovados pela Secretaria de Estado da Educação nos termos do disposto no artigo 3º, inciso I, da Resolução CEED nº 244/99.

Reitera-se o contido no subitem 4.1 deste parecer, devendo a 12ª Delegacia de Educação remeter a este Colegiado relatório comprobatório.

Em 21 de janeiro de 2000.

Renato Raúl Moreira - relator

Antônio de Pádua Ferreira da Silva

Augusto Deon

Magda Pütten Dória

Marcos Julio Fuhr

Aprovado, por unanimidade, pelo Plenário, em sessão de 26 de janeiro de 2000.

Libia Maria Serpa Aquino
Presidente

ANEXO B - Lei nº 13.663, de 14 de maio de 2018.

Presidência da República
Secretaria-Geral
Subchefia para Assuntos Jurídicos
LEI Nº 13.663, DE 14 DE MAIO DE 2018.

Altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O **caput** do art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido dos seguintes incisos IX e X:

“Art. 12.

.....

IX - promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (**bullying**), no âmbito das escolas;

X - estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas.”
(NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 14 de maio de 2018; 197º da Independência e 130º da República.

MICHEL TEMER
Rosseli Soares da Silva
Gustavo do Vale Rocha

ANEXO C- Lei nº 13.277, de 29 de abril de 2016.

**Presidência da República
Secretaria-Geral
Subchefia para Assuntos Jurídicos**

LEI Nº 13.277, DE 29 DE ABRIL DE 2016.

Institui o dia 7 de abril como o Dia Nacional de Combate ao Bullying e à Violência na Escola.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º É instituído o Dia Nacional de Combate ao **Bullying** e à Violência na Escola, a ser celebrado, anualmente, no dia 7 de abril.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 29 de abril de 2016; 195º da Independência e 128º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Este texto não substitui o publicado no DOU de 2.5.2016



General Assembly

Distr.: General
27 June 2007

Sixty-first session
Agenda item 44

Resolution adopted by the General Assembly on 15 June 2007

[without reference to a Main Committee (A/61/L.62 and Add.1)]

61/271. International Day of Non-Violence

The General Assembly,

Reaffirming the Charter of the United Nations, including the principles and purposes contained therein,

Recalling its resolutions 53/243 A and B of 13 September 1999, containing the Declaration on a Culture of Peace and the Programme of Action on a Culture of Peace, 55/282 of 7 September 2001 on the International Day of Peace and 61/45 of 4 December 2006 on the International Decade for a Culture of Peace and Non-Violence for the Children of the World, 2001–2010, as well as other relevant resolutions,

Bearing in mind that non-violence, tolerance, full respect for all human rights and fundamental freedoms for all, democracy, development, mutual understanding and respect for diversity are interlinked and mutually reinforcing,

Reaffirming the universal relevance of the principle of non-violence, and desiring to secure a culture of peace, tolerance, understanding and non-violence,

1. *Decides*, with effect from the sixty-second session of the General Assembly and guided by the Charter of the United Nations, to observe the International Day of Non-Violence on 2 October each year, with the International Day being brought to the attention of all people for its celebration and observance on this date;

2. *Invites* all Member States, organizations of the United Nations system, regional and non-governmental organizations and individuals to commemorate the International Day of Non-Violence in an appropriate manner and to disseminate the message of non-violence, including through education and public awareness;

3. *Requests* the Secretary-General to recommend ways and means by which the United Nations system and the United Nations Secretariat could, within existing resources, assist Member States, upon request, in organizing activities to commemorate the International Day of Non-Violence;

4. *Also requests* the Secretary-General to take necessary measures, within existing resources, for the observance by the United Nations of the International Day of Non-Violence;

A/RES/61/271

5. *Further requests* the Secretary-General to keep the General Assembly informed at its sixty-third session of the implementation of the present resolution, within the United Nations system, as regards the observance of the International Day of Non-Violence.

*103rd plenary meeting
15 June 2007*

ANEXO E - Não Violência ativa: Um modo de vida

Não-violência ativa: um modo de vida

Richard Deats

Quando Martin Luther King Jr. foi para o seminário, acreditava que a mensagem de Jesus ajudava as pessoas a se tornarem indivíduos amorosos, compassivos e honestos, corajosos, pacientes e gentis. Mas não entendia como tais qualidades pessoais poderiam ser relevantes no tocante aos grandes males sociais do seu tempo: racismo, guerra, opressão, injustiça. Ele então estudou Gandhi e o movimento de libertação da Índia.

Ali encontrou, em grande escala, um movimento de libertação que resistiu ao maior império daquele tempo usando métodos consistentes com o caminho da verdade e do amor. King depois escreveu que o indiano Gandhi mostrou a ele que sua incredulidade em relação poder do amor era infundada. "Vim a perceber pela primeira vez que a doutrina cristã do amor, operando pelo método gandhiano da Não-Violência, era uma das armas mais poderosas disponíveis para os povos oprimidos em sua luta pela liberdade "Gandhi demonstrou de uma poderosamente atual as implicações do Sermão da Montanha"

ANEXO F - Carta por um mundo sem violência.

Este documento é resultado de vários anos de trabalho de pessoas e organizações laureadas com o Prêmio Nobel da Paz. A minuta foi aprovada na 7ª Cúpula Mundial como “Primeira Minuta para uma Carta por um Mundo Sem Violência”. A versão final foi aprovada pelos Laureados com o Prêmio Nobel da Paz na 8ª Cúpula dos Laureados com o Prêmio Nobel da Paz em 2007.

CARTA POR UM MUNDO SEM VIOLÊNCIA

A violência é uma doença passível de prevenção.

Nenhum estado ou indivíduo pode estar seguro em meio a um mundo sem segurança. Os valores de não violência na intenção, no pensamento e na ação se transformaram de opção em necessidade. Esses valores encontram expressão na sua aplicação no relacionamento entre estados, grupos e indivíduos. Estamos convictos de que a adesão aos valores da não-violência trará uma ordem mundial mais pacífica e civilizada, na qual haverá de fato uma governança justa e eficaz, que respeita a dignidade humana e a santidade da vida mesma.

Nossas culturas, histórias e vidas individuais estão interconectadas, e nossas ações são interdependentes. Hoje, mais do que nunca, não podemos ignorar esta verdade: nosso destino é um destino comum. E esse destino será definido pelas nossas intenções, decisões e ações no presente. Estamos convictos ainda de que, não obstante difícil, o processo de criar uma cultura de paz e não violência é necessário e nobre.

A afirmação dos valores contidos nesta Carta é um passo vital para assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento da humanidade e a consecução de um mundo sem violência. Nós, Laureados com o Prêmio Nobel da Paz, Reafirmando nosso compromisso com a Declaração Universal dos Direitos Humanos; Movidos pela preocupação e necessidade de pôr fim à disseminação da violência em todos os níveis da sociedade, e principalmente as ameaças de escala global que põem em risco a sobrevivência da raça humana; Reafirmando que a liberdade de pensamento e expressão está na raiz da democracia e da criatividade.

Reconhecendo que a violência se manifesta de muitos modos, como conflito armado, ocupação militar, pobreza, exploração econômica, destruição ambiental, corrupção e preconceito de raça, religião, gênero ou orientação sexual; Cientes de que a glorificação da violência da forma como aparece no entretenimento comercial pode contribuir para a aceitação da violência como algo normal e admissível; Sabedores de que os mais fracos e vulneráveis são os mais prejudicados pela violência.

Lembrando que a paz não é apenas a ausência da violência, mas a presença da justiça e do bem estar das gentes;

Conscientes de que o insucesso dos Estados na tarefa de acomodar a diversidade étnica, cultural e religiosa é a raiz de boa parte da violência no mundo;

Reconhecendo a necessidade urgente de desenvolver uma abordagem alternativa para a segurança coletiva, baseada num sistema no qual nenhum país ou grupo de países dependa de armas nucleares para sua segurança;

Cientes de que o mundo precisa de mecanismos e estratégias globais eficazes de prevenção e resolução não-violenta de conflitos, e de que estes são mais bem sucedidos quando aplicados o quanto antes;

Afirmando que as pessoas investidas no poder têm a maior responsabilidade em relação à neutralização da violência onde quer que ocorra, e à prevenção da violência onde seja possível;

Asseverando que os valores da não-violência devem triunfar em todos os níveis da sociedade e também nas relações entre os estados e as gentes.

Pedimos à comunidade global que promova os seguintes princípios:

Primeiro: Num mundo interdependente a prevenção e cessação de conflitos armados entre e dentro dos estados poderá exigir a ação coletiva da comunidade internacional. A segurança de um país ou estado individual pode ser mais bem conseguida pela promoção da segurança humana global. Isto requer o fortalecimento da capacidade de implementação do sistema das Nações Unidas, e também da cooperação entre organizações regionais.

Segundo: Para ter um mundo sem violência os estados devem respeitar o estado de direito e sempre honrar seus compromissos legais.

Terceiro: É fundamental avançarmos sem demora para a eliminação universal e verificável de todas as armas nucleares e de destruição em massa. Os estados que

possuem tais armas devem tomar medidas concretas em direção ao desarmamento, e à criação de um sistema de segurança que não dependa de intimidação nuclear. Ao mesmo tempo, os estados devem sustentar seus esforços para consolidar um regime de não proliferação de armas nucleares, adotando medidas como o fortalecimento de verificações multilaterais, a proteção de material nuclear, e o desarmamento.

Quarto: A fim de contribuir para a eliminação da violência na sociedade a produção e venda de armas leves deve ser reduzida e fortemente controlada a nível internacional, regional, nacional e local. Além disso, deve haver sanção plena e universal dos acordos de desarmamento internacionais, como o tratado que bane as minas de 1997, bem como pleno apoio a novos esforços de erradicação do impacto de armas ativadas pela vítima ou com alvos indiscriminados, como as minas terrestres ou bombas cluster. É preciso que se chegue a um tratado eficaz e completo sobre o comércio de armas.

Quinto: O terrorismo jamais pode ser justificado, pois a violência sempre gera violência, e porque nenhum ato de terror contra populações civis de qualquer país pode ser levado a cabo em nome de causa alguma. Mas a luta contra o terrorismo não pode justificar a violação de direitos humanos, leis humanitárias internacionais ou normas civilizatórias e democráticas.

Sexto: Para por fim à violência doméstica e familiar é preciso respeito incondicional pela igualdade, liberdade, dignidade e direitos das mulheres, homens e crianças por parte de todos os indivíduos, instituições estatais, religiões e sociedade civil. Tal proteção deve ser incorporada às leis e convenções em nível local e internacional.

Sétimo: Todos os indivíduos e estados partilham da responsabilidade pela prevenção da violência contra crianças e jovens, nosso futuro comum e mais precioso dom. Todos eles têm direito à educação de qualidade, cuidados básicos de saúde eficazes, segurança pessoal, proteção social, plena participação na sociedade e um ambiente propício que reforce a não-violência como estilo de vida. A educação para a paz, que promove não-violência e enfatiza a qualidade humana inata da compaixão, deve ser parte essencial do currículo das instituições educacionais de todos os níveis.

Oitavo: Prevenir os conflitos advindos da falta de recursos naturais, principalmente fontes de energia e água, requer que os estados, afirmativamente e pela criação de padrões e mecanismos legais, garantam a proteção do meio-ambiente e motivem a

população a ajustar seu consumo segundo a disponibilidade de recursos e verdadeiras necessidades humanas.

Nono: Pedimos às Nações Unidas e seus estados membros que promovam a apreciação da diversidade étnica, cultural e religiosa. A regra de ouro do mundo não-violento é: Trate os outros da forma como deseja ser tratado.

Décimo: Os principais instrumentos políticos que levam ao nascimento de um mundo não-violento são instituições democráticas que funcionem e o diálogo baseado na dignidade, conhecimento e compromisso, conduzido com vistas ao equilíbrio dos interesses das partes envolvidas e, quando cabível, incluindo a preocupação com a humanidade como um todo e a natureza.

Décimo Primeiro: Todos os estados, instituições e indivíduos devem apoiar os esforços para diminuir a desigualdade na distribuição dos recursos econômicos e resolver as desigualdades mais gritantes que constituem solo fértil para a violência. O desequilíbrio nas condições de vida leva inevitavelmente à falta de oportunidades e, em muitos casos, à perda da esperança.

Décimo Segundo: A sociedade civil (inclusive os defensores dos direitos humanos e da paz) e os ativistas ecológicos devem ser reconhecidos e protegidos como grupos essenciais para a construção de um mundo não violento, pois todos os governos devem servir às necessidades de seu povo, e não a inversa. Devem ser criadas condições para permitir e incentivar a participação da sociedade civil, especialmente das mulheres, nos processos políticos a nível global, regional, nacional e local.

Décimo Terceiro: Ao implementar os princípios dessa Carta, convidamos todos a trabalharem juntos por um mundo mais justo, livre da prática do matar, no qual todos tenham o direito de não serem mortos e a responsabilidade de não matar ninguém.

A fim de combater todas as formas de violência, incentivamos a pesquisa científica em todos os campos da interação e diálogo humanos, e pedimos a participação das comunidades acadêmica, científica e religiosa para que nos ajudem na transição para sociedades não violentas onde não se mata.

Laureados signatários:

- Mairead Corrigan Maguire;

- His Holiness the Dalai Lama;
- Mikhail Gorbachev;
- Lech Walesa;
- Frederik Willem De Klerk;
- Archbishop Desmond Mpilo Tutu;
- Jody Williams;
- Shirin Ebadi;
- Mohamed ElBaradei;
- John Hume;
- Carlos Filipe Ximenes Belo;
- Betty Williams;
- Muhammad Yunus;
- Adolfo Perez Esquivel;
- Wangari Maathai;
- International Physicians for the Prevention of Nuclear War;
- Red Cross;
- International Atomic Energy Agency;
- American Friends Service Committee;
- International Peace Bureau;

Apoiadores da Carta:

- Mr. Walter Veltroni, Prefeito de Roma;
- Mr. Tadatoshi Akiba, Prefeito de Hiroshima, Presidente do Prefeitos pela Paz;
- Mr. Agazio Loiero, Governador da Calábria, Itália;

- Prof. M. S. Swaminathan, Ex-presidente do Pugwash Conferences on Science and World;
- Affairs, detentora do Prêmio Nobel da Paz;
- David T. Ives, Albert Schweitzer Institute;
- Peace People, Organização fundada pelos laureados Mairead Corrigan Maguire e Betty;
- William, Belfast (Irlanda do Norte);
- Bob Geldof, cantor;
- George Clooney, ator;
- Don Cheadle, ator;
- Associazione "MEMORIA CONDIVISA";
- Governo Basco .

ANEXO G - Manifesto em Defesa da Paz - 2000:

Manifesto em Defesa da Paz - 2000

No ano 2000, 100 milhões de pessoas comprometeram-se a criar um novo mundo, baseado na tolerância, na solidariedade e na não-violência.

Manifesto 2000 Por Uma Cultura de Paz e Não-Violência

O Manifesto 2000 por uma Cultura de Paz e Não-Violência foi esboçado por um grupo de laureados do Prêmio Nobel da Paz, que se encontraram em Paris para o 500 aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos Norman Borlaug, Adolfo Perez Esquivel, Michail Gorbatchev, Mairead Maguire, Rigoberta Menchu Tum, Shimon Peres, José Ramos Horta, Joseph Rotblat, David Trimble, Desmond Tutu, Elie Wiesel, Carlos F. Ximenes Belo, Nelson Mandela e o Dalai Lama foram os primeiros signatários do Manifesto 2000.

O Manifesto objetiva a promoção da conscientização e do compromisso individuais: não é nem um apelo nem uma petição dirigidos aos governos ou autoridades superiores. O Manifesto afirma que é da responsabilidade de cada ser humano traduzir os valores, atitudes e padrões de comportamento que inspiram a Cultura de Paz em realidades da vida diária.

Todos podem agir no espírito da Cultura de Paz dentro do contexto da própria família, do local de trabalho, do bairro, da cidade ou da região, tomando-se um mensageiro da tolerância, da solidariedade e do diálogo.

Assinando o Manifesto, todos comprometem-se a:

1. respeitar a vida;
2. rejeitar a violência;
3. ser generoso;
4. ouvir para compreender;
5. preservar o planeta;
6. redescobrir a solidariedade.

A UNESCO, como o corpo das Nações Unidas coordenador da preparação do Ano Internacional da Cultura de Paz, é responsável pela distribuição do Manifesto 2000

pelo mundo afora, e está lançando um apelo a todas as organizações, associações e governos no sentido de cooperarem. As escolas, universidades e associações que trabalham em articulação com a UNESCO no dia-a-dia, bem como junto a outras organizações das Nações unidas, se mobilizarão para distribuir o Manifesto 2000; além disso, será necessário contar com a participação e o apoio de personalidades políticas, intelectuais e artísticas: prefeitos, membros de parlamento, jornalistas, músicos, diretores cinematográficos, cientistas e representantes de organizações religiosas e militares do mundo inteiro.

O objetivo é de coletar 100 milhões de assinaturas até a convocação da Assembléia Geral do milênio em setembro do ano 2000.

As organizações que estiverem colaborando na divulgação do Manifesto 2000 também se comprometerão a participar na coleta de assinaturas. Um site na Internet dedicado ao Manifesto 2000, incluindo o registro de todas as suas assinaturas, já foi implementado no www.unesco.org/manifesto2000.

Em 4 de março de 1999, 100 jovens de diferentes meios e origens foram simbolicamente designados como “mensageiros da Cultura de Paz” pelo Diretor Geral; foram incumbidos de espalhar a mensagem da Cultura de Paz.

MANIFESTO 2000 Por uma Cultura de Paz e Não-Violência

O Ano 2000 deve ser um novo começo para todos nós. Juntos, podemos transformar a cultura de guerra e violência em uma Cultura de Paz e não-violência. Essa evolução exige a participação de cada um de nós para dar aos jovens e as gerações futuras valores que os ajudem a forjar um mundo mais digno e harmonioso, um mundo de justiça, solidariedade, liberdade e prosperidade.

A Cultura de Paz torna possível o desenvolvimento duradouro à proteção do ambiente natural e a satisfação pessoal de cada ser humano. Reconhecendo a minha cota de responsabilidade com o futuro da humanidade, especialmente com as crianças de hoje e as das gerações futuras, eu me comprometo - em minha vida diária, na minha família, no meu trabalho, na minha comunidade, no meu país e na minha região - a:

- Respeitar a vida e a dignidade de cada pessoa, sem discriminação ou preconceito;

- Praticar a não-violência ativa, rejeitando a violência sob todas as suas formas: física, sexual, psicológica, econômica e social, em particular contra os grupos mais desprovidos e vulneráveis como as crianças e os adolescentes;
- Compartilhar o meu tempo e meus recursos materiais em um espírito de generosidade visando o fim da exclusão, da injustiça e da opressão política e econômica;
- Defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, dando sempre preferência ao diálogo e à escuta do que ao fanatismo, a difamação e a rejeição do outro;
- Promover um comportamento de consumo que seja responsável e práticas de desenvolvimento que respeitem todas as formas de vida e preservem o equilíbrio da natureza no planeta;
- Contribuir para o desenvolvimento da minha comunidade, com a ampla participação da mulher e o respeito pelos princípios democráticos, de modo a construir novas formas de solidariedade.

ANEXO H - Discurso de Paulo Freire ao receber o prêmio da UNESCO de Educação para a Paz em 1986

111
199-011-06-002

Parte 2. Capítulos 03. Palestras ^{Sim} Conferências

DISCURSO DE PAULO FREIRE
1986

104

Toda vez que, ao longo de minha vida profissional, tenho experimentado situações como a em que me encontro aqui e agora, uma alegria bem comportada me toma todo. Uma alegria menina, acompanhada de uma certa sensação aparentemente contraditória de desconforto. Alegria bem comportada decorrente do SIM, mesmo relativo, que homenagens como esta significam ao que tenho procurado fazer enquanto educador. Desconforto por viver nestas oportunidades a tensão misteriosa entre a alegria que me toma e o desejo de partir.

Esta sensação de desconforto se intensifica na medida em que, entendendo não me ser possível, após receber a manifestação de apreço, simplesmente dizer muito obrigado e, esgueirando-me, deixar o recinto, não me sinto, porém, à vontade, para fazer um discurso convencional.

O caminho que venho encontrando para superar a tensão vem sendo sobretudo dizer palavras de querer bem. Palavras de bem querer com as quais, principalmente, sublinho a importância de contribuições, muitas delas anônimas, a meu trabalho prático e teórico e com as quais agradeço sinceramente a tantos e a tantas com quem me acho em dívida.

Na verdade, nada do que, faz muito, venho tentando fazer, no campo da educação, no meu país e fora dele, pode ser compreendido se quem procurar compreender não tiver sua curiosidade voltada para as condições históricas, sociais, culturais, políticas, de minha prática. O que quero dizer é que, por mais importante

INSTITUTO PAULO FREIRE
Rua Cerro Corá, 550 2.º andar cj. 2
Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5586
05061-100 - São Paulo - SP - Brasil
E-mail: ipff@paulofreire.org

seja a nota individual de minha prática, de minha busca, o que há nisso tudo de pessoal, não basta para explicar a minha prática. Minha prática se explica socialmente.

Pensando assim, desde jovem, vim me acostumando a encarar com humildade os resultados, bem como o desenvolvimento de esforços em que me tenho envolvido no campo da educação. Por isso mesmo não superestimo nem subestimo as contribuições com que, porventura, tenho concorrido para o fortalecimento de uma prática e de uma compreensão progressistas da educação.

Sempre muito crítico diante de minhas próprias buscas procuro, incessantemente, aprender enquanto ensino. Jamais dicotomizei ensinar de aprender. Sempre insisti na seriedade do ato de ensinar que demanda do professor a necessária competência em torno do conteúdo que ensina, da maneira como ensina e a clareza política sobre ^o favor de quem e de que ensina o que ensina. Jamais pude compreender a prática educativa a não ser na complexidade que a constitui — não há prática educativa sem professor, não há prática educativa sem aluno como não há prática educativa sem conteúdos, sem métodos, sem objetivos, sem finalidades. O que tem havido, historicamente, são práticas e concepções da educação que ora privilegiam a figura do mestre, ora a do aluno, às vezes o conteúdo ou os métodos.

Quando falo em aprender ao ensinar não diminuo em nada o dever que tem o mestre de ensinar. O inegável, porém, é que, ao ensinar, aprende. Aprende da própria incerteza do educando, de sua compreensão nem sempre crítica do próprio ato de conhecer em que se acha engajado com seu professor.

No momento em que a U.N.E.S.C.O. me desafia ao homenagear-me não posso esquecer o quanto pude crescer no desempenho da atividade docente, desafiado também e aberto ao desafio de estudantes, às vezes jovens urbanos universitários de cidades várias do mundo, às vezes

INSTITUTO PAULO FREIRE
Rua Cerro Corá, 550 2.º andar cj. 22
Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5585
05061-100 - São Paulo - SP - Brasil
E-mail: ipf@paulofreire.org

trabalhadores dos campos e de fábricas citadinas de pedaços vários do mundo.

Agora, no momento em que, no meu gabinete de trabalho, em São Paulo, vou enchendo de palavras as páginas que em breve lerei, não posso evitar que minha memória quase me arranque da sala onde estou e me leve a espaços e momentos antes visitados e experimentados por mim. Momentos e espaços muitos, cheios de gentes diferentes - camponeses latino-americanos ou africanos, índios de Norte América ou de América Latina, negros de guetos norte-americanos, grupos populares chamados pela branquitude de aborígenes, na Austrália, na Nova Zelândia, nas Ilhas do Pacífico Sul, trabalhadores urbanos espanhóis, portugueses, italianos com quem me encontrei em Gênova ou em Paris, nos meus tempos de exílio; estudantes universitários de América Latina, da Europa, de Norte América, da África, da Ásia. Povos lutando e libertando-se; frustrando-se também, em África, na América Central, no Caribe, na América Latina.

A muitos desses homens, dessas mulheres, desses jovens, dessas jovens, a muitos de seus espantos ao aprender comigo uma lição fundamental, a muitas de suas dúvidas, de suas ingenuidades, em muito devo. Muitas de suas dúvidas, de suas incertezas, mas também de suas certezas para mim nem sempre arrazoadas, me ajudaram a ver melhor as coisas, a conhecer melhor o que eu pensava que já sabia demasiado bem. É que tomava suas certezas e suas incertezas, suas dúvidas, seus espantos, seu fragmentário conhecimento do mundo como objetos de minha curiosidade nos momentos que a mim jamais faltaram ou faltam — aqueles em que penso a prática para aprender a pensar certo e a praticar melhor.

Verifiquei, também, no meu convívio com trabalhadores e trabalhadoras urbanos e rurais que a leitura menos ingênua do mundo não significa ainda o compromisso com a luta pela transformação do

INSTITUTO PAULO FREIRE
 Rua Cerro Corá, 550 2.º andar cj. 22
 Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5589
 05061-100 - São Paulo - SP - Brasil
 E-mail: inf@institutofreire.org.br

mundo, muito menos a transformação mesma como parece ao pensamento idealista.

De anônimas gentes, sofridas gentes, exploradas gentes aprendi sobretudo que a paz é fundamental, indispensável, mas que a paz implica lutar por ela. A paz se cria, se constroi na e pela superação de realidades sociais perversas. A paz se cria, se constroi na construção incessante da justiça social. Por isso, não creio em nenhum esforço chamado de educação para a paz que, em lugar de desvelar o mundo das injustiças o torna opaco e tenta miopisar as suas vítimas.

Pelo contrário, a educação por que me bato é a que, rigorosa, séria, substantivamente democrática ou progressista, preocupada com que os educandos aprendam, os desafia e os critica.

Não quero dar a impressão aos que me virem agora e aos que amanhã talvez me possam ler que escondo ou nego as marcas tantas que recebi e continuo a receber de um sem número de intelectuais, cientistas, filósofos, pedagogos, políticos de diferentes tempos e espaços. Creio não ser difícil encontrá-los e encontrá-los em meus trabalhos ora explicitadamente ora permeando minhas análises.

De uma coisa estou certo, sem muitos dos primeiros referidos e sem muitos dos segundos mencionados dificilmente estaria aqui agora. A todos o meu reconhecimento. O meu muito obrigado também a Elza, minha mulher, minha companheira, minha professora, minha aluna, avó de minhas netas e de meus netos. Sem ela, certeza bastante certa eu tenho, aqui não estaria.

Quero deixar igual e finalmente os meus agradecimentos ao júri internacional que me escolheu educador do ano de 86 para a paz, à U.N.E.S.C.O., na pessoa do seu Diretor geral Mr. Anadou Mahtar m'Bow e a todos quantos, nesta casa, tiveram qualquer participação na realização da homenagem que recebo.

INSTITUTO PAULO FREIRE
Rua Cerro Corá, 550 2.º andar cj. 22
Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5585
05061-100 - São Paulo - SP - Brasil
E-mail: ipf@paulofreire.org

Concluindo, me parece importante dizer que estou muito consciente da natureza de homenagens como a que acabo de receber. Elas não imobilizam, não paralizam, não arquivam os homenageados. Ao ressaltar o que fazem os desafiam para que continuem fazendo cada vez melhor. Estas homenagens têm uma dimensão basililar, oculta, com relação à qual os homenageados devem estar despertos. Elas são também um ato de advertência e de cobrança. Os homenageados não podem dormir em paz só porque receberam a homenagem.

Eu me sinto cobrado a continuar a merecer a homenagem de hoje.

*São Paulo
Setecentos - 1986*

Paulo Freire

INSTITUTO PAULO FREIRE
Rua Cerro Corá, 550 2.º andar cj. 22
Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5589
05061-100 - São Paulo - SP - Brasil
E-mail: ipf@paulofreire.org